



**ACADEMIA MILITAR**

**DIRECÇÃO DE ENSINO**

**CURSO DE INFANTARIA**

**TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA**

***A GUERRA DO GOLFO DE 1991***

**ALUNO: Aspirante de Infantaria Miguel Coldron de Tovar Faro**

**ORIENTADOR: Tenente Coronel de Artilharia Luís Manuel Garcia de Oliveira**

**LISBOA, Setembro de 2008**





**ACADEMIA MILITAR**

**DIRECÇÃO DE ENSINO**

**CURSO DE INFANTARIA**

**TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA**

***A GUERRA DO GOLFO DE 1991***

**ALUNO: Aspirante de Infantaria Miguel Coldron de Tovar Faro**

**ORIENTADOR: Tenente Coronel de Artilharia Luís Manuel Garcia de Oliveira**

**LISBOA, Setembro de 2008**

## DEDICATÓRIA

A realização deste trabalho de investigação representa a fase final, do ano de tirocinante e o último de Academia Militar. É portanto, um momento de sacrifício e esforço final resultante de quatro anos.

Mas todo este esforço e sacrifício ao longo destes anos marcantes da minha vida, só foram possíveis porque, foram acompanhados por um grande apoio familiar. Iniciando-se com as dificuldades normais sentidas no primeiro ano de Academia, resultantes da adaptação à vida militar, chegamos ao ano de Aspirante marcado pela casa mãe da Infantaria.

Sendo esta a última tarefa a realizar para uma possível entrada nos quadros permanentes do Exército, quero dedicar a realização deste trabalho à minha família, em forma de agradecimento, por todo o seu apoio imprescindível.

Quero também dedicar este trabalho, a todos os militares que servem e defendem a Pátria, ontem como hoje, para que Portugal aconteça.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, TCOR Luís Oliveira, a atenção prestada e entregue na realização deste trabalho. Quero também prestar um agradecimento especial ao TCOR Abílio Lousada pelo apoio disponibilizado, desempenhando praticamente a função de meu co-orientar.

Em segundo lugar, uma palavra especial para curso de Infantaria 2007/08 e para os camaradas mais próximos do curso geral, por todos os momentos passados ao longo destes quase cinco anos. Ficam as recordações, proporcionadas pelos momentos de maior felicidade, mas também por aqueles de maior dificuldade, e a esperança que o contacto perdure no futuro.

Como não poderia deixar de ser, quero agradecer também a todos aqueles que contribuíram para a realização do trabalho, nomeadamente, o Tenente Coronel Almeida Luís, Coronel Calçada, Tenente Coronel Macieira e Tenente Coronel Dias Martins.

A todos, um MUITO OBRIGADO!

# ÍNDICE GERAL

<b>DEDICATÓRIA</b> .....	<b>i</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>ii</b>
<b>ÍNDICE GERAL</b> .....	<b>iii</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS</b> .....	<b>viii</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS</b> .....	<b>ix</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>xi</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>xii</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1. ANTECEDENTES POLÍTICO ESTRATÉGICOS</b> .....	<b>16</b>
<b>2. ANÁLISE DO TEATRO DE OPERAÇÕES</b> .....	<b>19</b>
<b>3. A CAMINHO DA GUERRA</b> .....	<b>22</b>
<b>4. A GUERRA</b> .....	<b>24</b>
4.1. Estrutura de Comando e Controlo dos Oponentes .....	24
4.2. Forças em Presença e Objectivos Operacionais Definidos .....	25
4.3. Operação <i>Desert Storm</i> - Planeamento Operacional .....	30
4.4. Campanha Terrestre .....	35
4.4.1. Dispositivo Militar Iraquiano.....	35
4.4.2. Dispositivo das Forças da Coligação.....	37
4.4.3. Planeamento da Ofensiva Terrestre .....	38
4.4.4. Ofensiva Terrestre.....	39
<b>5. LIÇÕES APRENDIDAS</b> .....	<b>46</b>
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	<b>50</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>53</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>55</b>
ANEXO A CORPO DE CONCEITOS.....	55
ANEXO B FIGURAS POLÍTICAS E REGIÕES DE INTERESSE ECONÓMICO .....	58
ANEXO C O TEATRO DE OPERAÇÕES .....	60
ANEXO D OPERAÇÃO <i>DESERT SHIELD</i> .....	67
ANEXO E ESTRUTURA DE COMANDO E CONTROLO .....	68
ANEXO F FORÇAS PRESENTES NO TO.....	73
ANEXO G ARMAMENTO E EQUIPAMENTO DAS FORÇAS TERRESTRES DA COLIGAÇÃO .....	77
ANEXO H ARMAMENTO E EQUIPAMENTO DA FORÇA AÉREA E MARINHA DA COLIGAÇÃO .....	85
ANEXO I ARMAMENTO E EQUIPAMENTO DAS FORÇAS TERRESTRES IRAQUIANAS	90

ANEXO J ARMAMENTO E EQUIPAMENTO DA FORÇA AÉREA E MARINHA IRAQUIANA .....	95
ANEXO K OPERAÇÃO <i>DESERT STORM</i> .....	97
ANEXO L DISPOSITIVO IRAQUIANO.....	99
ANEXO M DISPOSITIVO DAS FORÇAS DA COLIGAÇÃO.....	103
ANEXO N PLANEAMENTO DA OPERAÇÃO <i>DESERT STORM</i> .....	107
ANEXO O OFENSIVA TERRESTRE .....	110
ANEXO P PRINCIPAIS BAIXAS.....	119
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>121</b>
APÊNDICE Q GUIÃO PARA ENTREVISTA .....	121
APÊNDICE R ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS .....	123

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: O líder iraquiano Saddam Hussein .....	58
Figura 2: O líder iraniano Ayatollah Khomeini .....	58
Figura 3: A região do Shatt Al-Arab .....	58
Figura 4: A região do Shatt Al-Arab e as ilhas Warba e Bourbyane .....	59
Figura 5: Reservas de petróleo na região de Rumáila .....	59
Figura 6: O Teatro de Operações no Médio Oriente .....	60
Figura 7: Bagdad, a capital do Iraque. ....	60
Figura 8: Principais cidades iraquianas.....	61
Figura 9: Principais lagos iraquianos .....	61
Figura 10: Principais vias de comunicação iraquianas.....	62
Figura 11: Ryiadh, a capital saudita .....	62
Figura 12: Principais cidades sauditas.....	63
Figura 13: Principais vias de comunicação sauditas .....	63
Figura 14: A Cidade do Kuwait, capital do Kuwait.....	64
Figura 15: Principais cidades kuwaitianas.....	64
Figura 16: Ilhas kuwaitianas.....	65
Figura 17: Principais portos marítimos.....	65
Figura 18: A região de Al Jahra .....	66
Figura 19: Bases marítimas de Guam e Diego Garcia .....	67
Figura 20: Cadeia de comando e controlo da Coligação.....	70
Figura 21: GEN Norman Schwarzkopf .....	70
Figura 22: Áreas de Responsabilidade da Coligação.....	71
Figura 23: Estrutura de comando das forças ocidentais.....	71
Figura 24: Estrutura de Comando das forças JFC .....	72
Figura 25: Estrutura de comando das forças conjuntas, sob o comando do GEN Schwarzkopf, comandante da CENTCOM .....	72
Figura 26: Efectivos no TO .....	73
Figura 27: Constituição das forças ARCENT .....	74
Figura 28: O EAC do 3º Exército americano .....	74
Figura 29: Estrutura de comando das forças de Fuzileiros .....	75
Figura 30: Estrutura de comando das forças de Operações Especiais .....	75
Figura 31: Estrutura de comando da JFC .....	75
Figura 32: Principais forças intervenientes na ofensiva terrestre .....	76
Figura 33: Avião A10A <i>Thunderbolt</i> .....	77
Figura 34: Helicóptero de combate AH 64 <i>Apache</i> .....	78
Figura 35: Helicoptero UH 60 <i>Black Hawk</i> .....	79

Figura 36: CC M1A1 <i>Abram</i> .....	80
Figura 37: VCI M2 <i>Bradley</i> .....	81
Figura 38: Interoperabilidade entre os vários sistemas de armas .....	82
Figura 39: A utilização das viaturas de Engenharia no campo de batalha.....	83
Figura 40: O emprego combinado das viaturas de Infantaria e Cavalaria .....	83
Figura 41: O GPS .....	84
Figura 42: Bombardeiro F117 <i>Nighthawk Stealthfighter</i> .....	85
Figura 43: Bombardeiro B-52 <i>Stratofortress</i> .....	85
Figura 44: Caça F-15.....	86
Figura 45: Caça F-16 <i>Fighting Falcon</i> .....	86
Figura 46: Caça F-18 <i>Hornet</i> .....	87
Figura 47: Avião de guerra electrónica EA-6B <i>Probler</i> .....	87
Figura 48: Avião supersónico F-14 <i>Tomcat</i> .....	88
Figura 49: Navio de assalto anfíbio LHA-4 <i>Nassau</i> , da classe <i>Tarawa</i> .....	88
Figura 50: Míssil <i>Tomahawk</i> .....	89
Figura 51: O CC T-55 .....	90
Figura 52: O CC T-72 .....	91
Figura 53: Espingarda automática AK 47.....	92
Figura 54: O helicóptero Mi 24 <i>Hind</i> .....	93
Figura 55: Misseis SCUD.....	94
Figura 56: Caça Mig 29 <i>Fulcrans</i> .....	95
Figura 57: Bombardeiro <i>Mirage F1</i> .....	96
Figura 58: Míssil <i>Styx</i> .....	96
Figura 59: Região de Damã, local em que foi dado o plano geral da campanha.....	97
Figura 60: As quatro fase do plano geral da campanha .....	97
Figura 61: Localização dos porta-aviões americanos.....	98
Figura 62: Localização das Forças iraquianas fora do TO .....	99
Figura 63: Dispositivo iraquiano no interior do TO .....	99
Figura 64: Localização da reserva, constituída por forças da Guarda Republicana .....	100
Figura 65: Linhas defensivas iraquianas .....	100
Figura 66: Dispositivo iraquiano .....	101
Figura 67: Posições defensivas iraquianas .....	101
Figura 68: CC iraquianos a serem utilizados de forma estática.....	102
Figura 69: Dispositivo inicial da Coligação .....	103
Figura 70: Manobra <i>Hail Mary</i> .....	103
Figura 71: Ataque à cidade de Al Khafji pelas forças iraquianas.....	105
Figura 72: Forças na linha de partida.....	106
Figura 73: O itinerário de Hafar Al Batin.....	108

Figura 74: Desembarque anfíbio na costa Kuwaitiana .....	108
Figura 75: Forças de Fuzileiros e Navais simulando o esforço em direcção à Cidade do Kuwait.....	109
Figura 76: A acção planeada .....	109
Figura 77: Acções realizadas pelas unidades do XVIII CE AerTrp .....	110
Figura 78: Acções realizadas pelas unidades do VII CE Blind .....	110
Figura 79: Acções das unidades de Fuzileiros e Árabes.....	111
Figura 80: Op. de Junção realizada por unidades do XVIII CE .....	111
Figura 81: Acções desenvolvidas pelas unidades do VII CE Blind.....	112
Figura 82: O contínuo avanço das forças mais a Este em direcção à Cidade do Kuwait ...	112
Figura 83: O XVIII CE conclui o seu envolvimento.....	113
Figura 84: As forças do XVIII CE preparam-se para se juntarem ao VII CE no combate contra a Guarda Republicana .....	114
Figura 85: O VII CE cerca as forças da Guarda Republicana .....	115
Figura 86: As forças da Coligação cercam a Guarda Republicana e as forças mais a Este entram na Cidade do Kuwait.....	116
Figura 87: Exploração do sucesso .....	116
Figura 88: Local escolhido para conversações de cessar-fogo .....	117

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Contribuição militar dos principais países.....	69
Quadro 2: Alguns dados técnicos do avião A10 <i>Thunderbolt</i> .....	77
Quadro 3: Alguns dados técnicos do helicóptero AH 64 <i>Apache</i> .....	78
Quadro 4: Alguns dados técnicos do helicóptero UH 60 <i>Black Hawk</i> .....	79
Quadro 5: Alguns dados técnicos do CC M1A1 <i>Abram</i> .....	80
Quadro 6: Alguns dados técnicos da VCI M2 <i>Bradley</i> .....	81
Quadro 7: Alguns dados técnicos do CC T-55 .....	90
Quadro 8: Alguns dados técnicos do CC T-72 .....	91
Quadro 9: Alguns dados técnicos da AK 47 .....	92
Quadro 10: Alguns dados técnicos do Mi 24 Hind.....	93
Quadro 11: Perdas de equipamentos .....	120

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>AAA</b>	Artilharia Anti Aérea.
<b>ACar</b>	Anti Carro.
<b>AeroMov</b>	Aeromóvel.
<b>AeroTrp</b>	Aerotransportado.
<b>APes</b>	Anti pessoal.
<b>ARCENT</b>	Comando central do Exército: Army of Central Command.
<b>NBQ</b>	Nuclear, Biológico e Químico.
<b>Blind</b>	Blindado.
<b>CAV</b>	Cavalaria.
<b>CC</b>	Carros de Combate.
<b>CE</b>	Corpo de Exército.
<b>CENTAF</b>	Comando Central da Força Aérea: Air Force of Central Command.
<b>CENTCOM</b>	Comando Central: Central Command.
<b>COR</b>	Coronel.
<b>EAU</b>	Emirados Árabes Unidos: United Arabe Emirates (UAE).
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América.
<b>GEN</b>	General.
<b>GPS</b>	Sistema de Posicionamento Global: Global Positioning System.
<b>IESM</b>	Instituto de Estudos Superiores Militares.
<b>INF</b>	Infantaria.
<b>JFC</b>	Comando das Forças Conjuntas: Joint Forces Command.
<b>Kg</b>	Quilograma.
<b>Km</b>	Quilómetros.
<b>m</b>	metros.
<b>MARCENT</b>	Comando central dos Fuzileiros: Marine Corps of Central Command.
<b>MEF</b>	Força expedicionária da Marinha: Marine Expeditionary Force.
<b>min</b>	Minutos.
<b>NAVCENT</b>	Comando central da Marinha: Navy of Central Command.
<b>NU</b>	Nações Unidas.
<b>OBJ</b>	Objectivo.
<b>OLP</b>	Organização para a Libertação da Palestina: Palestine Liberation Organization (PLO).
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas.

*Lista de Siglas e Abreviaturas*

<b>OPEP</b>	Organização dos Países Exportadores de Petróleo: Organization of Petroleum Exporting Countries (OPEC).
<b>Op.</b>	Operação.
<b>PG</b>	Prisioneiro de Guerra.
<b>SOCCENT</b>	Comando central das Operações Especiais: Special Operations Command of Central Command.
<b>SAM</b>	Míssil superfície-ar: Surface to Air Missile
<b>t.p.m</b>	Tiros por minuto.
<b>TCOR</b>	Tenente Coronel.
<b>TGEN</b>	Tenente General.
<b>TIR</b>	Tirocinado.
<b>TO</b>	Teatro de Operações.
<b>UNSCR</b>	Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas: United Nations Security Council Resolution.
<b>URSS</b>	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.
<b>VBTP</b>	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal.
<b>VCI</b>	Viatura de Combate de Infantaria.
<b>ZnRn</b>	Zona de Reunião.
<b>CIA</b>	Central Intelligence Agency

## RESUMO

O tema deste trabalho de investigação versa a Guerra do Golfo de 1991. O objectivo que nos propomos atingir com a sua realização, para além de aprofundar o nosso conhecimento sobre esta guerra, consiste em retirar as principais lições resultantes do emprego de armas combinadas, uma vez que esta guerra foi a última convencional e a primeira a utilizar sistemas tecnológicos inovadores para a altura, marcando o início de um novo período para as tecnologias e informações nos conflitos armados.

No nosso trabalho procuramos descrever os principais acontecimentos, sensivelmente entre 1980 a inícios de 1992, que marcaram o início, o desenrolar e o fim da Guerra do Golfo. Iniciamos a nossa abordagem, demonstrando de forma resumida os principais factores que estão na origem da crise no Médio Oriente e que levam à invasão do Kuwait por parte do Iraque. Após uma análise daquele que viria a ser o Teatro de Operações, descrevemos todo o decorrer da guerra abordando a Operação *Desert Shield* e posteriormente, com maior relevância, a Operação *Desert Storm*. Através da descrição desta última operação, mostramos alguns exemplos sobre o emprego de armas combinadas nos vários combates durante a guerra, a partir dos quais retiramos as principais lições, no sentido pedagógico de perscrutar situações a evitar ou a incrementar no futuro.

Apoiámo-nos essencialmente em pesquisas documentais, para a descrição da guerra, e em entrevistas a oficiais do Exército português com conhecimento sobre o tema, que contribuíram com opiniões e ideias para o objectivo principal do trabalho.

Esta investigação permitiu-nos aprofundar o nosso conhecimento não só a nível cultural, mas também militar. Mas, mais importante, demonstrou-nos como o emprego de armas combinadas para além de ter sido essencial para o sucesso e rapidez da guerra, pode ainda ser maximizado com a utilização de helicópteros.

**Palavras-chave:** Operação *Desert Storm*, ofensiva terrestre, helicópteros, armas combinadas, lições aprendidas.

## ABSTRACT

The subject of this investigation work concerns the Gulf War of 1991. The objective that we propose to achieve, besides increasing our knowledge about this war, is aimed at the primary lessons of the use of combined arms, because this was the last conventional war, and the first one to use developed technological systems at the time, marking a new period for technology and information on the conflict arms.

Throughout this work we aim to describe the main results, between 1980 and the beginning of 1992, marking the beginning, development, and ending of the Gulf War.

We start this work demonstrating, through resume, the central reasons fermenting the crises in Middle East, and escalation to the invasion of Kuwait, by Iraq. Then, we analyze the Theatre of Operations and describe the war, starting with Operation *Desert Shield*, and then, in more detail, Operation *Desert Storm*. Latter, we demonstrate some examples of the use of combined arms, during the various battles of the war, and from there, we obtain the primary lessons learnt, and pedagogically scrutinizing the situations, we may avoid or increment in the future.

Our investigation was primarily done through document research for the description of the war, and the interviewing of some officers of the Portuguese army with knowledge on the subject, contributing with opinions and ideas concerning the objective of the work.

This investigation allowed us to increase our cultural and military knowledge. But, more important, it demonstrated, to us, the use of combined arms: besides being essential to the success and speed of the war, it can be even more maximized by the use of helicopters.

**Key Words:** Operation *Desert Storm*, ground offensive, helicopters, combined arms, lessons learnt.

## INTRODUÇÃO

A Guerra do Golfo de 1991 ocorreu no período pós guerra fria. Com o terminar dos dois grandes blocos políticos existentes no mundo, centrados nos EUA e na URSS, julgava-se que a guerra tinha chegado ao seu fim. Por este motivo a Guerra do Golfo foi para muitos uma surpresa, tendo sido um conflito que se iniciou a nível regional e que rapidamente assumiu proporções internacionais.

O Médio Oriente foi sempre uma região muito cobiçada por motivos estratégicos e políticos, principalmente, pela sua riqueza em petróleo. O seu despoletar acontece com a invasão do Kuwait por parte do Iraque, que leva à intervenção de uma força multinacional para libertar esse país da ocupação iraquiana.

A Guerra do Golfo de 1991 foi o tema escolhido para a realização deste trabalho. Apesar de tratar uma guerra que já foi debatida por muitos autores e que ocorreu à dezassete anos atrás, o seu estudo torna-se importante por ter sido a última que opôs duas forças que procuraram através de meios convencionais obter a decisão da mesma. De tal forma que, no que concerne à campanha terrestre, a guerra de 1991 permite-nos vislumbrar um conjunto de manobras operacionalizadas em conjunto e de forma organizada entre unidades da força multinacional. Paralelamente, os grandes efectivos e diversidade de origens da força multinacional possibilitou a realização de operações conjuntas e combinadas, em que foram utilizados todo um sistema de armas e equipamentos sofisticados e inovadores, tornando mais eficaz o emprego simultâneo de armas combinadas com helicópteros de combate, resultantes da doutrina *Air Land Battle*.

Ao longo do trabalho realizamos uma descrição dos acontecimentos desde os antecedentes que vão levar à guerra, passando pela invasão do Kuwait, e por último, a campanha militar. Dada a vasta natureza deste trabalho, vamos restringir a nossa pesquisa à componente operacional direccionada ao emprego de armas combinadas, especialmente de Infantaria e Cavalaria, durante a campanha terrestre, mais especificamente durante a ofensiva terrestre. Assim, não vamos abordar pormenorizadamente a parte logística inerente à campanha, apesar de ter sido extremamente importante durante esta guerra, limitando-nos, a algumas referências gerais sempre que for necessário para a compreensão do assunto.

O nosso objectivo consiste ver em que medida o emprego de armas combinadas foi importante na realização da ofensiva terrestre durante a Operação *Desert Storm*, uma vez que, ao longo destes quatro anos de Academia Militar, os temas abordados na disciplina de táctica tinham sempre em conta a constituição de Agrupamentos de Infantaria com Carros de Combate. A nossa finalidade é extrair as lições que poderão ser utilizadas ou evitadas por uma força militar neste tipo de cenário, e demonstrar a importância que os helicópteros trazem em apoio das unidades de Infantaria e Cavalaria, através da aplicação da doutrina *Air Land Battle* para as forças terrestres.

Para atingir o objectivo do nosso trabalho foi levantada como questão central:

- Quais as lições aprendidas relativamente ao emprego das armas combinadas pelas forças terrestres, na Guerra do Golfo de 1991?

A partir da questão central foram levantadas as seguintes questões derivadas:

- Qual a influência do Teatro de Operações na condução das operações militares?
- Quais os objectivos da operação *Desert Shield*?
- De que forma a estrutura de comando e controlo dos oponentes influenciou a condução das operações?
- Qual o potencial relativo de combate envolvido para a operação *Desert Storm*?
- Qual a adequação do dispositivo iraquiano em relação às intenções da manobra da Coligação?

Com base nas questões colocadas, surgem-nos três hipóteses orientadoras:

- O emprego de armas combinadas pela Coligação foi sem efeito.
- O emprego de armas combinadas pela Coligação foi o principal factor para o sucesso da ofensiva terrestre, superando a forma de emprego de forças utilizado pelas forças iraquianas.
- O sucesso da ofensiva terrestre deveu-se à utilização de outros meios militares, para além das armas combinadas.

Para a realização do trabalho efectuámos uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema em questão. Tendo em conta a vasta informação que existe sobre este tema, a bibliografia utilizada baseou-se essencialmente em livros, do qual destacamos o de Alastair Finlan, trabalhos realizados sobre esta guerra, como o do TCOR Ribeiro, TCOR Macieira e um trabalho do Exército espanhol. Apresentações em PowerPoint do TCOR Lousada, artigos de revistas e jornais portugueses e de outras nacionalidades, do qual destacamos o Jornal do Exército; Military Review; Ejército e Soldier, e artigos de internet. Para complementar a nossa pesquisa bibliográfica e obtermos outras ideias ou opiniões não conseguidas durante essa pesquisa, realizámos entrevistas a três oficiais do Exército português: ao COR Calçada, ao TCOR Macieira e ao TCOR Lousada. Estes oficiais foram escolhidos pelo seu domínio nesta matéria através de aulas leccionadas em cursos de promoção e trabalhos realizados. As entrevistas foram orientadas para dar resposta às questões colocadas no trabalho, e as respostas obtidas pelos entrevistados encontram-se referenciadas ao longo do mesmo.

O nosso trabalho está organizado em seis capítulos. No primeiro capítulo, abordamos os antecedentes políticos e estratégicos no sentido de percebermos as relações e interesses que existiam no Médio Oriente e que vão levar à invasão do Kuwait pelo Iraque. No segundo capítulo, fazemos uma análise do Teatro de Operações, mencionando os factores com maior influência a nível militar. No terceiro capítulo, abordamos a invasão do Kuwait pelas forças iraquianas e a consequente resposta pela força multinacional, através da Operação

*Desert Shield*. No quarto capítulo, começamos por abordar a estrutura de comando das forças oponentes, as principais forças presentes e os seus objectivos operacionais, seguido da operação *Desert Storm*, do dispositivo militar iraquiano e, de uma forma mais descritiva, a campanha terrestre nesta operação, o aspecto mais importante do nosso tema. O quinto capítulo, será aquele que mais contribuirá para a questão central, sendo dedicado exclusivamente às lições aprendidas resultantes do emprego de armas combinadas, a partir de toda a descrição da campanha terrestre. Por último, as conclusões, em que expomos as principais ilações alcançadas com a resolução do trabalho, respondendo às questões colocadas.

# 1. ANTECEDENTES POLÍTICO ESTRATÉGICOS

Se analisarmos a história do Médio Oriente, facilmente verificamos que esta região teve um passado baseado em conflitos, guerras e revoltas, que muitas das vezes resultaram na intervenção de outros países<sup>1</sup>. Segundo o TCOR Ribeiro (2000), a causa destes conflitos e interesses externos, resultaram de três factores: primeiro, a instabilidade criada resultante da grande diferença étnica, social e religiosa no Médio Oriente, segundo, a importância da posição estratégica do Médio Oriente, devido à sua localização entre o Mediterrâneo e o Índico, ocupando uma posição central entre os continentes Europeu, Africano e Asiático, terceiro, é uma região com abundantes reservas de petróleo de fácil e barata extração.

Analisando os acontecimentos que levaram ao desencadear da Guerra do Golfo, destacamos três períodos fundamentais. O período de 1980 a 1988, marcado pela Guerra Irão-Iraque, o período de 1989 a 1990, caracterizado pelo rearmamento iraquiano, o período a partir de 1990, devido às pressões ao Kuwait que vão resultar na sua invasão. Vamos de seguida analisar sumariamente cada um destes períodos.

Em 1979, Saddam Hussein (Anexo B, Figura 1) assume o poder do Iraque precisamente na mesma altura que Ayatollah Khomeini (Anexo B, Figura 2) no Irão, após uma Revolução Fundamentalista. Em resultado dos acontecimentos no Irão, os EUA iniciaram relações diplomáticas com o Iraque, no sentido de levar este país a assumir uma posição regional estratégica em substituição do Irão.

Em 1980, inicia-se a Guerra Irão-Iraque. O principal motivo desta guerra relacionava-se com a questão das fronteiras. O novo líder iraniano pôs fim a um acordo estabelecido em 1975 reclamando a região estratégica do Shatt Al-Arab (Anexo B, Figura 3), que era fundamental para o escoamento do petróleo iraquiano (QuidNovi, 2003). Segundo o TCOR Lousada (2008), esta região do crescente fértil, é uma região rica em vegetação, com condições ideais de vida, a partir do qual surgiu a civilização da antiga Mesopotâmia, iniciando a História. Para além da sua importância natural, há que salientar a sua importância enquanto fronteira disputada entre o Iraque e Irão. A este motivo podemos associar outros como a religião e a questão do petróleo, associado à vontade do Iraque em se afirmar como potência regional, apoiado pelos EUA.

Durante este período a relação entre os EUA e Iraque podia ser resumida numa frase muito conhecida “*o inimigo do meu inimigo é meu amigo*” (Finlan, 2003, p. 14), ou seja, uma relação assente em interesses políticos. O maior interesse para os EUA era a sua política para o Médio Oriente, enquanto o Iraque via nos EUA uma fonte de financiamento e apoio para derrotar os fundamentalistas Islâmicos. O Iraque também recebeu apoios económico e

---

<sup>1</sup> Guerras Israelo-Árabes, Guerra Irão-Iraque, Líbano.

militares de outros países nesta guerra, como da URSS, Grã Bretanha<sup>2</sup>, França<sup>3</sup> e maior parte dos Estados Árabes. Isto permitiu-lhe desenvolver um grande potencial em armas convencionais, tornando-se no quarto maior Exército do mundo (Finlan, 2003).

Aquilo que era um país rico e próspero, após a guerra tornou-se um país economicamente debilitado, com grande necessidade de crédito financeiro. Em termos regionais, a relação de Saddam com os seus países vizinhos<sup>4</sup> enfraqueceu após a guerra contra o Irão. Os seus únicos aliados na região eram a Jordânia e a OLP, países que não tinham condições para solucionar o problema económico iraquiano (Finlan, 2003).

A partir de 1989, fruto da queda do Muro de Berlim, a URSS perdeu influência a nível internacional<sup>5</sup>, o que leva Saddam a disputar a liderança da região do Golfo com os EUA. Reforçando a sua intenção de tornar o Iraque na única potência regional, Saddam começa a reforçar o seu potencial militar, incluindo a obtenção de materiais para a construção de armas nucleares e armas de destruição maciça (Lousada, 2008).

Saddam Hussein tinha assim dois grandes problemas, pagar as dívidas resultantes das grandes quantidades de dinheiro pedidos aos estados ricos do Golfo, e a necessidade urgente de capital para resolver a situação económica do país.

Para agravar a situação, vem a questão do petróleo, uma das principais fontes económicas do Iraque. O Kuwait e a EAU eram os dois grandes super produtores de petróleo, e a sua estratégia de diminuir os preços era no sentido de levar mais nações a ficarem dependentes da OPEP<sup>6</sup>. Esta estratégia daria resultados a longo prazo, mas no imediato reduziu a capacidade do Iraque resolver a sua situação financeira (Finlan, 2003).

A partir de 1990, Saddam volta as suas atenções para o Kuwait. Atendendo aos seus objectivos em dominar o mundo Árabe, o Iraque necessitava de aumentar o acesso aos mares do Golfo Pérsico, devido à sua pequena costa. Para tal, *“pretendia que o Irão reconhecesse a sua soberania sobre o Shatt Al-Arab e que o Kuwait lhe cedesse ou alugasse as ilhas Warba e Bourbyane”* (Ribeiro, 2000, p. 5) (Anexo B, Figura 4).

Durante a Primavera de 1990, na esperança de solucionar a crise interna<sup>7</sup> do país, Saddam pressiona ainda mais os países em seu redor, para tal:

- Exigiu a suspensão das suas dívidas do tempo da guerra à Arábia Saudita e Kuwait, e um empréstimo de mais de 30 biliões de dólares;

---

<sup>2</sup> Em 1990, o Iraque era o terceiro maior parceiro da Grã Bretanha (Finlan, 2003).

<sup>3</sup> A França vendeu armas e tecnologia para a construção de um reactor nuclear. Trocas na ordem dos biliões de francos que duraram até ao fim da década de oitenta, até que os Franceses começaram a duvidar se o Iraque conseguiria pagar as suas dívidas (Finlan, 2003).

<sup>4</sup> Como o Kuwait, Arábia Saudita, Egípto, Síria e a EAU.

<sup>5</sup> Com a ascensão de Mikhail Gorbachev, a Rússia focou as suas atenções no problema financeiro causado pela queda da União Soviética (Finlan, 2003).

<sup>6</sup> A OPEP, por esta altura, tinha perdido muito do seu peso internacional devido à sua política de aumentar os preços do petróleo e restringir o fluxo do mesmo. Isto levou a que os países ocidentais procurassem outras fontes de reservas de petróleo. Para a OPEP voltar a ganhar as atenções destes países, o fluxo de petróleo para o exterior teria que aumentar e os preços diminuiriam (Finlan, 2003).

<sup>7</sup> Crise económica, política e social dadas as quatro tentativas de assassinato a Saddam, sinónimo do descontentamento da população.

- Que os países produtores de petróleo cumprissem as cotas da OPEP, de forma a não haver descidas no preço do petróleo;
- Ameaçou destruir Israel caso este atacasse as instalações de armamento iraquianas<sup>8</sup>;
- Acusou o Kuwait de ter roubado petróleo iraquiano das reservas de Rumáila (Anexo B, Figura 5) e, que os seus empréstimos ao Iraque, durante a década de oitenta, vinham de lucros obtidos pela superprodução de petróleo. Além disso, argumentou que o Kuwait tinha intenções de longa data<sup>9</sup> em adquirir território iraquiano. Assim, exigia uma indemnização de 2.4 biliões de dólares e um compromisso financeiro para a reconstrução do Iraque (Finlan, 2003; Lousada, 2008).

Perante estas tentativas falhadas, a partir de 8 de Julho de 1990, o Iraque adoptou uma dupla política, ou seja, ao mesmo tempo que ocorriam relações diplomáticas com os outros países, iniciou-se o envio de forças militares iraquianas para a fronteira com o Kuwait. Em 19 de Julho, cerca de 40.000 soldados estavam em posição na fronteira chegando a um total de cerca de 100.000 homens. Em resposta, os EUA enviaram seis navios de guerra para o Golfo Pérsico que iniciaram exercícios militares com a EAU (Lousada, 2008).

Segundo Finlan (2003), a futura invasão do Kuwait poderia ter sido evitada, se tivesse havido uma atitude mais flexível por parte do Kuwait que, apesar de todas as informações, não encarou as exigências de Saddam com a devida seriedade, julgando que este estaria apenas a impor e afirmar a sua posição de negociante, face à situação do seu país<sup>10</sup>.

A liga Árabe, após as ameaças de Saddam, enviou o presidente egípcio<sup>11</sup> como mediador, na procura de uma solução pacífica para as duas partes. Em 25 de Julho, é enviada a embaixadora dos EUA no Iraque<sup>12</sup>. Quer Mubarak quer Glaspie regressaram das respectivas reuniões convictos de que o Iraque não iria invadir o Kuwait.

Em 31 de Julho de 1990, iniciaram-se as negociações em Jeddah, entre os representantes de Saddam e o príncipe do Kuwait<sup>13</sup>. Perante as exigências iraquianas, o Kuwait apenas cedeu nas exigências relacionadas com o petróleo, enquanto o empréstimo de dinheiro só seria realizado se houvesse um acordo de demarcação de uma fronteira comum (Ribeiro, 2000).

Com o falhanço iraquiano em obter as suas exigências na totalidade, Saddam ordenou o ataque ao Kuwait. Este tinha sido o último jogo diplomático por parte de Saddam.

---

<sup>8</sup> Em 7 de Junho de 1981, Israel planeou e executou um ataque com uma esquadrilha, à central nuclear de Osiaq, destinada a dotar o Iraque de armas nucleares. Esta operação foi autorizada pelo director da CIA e apoiada pela Arábia Saudita através do fornecimento de meios aéreos (QuidNovi, 2003).

<sup>9</sup> Desde a altura que o Iraque combatia os fundamentalistas islâmicos.

<sup>10</sup> Por exemplo, em 19 de Julho, as forças armadas do Kuwait após terem sido inicialmente postas em alarme, foram retiradas desse estado de alerta (Finlan, 2003).

<sup>11</sup> Hosni Mubarak.

<sup>12</sup> April Glaspie.

<sup>13</sup> Sa'd Abdallah Al-Sabah.

## 2. ANÁLISE DO TEATRO DE OPERAÇÕES

O TO (Anexo A) que serviu de campo de batalha para a Operação *Desert Storm* incluiu na totalidade o território do Kuwait e parte do território do Iraque e Arábia Saudita.

Estes três países localizam-se no Médio oriente (Anexo C, Figura 6), mais precisamente na região do Golfo Pérsico.

O Médio Oriente caracteriza-se essencialmente pelas suas regiões desérticas, que poderão ser consideradas como obstáculos quer para os soldados quer para as viaturas militares, devido às altas temperaturas que se fazem sentir, na média dos 40°C (Lousada, 2008). A obtenção de água no Médio Oriente torna-se difícil, na maioria das suas regiões, dada as suas terras pouco irrigáveis.

Na fronteira entre o Iraque e Irão encontram-se os rios Eufrates e Tigre que podem servir como obstáculos importantes, consoante se encontrarem perpendicular ou paralelamente ao sentido de direcção do movimento de forças. Nesta mesma área encontra-se a já falada região fértil do Shatt Al-Arab, muita rica em vegetação, daí se poder considerar um local importante para a instalação de tropas (Lousada, 2008). A língua maioritariamente falada nestes três países do Médio Oriente é o Árabe, o que poderá dificultar a obtenção de informações por parte da Coligação, requerendo para tal a necessidade de intérpretes.

O Iraque possui uma área total de 437.072 Km<sup>2</sup> para uma população de 18.700.000 habitantes. A sua capital é a cidade de Bagdad (Anexo C, Figura 7) com cerca de 4.650.000 habitantes. Próximo da região do Shatt Al-Arab encontra-se a segunda cidade mais importante do país, a cidade de Bassorá, com 620.000 habitantes, e o seu principal porto marítimo. Outras cidades importantes são Mossoul, KirKurk, As-Sulaymaniyah, Kerbala, Al-Hillah, An-Nasiriyah e An-Najaf (Anexo C, Figura 8) (Chiffres, 1992; P. Monteiro, 1991). A maioria destas cidades situam-se junto ao rio Eufrates, tornando-se possíveis pontos estratégicos. Contudo, a densidade populacional poderá oferecer alguma oposição em relação à movimentação de tropas no interior das cidades, especialmente para as viaturas blindadas.

Dos três países, é o Iraque que apresenta um terreno mais irregular. A zona mais a Norte corresponde à parte mais montanhosa do país, dificultando a progressão de forças militares. Junto aos rios Eufrates e Tigre o terreno é mais plano e arável e, à medida que nos deslocamos para Sul, entramos na zona desértica do país. Para além destes dois rios, os lagos Ath Tharthar, Razazah e Hammar (Anexo C, Figura 9) são bons obstáculos naturais (Lousada, 2008). Estes rios apenas são navegáveis por pequenas embarcações.

Dos três países, o Iraque é aquele que tem mais recursos hídricos. Mesmo assim, a obtenção de água poderá ser dos maiores problemas para os militares.

A região do Shatt Al-Arab é o único acesso que o Iraque possui para o Golfo Pérsico.

As principais vias de comunicação são:

- “Bagdad – Al Hillah – Rafhah (na Arábia Saudita);
- Bagdad – An Nasiriyah – Bassorá – Cidade do Kuwait (no Kuwait);
- Bagdad – Al Amarah – Bassorá” (P. Monteiro, 1991) (Anexo C, Figura 10).

Todas estas vias de comunicação partem da capital, salientando-se aquela que permite a entrada na Cidade do Kuwait como um possível eixo de progressão.

A maioria destas estradas possuem pontes sobre os dois principais rios que permitem a retirada das principais cidades, tornando-se possíveis alvos estratégicos. O Iraque possui um total de cerca de 30.217 Km de estradas, em que 23.047 Km são estradas alcatroadas, facilitando o deslocamento de viaturas de rodas e o acesso mais rápido às principais cidades dos três países (Chiffres, 1992).

A Arábia Saudita é o maior país da região, com uma área total de 2.149.690 Km<sup>2</sup> para uma população de 13.900.000 habitantes. A sua capital é a cidade de Riade (Anexo C, Figura 11) com 1.200.000 habitantes. Algumas das suas cidades mais importantes são Medina, Meca, Al Hufuf e Al Jubayl (Chiffres, 1992; P. Monteiro, 1991). As cidades de Khafji e Al Batin poderão ser dois locais estratégicos devido à sua proximidade com a fronteira do Kuwait (Anexo C, Figura 12).

Possui um total de 72.305 Km de estradas e tem como principais vias de comunicação (Anexo C, Figura 13):

- “Riade – Al Hufuf – Al Jubayl;
- Al Jubayl – Al Qaysumah – Rafta;
- Há ‘il – Rafta – Al Hillah – Bagdad (Iraque)” (P. Monteiro, 1991).

Estas vias de comunicação dispõem-se ao longo da costa que liga ao Golfo pérsico e na fronteira com o Kuwait e Iraque, favorecendo o acesso para o interior destes mesmos países.

O Kuwait<sup>14</sup> é um pequeno Estado situado na costa Noroeste do Golfo Pérsico. Este antigo protectorado britânico, está limitado a Norte, Noroeste e a Oeste com o Iraque, a Sul com a Arábia Saudita e a Este com o Golfo Pérsico. Na sua fronteira a Sul com a Arábia Saudita existe uma zona neutral com cerca de 5700 Km<sup>2</sup>, extremamente rica em petróleo que é dividido igualmente pelos dois países (Estratégia, 1998).

A grande importância estratégica do Kuwait deve-se aos seus 10% de reservas de petróleo existentes naquele pequeno território, tornando-o num país cobiçado não só pelos seus vizinhos Árabes, mas também pelos países ocidentais que são seus consumidores e dependentes.

O Kuwait tem uma extensão cerca de 17.818 Km<sup>2</sup><sup>15</sup>, para um total de 2.200.000 habitantes, constituídos na sua maioria por imigrantes (Estratégia, 1998; Chiffres, 1992). A sua capital é

<sup>14</sup> Em Árabe significa “pequeno forte” (Estratégia, 1998).

<sup>15</sup> Incluindo a zona neutral compartilhada com a Arábia Saudita e os seus territórios insulares.

a Cidade do Kuwait (Anexo C, Figura 14) com 580.000 habitantes. Para além desta as suas principais cidades são As Salimiyah e Hawalli (Anexo C, Figura 15) (Chiffres, 1992).

O território do Kuwait é na sua maioria desértico, sem relevos e cursos fluviais permanentes. A parte mais a Sudoeste do país é ligeiramente ondulada devido às dunas naturais. A altura média sobre o nível do mar é de 330m. Devido à extensão e planícies Kuwaitianas, a defesa deste território torna-se difícil. Não dispõe de linhas de defesa naturais nem de zonas montanhosas, bem como, poucos pontos de passagem de abastecimentos em nós de comunicação interiores. Contudo, favorece o emprego de CC e viaturas mecanizadas (Estratégia, 1998).

O Kuwait possui uma costa com cerca de 499 Km<sup>16</sup>, caracterizada por ser baixa e arenosa, o que favorece operações de desembarques anfíbios. Os principais portos<sup>17</sup> encontram-se mais a Sul (Anexo C, Figura 17), com profundidade suficiente para navios de grande porte. Estes factores tornam o Kuwait num país marítimo e de actividade comercial, principalmente marcada pela exportação de petróleo<sup>18</sup> (Estratégia, 1998).

O seu clima é tipicamente desértico, ou seja, normalmente muito quente e húmido. Os ventos poderão ser frescos, contudo, o período de Verão é muito quente<sup>19</sup>. As mais baixas temperaturas ocorrem entre os meses de Janeiro e Março<sup>20</sup>. Nas regiões costeiras, devido à maior humidade, as temperaturas são ligeiramente mais baixas. A pluviosidade é muito escassa, ocorrendo apenas nos meses de Inverno (Estratégia, 1998). Assim, o Inverno seria a altura do ano mais propício a operações militares, para evitar situações de desidratação e de sobreaquecimento das viaturas.

A vegetação e a fauna no Kuwait são praticamente inexistentes. As zonas de maior vegetação encontram-se nas regiões costeiras, estando em Al-Jahra um dos oásis com vegetação mais relevante (Anexo C, Figura 18) (Estratégia, 1998). Toda esta zona será mais favorável para a progressão de forças, possivelmente não tanto em termos de protecção mas em termos de condições atmosféricas.

O Kuwait carece de cursos de água, a que é produzida destina-se essencialmente ao uso doméstico (Estratégia, 1998).

Possui uma rede total de 4.273 Km<sup>21</sup> de estradas, que ligam as principais cidades à capital do país. A sua rede principal vai desde a fronteira com a Arábia Saudita até à Cidade do Kuwait, estendo-se para norte em direcção a Bassorá no Iraque (Estratégia, 1998).

Não existem redes ferroviárias no seu interior nem canais navegáveis.

Na Cidade do Kuwait encontra-se o aeroporto internacional do Kuwait, que se poderá constituir como um alvo militar (Estratégia, 1998).

---

<sup>16</sup> Incluindo as suas ilhas Bubiyan e Warba (Anexo C, Figura 16).

<sup>17</sup> Mina Abdulla, Mina Al-Ahmadi, Shuaiba e Shuwaikh.

<sup>18</sup> Sustento da sua economia.

<sup>19</sup> De Maio a Outubro, atingindo temperaturas máximas de 40°.

<sup>20</sup> O período de inverno ocorre de Dezembro a Março, atingindo temperaturas mínimas de 12°.

<sup>21</sup> Desde auto-estradas, estradas principais, secundárias e algumas estradas de terra.

### 3. A CAMINHO DA GUERRA

Em 2 de Agosto de 1990, por volta da 01:00 da manhã, cerca de 100.000 soldados e 2.000 CC iraquianos lançaram o ataque ao Kuwait. O ataque na Cidade do Kuwait foi conduzido pela Guarda Republicana e uma Divisão de Forças Especiais, ao mesmo tempo que tropas iraquianas desembarcavam de helicóptero em pontos estratégicos do Kuwait. Em doze horas, a maior parte da resistência Kuwaitiana tinha sido extinta e a família real exilada para a Arábia Saudita. Saddam controlava assim o Kuwait e 20% das reservas de petróleo do mundo, ameaçando outros 20% na Arábia Saudita (Finlan, 2003).

A comunidade internacional foi surpreendida com esta invasão, tendo em conta as afirmações antecedentes de Saddam.

A nível regional, esperava-se uma solução Árabe para um problema Árabe, que não se verificou, devido à pouca vontade de Saddam em negociar com o Kuwait. Os EUA, com o apoio do Reino Unido, eram a favor de uma intervenção militar como resposta à invasão. A França dava preferência a uma solução pacífica. A URSS tinha na altura fortes relações económicas com o país, e não iria intervir militarmente (Finlan, 2003).

A maioria dos países ocidentais condenavam a ocupação do Kuwait, contudo, os meios para libertar aquele país eram o grande assunto em debate.

A reacção por parte do Conselho de Segurança das NU foi imediata através de uma resolução<sup>22</sup> horas após o começo das hostilidades. Esta resolução condenava a intervenção militar iraquiana e exigia a sua retirada imediata do Kuwait. A 6 de Agosto de 1990 foi emitida a resolução 661, relativa ao embargo económico ao Iraque através do bloqueio naval e aéreo, não permitindo importações<sup>23</sup> para o país (Finlan, 2003). Durante os meses seguintes, várias resoluções foram formalizadas, não alcançando os efeitos desejados.

Por esta mesma altura, o presidente Bush anunciou o envio de tropas para a região do Golfo Pérsico e exigiu a retirada das forças militares iraquianas do Kuwait. A 7 de Agosto começam a ser enviadas as primeira tropas para a região do Golfo, iniciando-se a Operação *Desert Shield* (Finlan, 2003).

Esta operação consistia em concentrar gradualmente forças na Arábia Saudita, com a finalidade de proteger esse país de uma possível acção militar iraquiana e garantir que se reunisse o efectivo necessário para uma possível futura acção militar no Kuwait. O principal objectivo desta operação era dissuadir Saddam, impelindo-o a retirar do Kuwait, sob pena de as forças militares americanas iniciarem operações militares contra as forças iraquianas (Lousada 2008).

---

<sup>22</sup> Resolução UNSCR 660 (Finlan, 2003).

<sup>23</sup> Essencialmente de alimentos e medicamentos.

A Marinha dos EUA em contingência a uma possível invasão da Arábia Saudita, organizou a sua força de apoio em três esquadras marítimas pré posicionadas<sup>24</sup>, a fim de apoiar os fuzileiros americanos bem como o Exército e a Força Aérea, duas em Guam e uma perto de Diego Garcia (Anexo D, Figura 19). Estas esquadras marítimas, dias antes da invasão do Kuwait, foram enviadas para o Médio Oriente a fim de apoiar as primeiras tropas a chegar à região (Finlan, 2003). Os meios navais foram fundamentais na criação desta operação. Garantiram o transporte e segurança de forças e meios para o TO, e conferiram uma maior capacidade de resposta, comparativamente às forças aéreas e terrestres, por se encontrarem perto do ponto de crise (Finlan, 2003).

Para se materializar esta operação, era necessário que a Arábia Saudita autorizasse a entrada de forças militares da coligação no seu território<sup>25</sup>. Segundo Alastair Finlan (2003) a questão de Saddam ter ou não intenções de invadir a Arábia Saudita, é um assunto discutível. Mas foi com base em imagens via satélite americanas, mostrando soldados iraquianos a movimentarem-se perto da fronteira com a Arábia Saudita, que a autorização foi cedida<sup>26</sup>.

No dia 8 de Agosto Saddam anunciou a anexação do Kuwait como a 19ª província do Iraque, enquanto a Operação “*Desert Shield*” prosseguia até 17 de Janeiro de 1991, com cerca de 200.000 soldados americanos, mais o seu equipamento, logística e meios de combate eram enviados para a Arábia Saudita (Lousada, 2008; Ribeiro, 2000).

Ao mesmo tempo que se deram estes preparativos, as negociações continuavam, mas sem se chegar a um acordo. Mesmo depois das medidas tomadas pelas NU, não se encontrou uma solução diplomática e colocou-se maior ênfase numa intervenção militar no Kuwait através de uma coligação de países, constituída por alguns países ocidentais e árabes, em que os EUA assumiram a vanguarda. Contudo, para justificar a intervenção militar era necessário a sua legitimação por parte da NU<sup>27</sup>.

Em 29 de Novembro de 1990, a ONU autorizou o legítimo uso da força por parte das Forças da Coligação, caso as forças iraquianas não retirassem do Kuwait até 15 de Janeiro de 1991<sup>28</sup> (Finlan, 2003).

Perante esta autorização, era necessário transformar o que era um plano defensivo conseguido através da Operação *Desert Shield*, num plano ofensivo para libertar o Kuwait. Isto envolvia um maior número de soldados, meios e equipamentos. Esse plano ofensivo designou-se por Operação *Desert Storm*.

---

<sup>24</sup> Os americanos designavam por “MPSS: maritime pré-positioning ship squadrons”, o posicionamento dos seus navios de guerra (Finlan, 2003).

<sup>25</sup> Tendo em conta a diferença religiosa, a Arábia Saudita tinha de autorizar a entrada de soldados cristãos no seu conservador país islâmico (Finlan, 2003).

<sup>26</sup> Pelo Rei Fahd da Arábia Saudita.

<sup>27</sup> Desde a Guerra do Vietname que os EUA procuram sempre que possível legitimar as suas intervenções, para agregarem mais apoiantes e repartir os custos das intervenções, e neste caso concreto, para envolver os países árabes e isolar o Iraque (Finlan, 2003; Ribeiro, 2000).

<sup>28</sup> Através da resolução UNSCR 678.

## 4. A GUERRA

### 4.1. Estrutura de Comando e Controlo dos Oponentes

Para a constituição da Coligação Multinacional houve o contributo de 39 países (Anexo E, p. 68, 69). Destes países, nove não forneciam apoio militar e 16 tinham apenas uma pequena representação com cerca de 300 a 500 homens. Do conjunto destes países é de salientar os 17 Estados Árabes, não tanto em termos militares mas principalmente pela sua importância política. Em termos militares, a maior contribuição coube aos EUA, Grã Bretanha, França, Arábia Saudita, Egito, Síria e Kuwait (Anexo E, Quadro 1) (Felgas, 1991).

A estrutura de comando e controlo das forças da Coligação estava definida em duas estruturas de comando separadas. As forças ocidentais da coligação, sob o comando e controlo da CENTCOM, e as forças árabes e muçulmanas<sup>29</sup>, sob o comando e controlo da Arábia Saudita<sup>30</sup>. Esta separação deveu-se às diferenças<sup>31</sup> existentes entre os vários países constituintes desta Coligação, principalmente entre os países ocidentais e do Médio Oriente (Macieira, 2005).

Apesar do nosso trabalho estar orientado para o nível operacional e tático, vamos fazer algumas referências ao nível estratégico, no sentido de compreendermos toda a cadeia de comando da coligação.

Através da figura 20 (Anexo E), ao nível estratégico encontramos: no topo da cadeia hierárquica o Comando de Autoridade Nacional através do qual era feita a coordenação com os restantes países aliados. Imediatamente abaixo o Secretário da Defesa<sup>32</sup> e o Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas<sup>33</sup>. Através da coordenação destes comandos foram definidos os objectivos Estratégicos-Militares da campanha (Macieira, 2005).

Ao nível Operacional, encontramos os comandantes das duas estruturas de comando referidas anteriormente, o GEN Norman Schwarzkopf<sup>34</sup> (Anexo E, Figura 21), como Comandante Chefe do Comando Central, e o TGEN Príncipe Aziz como comandante do JFC (Anexo E, Figura 22). Coube a estes dois grupos de comando a realização do planeamento da campanha ao nível operacional e a coordenação entre ambos os comandos durante a campanha terrestre.

Por último, ao nível tático encontram-se as forças sob controlo operacional (Anexo A) que vão materializar no terreno todo o planeamento que foi feito:

- As forças ocidentais, constituídas por (Anexo E, Figura 23):
  - “O comando da Componente Terrestre (ARCENT);

---

<sup>29</sup> Excepto Marrocos e Bangladesh.

<sup>30</sup> Sob o Comando e controlo do TGen Príncipe Kalid Adul Aziz.

<sup>31</sup> Devido a diferenças políticas, religiosas, culturais e possivelmente militares.

<sup>32</sup> Richard Cheney.

<sup>33</sup> O CJCS, ocupado pelo Gen Colin Powell.

<sup>34</sup> CINCENT.

- O comando da Componente Naval (NAVCENT);
  - O comando da Componente Aérea (CENTAF);
  - O comando da força de Fuzileiros (MARCENT);
  - O comando central de Operações Especiais (SOCCENT)” (DoD, in Maciera, 2005, p. 11).
- As forças do Médio Oriente, designadas por Comando das Forças Conjuntas (ver Anexo E, Figura 24):
- Um CE Egípcio;
  - O comando das Forças Conjuntas Norte (JFC-N);
  - O comando das Forças Conjuntas Este (JFC-E);
  - O comando das Forças Avançadas (Viana in Macieira, 2005, p. 11).

Todas estas forças conjuntas e combinadas (Anexo A) estavam sob o comando operacional (Anexo A) do GEN Schwarzkopf, comandante da CENTCOM (Anexo E, Figura 25).

Relativamente às forças iraquianas, não conseguimos detectar a especificação da estrutura de comando aos diferentes níveis, como foi apresentada para as forças da Coligação.

As forças iraquianas contaram com o apoio da Tunísia, Iémen, Argélia, Líbia e Sudão (Rodrigues, 2008). Apesar de Saddam não ter sido um militar de carreira, toda a condução da guerra era feita a partir das suas decisões, pelo que Saddam comandava as suas 39 Divisões convencionais, 9 Divisões Blindadas da Guarda Republicana e as forças constituídas por reservistas.

## 4.2. Forças em Presença e Objectivos Operacionais Definidos

Os quantitativos das forças presentes na Guerra do Golfo variam de acordo com as fontes mas, através da figura 26 (Anexo F), podemos ver que em termos quantitativos de VBTP/VCI, peças de Artilharia, os valores entre as duas partes eram semelhantes. As maiores diferenças a favor das forças iraquianas verificaram-se ao nível dos efectivos de homens e CC. Em termos de aviões, helicópteros e navios os quantitativos da Coligação foram superiores. A maior parte do potencial (Anexo A) da Coligação foi fornecido pelos EUA, mas estes valores só foram possíveis graças ao apoio dos restantes países aliados, não só em termos de potencial como através do crédito necessário para manutenção destas forças.

Com as primeiras fases da campanha, a Coligação esperava que as forças iraquianas ficassem reduzidas a metade do seu potencial, daí que, por volta do início da campanha terrestre, existiam cerca de 200.000 a 220.000 soldados iraquianos (Mazzia; Ribeiro in Macieira, 2008). Como o nosso tema se restringe essencialmente à componente operacional terrestre das armas combinadas, vamos apenas fazer referência às principais forças terrestres presentes no TO que tiveram um papel fundamental na condução da ofensiva terrestre.

As forças terrestres eram constituídas por:

- Forças ARCENT, através do 3º Exército dos EUA que possuía dois CE e uma Unidade de Escalão Acima de Corpo (EAC):
  - O VII CE possuía na sua maioria forças blindadas destinadas a combater as forças blindadas iraquianas. Caracterizava-se pelo seu poder de choque, fogo, protecção e movimento (Anexo F, Figura 27).
  - O XVIII CE Aerotransportado destinava-se a garantir a posse do terreno. Apesar de possuir uma grande mobilidade, tinha uma limitada capacidade de protecção e choque (Anexo F, Figura 27).
  - A EAC era essencialmente constituída por unidades de apoio de combate, nomeadamente uma Brigada de Aviação de Combate, uma Brigada de Artilharia Antiaérea e uma Brigada de Artilharia de Campanha (Anexo F, Figura 28) (DoD, Ribeiro, *Military Review in Macieira*, 2005 p. B1; Viana, 1993).
- Forças da MARCENT, através da 1ª MEF (Anexo F, Figura 29), que se dividia na:
  - 1ª Divisão de Fuzileiros;
  - 2ª Divisão de Fuzileiros (Macieira, 2005).
- Forças da SOCCENT, através de Forças de Operações Especiais (Anexo F, Figura 30):
  - Do 5º Grupo de Forças Especiais;
  - Do 75º Regimento de Rangers;
  - Da Força Aérea;
  - Das Forças SEAL;
  - Das Forças Especiais Britânicas<sup>35</sup> (DoD, Ribeiro, *Military Review in Macieira*, 2005 p. B1).
- Forças da JFC (Anexo F, Figura 31), que actuaram de forma combinada, com as forças da 1ª MEF:
  - Comando das Forças Conjuntas do Norte<sup>36</sup>;
  - Comando das Forças Conjuntas do Este<sup>37</sup> (Finlan, 2003)<sup>38</sup>.

Abordados os quantitativos presentes no TO do Golfo, vamos agora ver alguns dos principais meios que fizeram a diferença nomeadamente durante a ofensiva terrestre.

Para as Forças da Coligação destacamos:

- Nas unidades de Cavalaria do Ar e de aviação do Exército equipadas com meios aéreos, o avião A-10A *Thunderbolt* (Anexo G, Figura 33, quadro 2), o helicóptero de

---

<sup>35</sup> SAS.

<sup>36</sup> JFC-N.

<sup>37</sup> JFC-E.

<sup>38</sup> Através da figura 32 (Anexo F, p. 67) podemos resumir as principais forças sobre o comando do GEN americano e que viriam a ter um papel importante durante a ofensiva terrestre.

ataque AH-64 *Apache* (Anexo G, Figura 34, quadro 3) e o helicóptero de transporte *Black Hawk* (Anexo G, Figura 35, quadro 4);

- Nas unidades blindadas, os CC M1A1 *Abrams*<sup>39</sup> (Anexo G, Figura 36, quadro 5);
- Nas unidades de Infantaria Mecanizada, a VCI M2 *Bradley* (Anexo G, Figura 37, quadro 6) (Veloso, 1991).

Quer o avião A-10A, quer os helicópteros *Apache*, foram essenciais para as forças terrestres na guerra ACar, contribuindo para a curta duração da guerra (Lousada, Anexo R). Os helicópteros de transporte foram essenciais no transporte de homens e material para os objectivos<sup>40</sup>, diminuindo o tempo de deslocamento. É importante realçar a ligação entre o soldado e estes meios aéreos<sup>41</sup>.

As unidades de Engenharia também tiveram um papel importante através do apoio de combate durante a Operação *Desert Storm*. A sua mobilidade (Anexo A) e protecção permitiram manter a velocidade necessária da operação, abrindo passagens entre os obstáculos iraquianos (Anexo G, Figura 39).

Através da figura 40 (Anexo G) vemos a importância da actuação combinada da Infantaria<sup>42</sup> e Cavalaria. Os CC possuíam a velocidade, poder de fogo e de choque necessários para penetrar as defesas iraquianas, ao mesmo tempo que a Infantaria garantia a sua protecção e consequente consolidação da posição inimiga, que só poderia ser feita por esta força. A viatura *Bradley* tornou-se assim a “parelha ideal” do CC *Abram*, pois conferia-lhe protecção e permitia consolidar o terreno conquistado (Calçada; Lousada, Anexo R).

Juntando a estas duas armas terrestres os meios aéreos referidos, obtemos o trinómio que materializou a doutrina *Air Land Battle*<sup>43</sup> (Calçada, Anexo R) para as forças terrestres. Os CC *Abram* e as viaturas *Bradley* foram concebidos para materializar esta doutrina. O helicóptero *Apache*, superando as limitações de movimentos dos meios terrestres, veio potenciar estas viaturas garantindo-lhes protecção ACar. Mais à frente vamos poder ver que este trinómio foi essencial para o sucesso da ofensiva terrestre (Ribeiro; Menezes; Macieira, 2005).

Os sistemas informáticos e de comunicações (Macieira, Anexo R) utilizados também tiveram um papel preponderante no desfecho do conflito. A compatibilidade dos sistemas de informação entre os vários ramos e, neste caso, entre as várias armas<sup>44</sup> tornou mais fácil e

---

<sup>39</sup> Em substituição do CC M60.

<sup>40</sup> Quer em acções de combate quer em acções logísticas.

<sup>41</sup> Ver figura 38 (Anexo G) podemos ver como um soldado no terreno projectando um laser sobre o objectivo, permite ao helicóptero adquirir e destruir esse mesmo objectivo (Veloso, 1991).

<sup>42</sup> Essencialmente mecanizada.

<sup>43</sup> A doutrina *Air Land Battle* foi desenvolvida pelo Exército e Força Aérea dos EUA durante os anos 80 e visava, desenvolver uma forma de actuação para as forças NATO contra as forças do Pacto de Varsóvia, numericamente superiores, num TO europeu, face a uma possível 3ª GM. Esta doutrina defendia que uma força numericamente superior poderia ser derrotada por outra numericamente inferior, desde que possuísse uma forte componente tecnológica ligando as forças terrestres ao vector aéreo (Ribeiro; Menezes; Macieira, 2005).

<sup>44</sup> Por exemplo: CC, VCI e os Helicópteros.

rápido o sistema de controlo e comunicações entre as forças dos diversos escalões. Isto traduz-se, por exemplo, na possibilidade de passar coordenadas de um objectivo para os helicópteros ou armas de Artilharia, em apoio das forças de Infantaria e Cavalaria<sup>45</sup>. No Golfo foram utilizados, nos diversos escalões, computadores integrados e compatíveis entre as diferentes forças, permitindo a sua intercomunicação e acelerando o tratamento da informação. Para tal contribuiu a “standardização” dos equipamentos informáticos, com importante influência no planeamento e conseqüentemente ao nível da decisão<sup>46</sup> (Monteiro, 1991) (Calçada, Anexo R).

O Sistema de Posicionamento Global<sup>47</sup> (Anexo G, Figura 41) (Macieira, Anexo R) permitiu às forças terrestres navegarem nos extensos desertos com maior certeza e terem conhecimento da localização das suas forças, facilitando a coordenação e a rapidez no movimento destas (Ribeiro, 2000).

Apesar deste capítulo se focar essencialmente nas forças e meios terrestres durante a campanha terrestre, no Anexo H referimos alguns meios de outros ramos das Forças da Coligação, uma vez que estes foram essenciais através de apoios de fogos prestados pelos meios aéreos e navais durante as fases precedentes à ofensiva terrestre e durante a própria ofensiva.

Para as forças iraquianas destacamos:

- Nas suas unidades blindadas os CC T-55 (Anexo I, Figura 51, quadro 7) nas Divisões convencionais, e T-72 (Anexo I, Figura 52, quadro 8) nas Divisões da Guarda Republicana.
- As unidades de Infantaria, equipadas com a arma AK47 (Anexo I, Figura 53, quadro 9);
- Os helicópteros Mi24 Hind, que actuavam em apoio das forças Blindadas e de Infantaria (Anexo I, Figura 54, quadro 10) (Finlan, 2003).

Em termos de forças, o escalão Brigada era o mais baixo escalão capaz de realizar operações independentes. Contudo, existia uma grande diferença entre as Brigadas convencionais e as da Guarda Republicana. Estas últimas possuíam um maior número de subunidades, eram constituídas pelos melhores soldados e possuíam material e tecnologia superior às forças convencionais (Velo, 1991).

Como veremos, os mísseis SCUD (Anexo I, Figura 55) também foram muito utilizados pelas forças iraquianas. O Iraque dispunha também de armas NBQ (Anexo I, p. 94).

---

<sup>45</sup> “Em 1993, quando da invasão de Granada, um tenente do exército norte-americano ao não conseguir “passar” as coordenadas de um objectivo às aeronaves de apoio aéreo próximo, através do seu computador, teve de recorrer à rede telefónica local para contactar Ft. Bragg (Carolina do Norte) que lhe serviu de relé para o efeito” (Monteiro, 1991).

<sup>46</sup> Por exemplo, permitia o controlo imediato do nº de baixas, do combustível exacto dos helicópteros em missões de héli-assalto permitindo uma melhor e mais rápida decisão.

<sup>47</sup> GPS.

No Anexo J referimos alguns meios de outros ramos das forças iraquianas, que foram importantes na luta contra as forças da Coligação.

Um dos problemas que os iraquianos viriam a sentir prende-se com a diversidade de meios e equipamentos importados de diversos países, muitos deles agora seus inimigos, com consequências ao nível dos reabastecimentos (Pina Monteiro, 1991).

Descrita a estrutura de comando e as principais forças e meios presentes no TO com maior relevância para a campanha terrestre, atentemos nos objectivos operacionais a atingir pelas Forças da Coligação e pelas forças iraquianas, para o qual estas mesmas forças foram organizadas e estruturadas.

Devido à necessidade de se transformar o plano da Operação *Desert Shield* num plano ofensivo que libertasse o Kuwait do domínio iraquiano, foram definidos os seguintes objectivos militares para a Operação *Desert Storm*<sup>48</sup>:

- *“Atacar a liderança político-militar do Iraque e o sistema de comando e controlo;*
- *Obter e manter a superioridade aérea;*
- *Neutralizar as linhas de comunicações (e reabastecimentos) iraquianas;*
- *Destruir as infra-estruturas de produção, armazenamento e lançamento de armas NBQ;*
- *Destruir as Forças da Guarda Republicana no TO do Kuwait;*
- *Libertar a cidade do Kuwait”* (Viana, 1993, p. 43).

Atacando o sistema de comando e controlo iraquiano pretendia-se desarticular as forças iraquianas e, conseqüentemente, neutralizar a capacidade do Iraque em conduzir operações militares.

Um dos maiores receios da Coligação era o sistema de defesa aéreo iraquiano, não só através dos seus meios aéreos mas também através dos seus radares e armas antiaéreas. Para o sucesso de uma possível ofensiva terrestre por parte da Coligação era essencial obter o controlo do espaço aéreo, impedindo assim as forças iraquianas de obterem informações sobre as forças da Coligação, nomeadamente, sobre os efectivos e localização das forças. Assim, a supremacia aérea, iria permitir à Coligação atacar as forças mais à retaguarda do dispositivo iraquiano, impedindo que as forças da frente fossem reforçadas ou reabastecidas.

Através do corte das linhas de comunicação, especialmente com Bagdad, pretendia-se isolar as forças iraquianas.

Relativamente ao emprego de armas NBQ, temia-se a sua utilização pelo Iraque, como aconteceu na guerra contra o Irão e contra a própria população Curda; daí que as suas instalações se tornaram alvos militares, não só para a segurança da própria força da Coligação como também impedindo o seu uso contra países vizinhos, nomeadamente Israel.

---

<sup>48</sup> Através da ordem de Operações nº 1/91 (Macieira, 2005).

Para se alcançar a libertação da Cidade do Kuwait era necessário destruir as forças da Guarda Republicana, uma vez que estas eram as principais forças de Saddam e normalmente funcionavam como reserva.

Relativamente aos objectivos iraquianos, apenas conseguimos encontrar os seus objectivos estratégicos, que eram:

- Defender o Kuwait;
- Atacar Israel;
- Desintegrar a Coligação Multinacional;
- Resolução do problema palestino<sup>49</sup> (Veloso, 1991; Pina Monteiro, 1991).

Saddam pretendia defender o Kuwait, a sua 19ª província.

O ataque a Israel, visava essencialmente levar este país a entrar no conflito e desintegrar as forças da Coligação, principalmente as forças Árabes, opondo o Islão a Israel, resolvendo o problema palestino.

### 4.3. Operação *Desert Storm* - Planeamento Operacional

Antes de falarmos no plano geral da Operação *Desert Storm*, é importante percebermos alguns aspectos relacionados com o planeamento das operações, como os centros de gravidade e as restrições de emprego de forças. Após isto, vamos apenas ver alguns aspectos sobre a campanha aérea e naval que se tornam importantes para a consequente campanha terrestre.

Tendo em conta os objectivos referidos anteriormente, encontrámos quatro centros de gravidade para as forças da Coligação e um para as forças iraquianas. Segundo o TCOR Lousada (2008) os centros de gravidade a atingir pelas forças da Coligação, foram os seguintes:

- Saddam Hussein;
- As capacidades NBQ iraquianas;
- As forças da Guarda Nacional Republicana.

Para o MAJ Macieira (2005) os dois centros de gravidade para as forças da Coligação foram:

- Sistema de defesa aéreo iraquiano;
- As forças da Guarda Republicana,

O único centro de gravidade a atingir pelas forças iraquianas era:

- A Coesão da Coligação.

A definição de centro de gravidade (Anexo A) leva-nos a concordar com ambos. Relativamente a Saddam Hussein, como era o único decisor político e militar, a sua eliminação no início das operações daria à guerra outro desenlace. A destruição das

---

<sup>49</sup> Saddam era defensor da causa palestina, como arma diplomática contra o ocidente, no sentido dos países árabes e islâmicos não apoiarem a Coligação.

capacidades NBQ iraquianas, visava impedir que Saddam atingisse o centro de gravidade da Coligação, não permitindo os bombardeamentos com ogivas NBQ e a eventual entrada forçada de Israel no conflito. As forças da Guarda Republicana constituíam a reserva das forças no terreno que, graças à sua mobilidade podiam reforçar as linhas da frente. O sistema de defesa aéreo iraquiano, uma vez que estava bem integrado e existia em todo o território iraquiano, era um obstáculo principalmente para o domínio do espaço aéreo, essencial para a campanha.

Do lado iraquiano, como veremos, várias tentativas foram feitas através do lançamento de mísseis Scudd contra território saudita e de Israel, com a finalidade de atingir o centro de Gravidade da Coligação, a sua coesão.

Determinados os centros de gravidade a atingir pelas forças da Coligação, foram impostos dois condicionamentos a ter em conta no desenvolvimento da acção militar:

- “Assumir uma reduzida percentagem de baixas;
- Não empregar, em caso algum, armas nucleares” (Lousada, 2008, diapositivo 19).

O reduzido número de baixas estaria relacionado não só com os efectivos necessários para desenrolar as operações militares<sup>50</sup>, mas também com a opinião pública<sup>51</sup> (Lousada, 2008). O não emprego de armas nucleares provavelmente devia-se à presença de civis no TO e também para impedir que as forças iraquianas respondessem com esse mesmo tipo de armas aos ataques da Coligação, generalizando o conflito, que não se desejava.

Para se atingir o Estado Final (Anexo A) desejado de, expulsar as forças iraquianas do Kuwait, com um reduzido número de baixas para as forças da Coligação, todas as acções militares foram planeadas visando atingir os centros de gravidade do dispositivo iraquiano, explorando para tal as potencialidades da Coligação e as vulnerabilidades das forças iraquianas.

Segundo o TCR Ribeiro (2000), as principais vulnerabilidades das forças iraquianas eram: o seu sistema rígido de comando e controlo, a pouca experiência em manter e operar as suas forças a grandes distâncias, as linhas de comunicações muito extensas, a reduzida capacidade ofensiva dos meios aéreos e a fraca capacidade do seu sistema de informações.

Estes eram pontos fracos a serem exploradas pelas forças da coligação, utilizando para tal a sua grande vantagem tecnológica, a capacidade de obter a supremacia aérea rapidamente e a grande capacidade em obter informações (Lousada, 2008).

Com base nestes dados, o conceito da acção explanado na estratégia da Coligação baseou-se em iniciar a guerra com uma intensa campanha aérea contra alvos seleccionados, a fim de destruir as capacidades militares e industriais iraquianas. Mesmo assim, caso o Iraque

---

<sup>50</sup> Se as baixas fossem muito elevadas poderiam pôr em causa o desenrolar normal das operações.

<sup>51</sup> Porque as memórias da Guerra do Vietname funcionavam ainda como “rótulo” para as forças americanas.

não capitulasse, iniciavam-se as operações terrestres e marítimas para expulsar as forças iraquianas do Kuwait (Viana, 1993).

A 14 de Novembro de 1990, na região de Damã<sup>52</sup> (Anexo K, Figura 59) foi apresentado pelo comandante da CENTCOM, o plano geral da campanha. Este plano estava dividido em quatro fases (Anexo K, Figura 60):

- Fase I consistia numa campanha aérea estratégica;
- Fase II visava a obtenção da superioridade aérea;
- Fase III destinava-se a preparar o campo de batalha;
- Fase IV consistia numa campanha terrestre (Lousada, 2008).

A Fase I do plano geral da campanha foi realizada de 17 a 27 de Janeiro de 1991. Esta fase visava essencialmente destruir a Força Aérea iraquiana, o seu sistema de defesa aérea, os sistemas de comunicações e a sua capacidade de produção de armas NBQ. A sua finalidade era destruir o centro de gravidade das forças iraquianas, quebrando assim o seu comando, controlo, comunicações e informações. Para esta fase contribuíram essencialmente as forças aéreas, navais e de operações especiais (DoD *in* Macieira, 2005, p. 10).

A Fase II realizou-se entre os períodos de 23 a 27 de Janeiro de 1991. Esta fase destinava-se a suprimir as defesas antiaéreas iraquianas<sup>53</sup> montadas no Kuwait. A finalidade, que acabou por ser atingida, era obter a superioridade aérea sobre o campo de batalha. Para esta fase mais uma vez contribuíram essencialmente as componentes aéreas, navais e de Operações Especiais (DoD *in* Macieira, 2005, p. 10).

A Fase III realizou-se de 27 de Janeiro a 23 de Fevereiro de 1991. Nesta fase os ataques foram essencialmente dirigidos contra as unidades terrestres iraquianas no Kuwait, especialmente contra as forças da Guarda Republicana. Teve como finalidade reduzir o potencial de combate iraquiano, submetendo as suas forças a ataques de precisão, de dia e de noite, provocando o seu desgaste psicológico e físico e, conseqüentemente, diminuindo a sua capacidade de realizar uma resistência efectiva contra o assalto terrestre da coligação. Destinou-se a preparar o campo de batalha para a ofensiva terrestre. Para esta fase contribuíram, mais uma vez as forças aéreas, navais e de operações especiais (DoD *in* Macieira, 2005, p. 10).

A Fase IV decorreu de 24 a 28 de Fevereiro de 1991, através de uma ofensiva terrestre. Esta ofensiva teve como finalidade destruir as forças da Guarda Republicana, isolar o TO e expulsar as forças iraquianas do Kuwait. Nesta fase, a componente terrestre assumiu especial relevância, não minimizando o contínuo apoio de fogos prestado pelos meios aéreos e navais (DoD *in* Macieira, 2005, p. 10).

---

<sup>52</sup> Na Arábia Saudita.

<sup>53</sup> Especialmente radares e mísseis antiaéreos.

As três primeiras fases da campanha permitiram destruir o sistema de comando e controlo iraquiano, neutralizar os sistemas de radares e mísseis, destruir muitas das pistas de aterragem, portos, auto-estradas e, principalmente, todas as pontes que permitiam a retirada das forças iraquianas do Kuwait. No final destas fases, as forças iraquianas encontravam-se a cerca de 50% das suas capacidades de combate (Lousada, 2008).

A componente Aero-Naval foi importantíssima durante as três primeiras fases, na preparação do campo de batalha para as forças terrestres e, durante a última fase, no apoio às forças terrestres.

Os americanos davam ênfase às operações conjuntas, ou seja, a campanha aérea devidamente enquadrada e ligada com a campanha terrestre e naval<sup>54</sup>. A responsabilidade pelo planeamento da campanha aérea coube à CENTAF.

No dia 17 de Janeiro de 1991<sup>55</sup>, pelas 03H00<sup>56</sup>, iniciou-se a guerra aérea contra o Iraque, com um ataque de helicópteros do Exército dos EUA a dois radares situados na zona Oeste do Iraque, que poderiam obter informações avançadas e alertar antecipadamente as forças iraquianas sobre possíveis raids aéreos da coligação (Finlan, 2003). Neste mesmo dia, as cidades de Bagdad, Bassorá e Kuwait foram bombardeadas, atingindo essencialmente as suas estruturas militares e indústrias<sup>57</sup> (Ribeiro, 2000).

No Golfo, o poder aéreo foi usado de uma forma mais eficaz, em que a qualidade dos aviões modernos em termos de precisão e a experiência dos pilotos fez a diferença em comparação com guerras anteriores. Outro factor explorado foi o grande alcance dos aviões conferindo aos responsáveis pelo planeamento aéreo maior flexibilidade, uma vez que o domínio do espaço aéreo era considerado difícil de alcançar devido à rede de defesa aérea iraquiana.

Em oposição às forças da coligação, a força aérea iraquiana adoptou uma estratégia defensiva passiva. A sua Força Aérea estava bem equipada em termos de aviões e ao nível da rede de defesa aérea. Contudo, a pouca experiência dos pilotos iraquianos comparada aos da Coligação, e a grande superioridade tecnológica dos meios aéreos desta, levou a que os pilotos iraquianos retirassem para o Irão durante os combates.

A campanha aérea contribuiu em muito para o posterior sucesso das forças terrestres, por dois motivos. Primeiro, porque enfraqueceu e desarticulou o potencial de combate iraquiano e limitou as possibilidades de retirada do Kuwait através da destruição das suas pontes. Segundo, a eliminação dos meios aéreos iraquianos garantiu supremacia aérea no TO e

---

<sup>54</sup> Este assunto foi alvo de grande foco, devido a uma entrevista durante uma visita à Arábia Saudita, em 17 de Setembro de 1990, em que o Chefe de Pessoal da Força Aérea (Gen Dugan) sugeriu que o poder Aéreo por si só poderia resolver a questão do Golfo. Estas ideias antigas sobre doutrina aérea foram imediatamente ripostadas pelo Secretário da Defesa (Dick Cheney) por serem desactualizadas (Finlan, 2003).

<sup>55</sup> Um dia após o limite de tempo dado para o Iraque retirar as suas forças.

<sup>56</sup> Hora local.

<sup>57</sup> Por exemplo, as luzes em Bagdad só voltaram a ser acesas depois do cessar-fogo, porque o gerador eléctrico da cidade foi atingido na primeira noite.

consequentemente reduziu a capacidade do Iraque obter informações. Isto permitia às forças terrestres manobrar com menor probabilidade de detecção.

Durante a Operação “Desert Storm” a marinha dos EUA teve como principal tarefa, apoiar a campanha aérea e posicionar-se no Golfo com a finalidade de iludir Saddam, ou seja, levar as forças iraquianas a pensar que o esforço principal da estratégia terrestre da coligação era o assalto directo ao Kuwait vindo do mar.

O planeamento da campanha marítima coube à NAVCENT (Anexo K, p. 98).

Parte das forças de fuzileiros encontrava-se embarcada, contribuindo para objectivo de iludir Saddam. Contudo, outras unidades de fuzileiros iriam desempenhar um papel na ofensiva terrestre, para tal puderam contar com o apoio de pelo menos dois navios<sup>58</sup> ao longo da costa da Arábia Saudita e do Kuwait (Finlan, 2003).

Para além do relativo pouco espaço marítimo existente, as forças navais da coligação tiveram duas principais ameaças: a pequena mas perigosa frota de superfície iraquiana e as baterias de mísseis de costa e a ameaça das minas iraquianas. A questão das minas fez-se sentir mais, porque as medidas contra minas foram uma das áreas que a marinha dos EUA não se preocupou em desenvolver ao longo dos anos<sup>59</sup>. Este problema foi superado pela marinha inglesa que possuía um dos navios mais avançados do mundo em medidas contra minas, e possuindo uma vasta experiência nestas operações (Finlan, 2003).

Tal como no ar, no mar a resistência iraquiana era fraca, provando ser um inimigo que ganhou maior sucesso com armas como as minas flutuantes do que através de operações ofensivas. Em 2 de Fevereiro, podia-se afirmar que a marinha iraquiana já não era uma ameaça no mar.

Apesar dos meios navais iraquianos serem muito inferiores<sup>60</sup> aos da Coligação, a campanha naval foi um importante apoio quer para a campanha aérea, através de aeronaves lançadas a partir dos porta-aviões e dos mísseis *Tomahawk* lançados contra alvos em áreas perigosas para um ataque de avião, quer para a campanha terrestre, através da demonstração de forças e da destruição dos meios navais iraquianos, garantindo a segurança das forças ao longo da costa Saudita.

As forças da coligação sentiram alguma dificuldade na integração do poder naval com a estratégia aérea. Com o tempo essas dificuldades acabaram por ser superadas (Anexo K, p. 98).

No final das três fases, mesmo após as tentativas diplomáticas para terminar o conflito, Saddam só iria retirar do Kuwait se as forças da Coligação retirassem da região do Golfo e se Israel desocupasse os territórios pertencentes à Palestina.

---

<sup>58</sup> O apoio dos navios *Missouri* e *Wisconsin*.

<sup>59</sup> A sua única solução era um navio que não tinha sido testado e os helicópteros, para activar as minas.

<sup>60</sup> Em termos quantitativos e qualitativos.

Como tal não aconteceu, atingidas as condições essenciais durante as três primeiras fases, iniciara-se a Fase IV da campanha (Lousada, 2008).

#### 4.4. Campanha Terrestre

A campanha terrestre, apesar de ter sido a fase mais célere da guerra do golfo, era também a de maior risco da Operação “Desert Storm”. Na guerra aérea e naval as forças da coligação tinham uma nítida superioridade em termos numéricos e tecnológicos. Na guerra terrestre o Iraque estava aparentemente ao mesmo nível da coligação.

Antes da operação previam-se baixas significativas nas forças da Coligação, tendo em conta o tempo que as forças iraquianas despenderam na preparação das suas defesas no Kuwait. É importante realçar que um novo pensamento vigorava na altura. Ao contrário do que os EUA fizeram no Vietname, esta guerra caracterizava-se pela sua manobra (Anexo A), pelo seu campo de batalha contínuo no qual se iriam realizar ataques a pontos fracos mas considerados “chave” pelo inimigo, tudo integrado numa campanha aérea. Como foi referido anteriormente, este novo tipo de operações conjuntas ficou conhecida pela doutrina da Batalha Aéreo – Terrestre. Ao longo do resto do trabalho vamos perceber como esta doutrina foi empregue pelas forças terrestres (Finlan, 2003).

A ofensiva terrestre iniciou-se a 24 de Fevereiro de 1991, e seria a quarta fase da Operação “Desert Storm”.

##### 4.4.1. Dispositivo Militar Iraquiano

As forças iraquianas estavam distribuídas principalmente em duas áreas: uma área fora do TO e outra no interior do TO.

Fora do TO existiam algumas Divisões a Norte de Bagdad e na fronteira com a Turquia, Síria e Jordânia (Anexo L, Figura 62) (Monteiro, 1991).

No interior do TO encontrava-se o grosso das forças iraquianas, com o esforço defensivo situado na região do Kuwait. Nesta região, o dispositivo defensivo estava concentrado ao longo da fronteira entre o Kuwait e Arábia Saudita e no litoral do Kuwait, uma vez que Saddam previa que o ataque da Coligação seria a partir de uma destas duas frentes. O dispositivo ao longo da fronteira entre o Iraque e a Arábia Saudita era fraco, simplesmente mantido sob observação, visto que uma manobra pelo Iraque não seria muito provável de acontecer devido às grandes distâncias que as forças teriam de percorrer<sup>61</sup> para atingir as cidades do Kuwait e Bassorá, levando a que os seus movimentos pudessem ser facilmente detectados e retardados (Anexo L, Figura 63) (Monteiro, 1991; Veloso, 1991; Ribeiro, 2000; Lousada, 2008).

---

<sup>61</sup> O que exigia um elevado apoio logístico.

No TO do Kuwait o sistema defensivo iraquiano baseava-se em trincheiras e pontos fortes (Anexo A), dispostos em profundidade, destinados a defender a cidade do Kuwait. Nesta zona encontravam-se 43 Divisões iraquianas e a principal reserva era constituída por forças da Guarda Republicana que se encontravam na região de Bassorá-Az Zubayr (Anexo L, Figura 64). Calcula-se que existissem cerca de 127 Brigadas no Kuwait, sendo 84 de Infantaria e 43 Blindadas (Veloso, 1991).

A defesa iraquiana no Kuwait, era garantida por três linhas defensivas (Anexo L, Figura 65 e 66):

- 1ª Linha Defensiva – constituída basicamente por forças de Infantaria, junto à fronteira entre Kuwait e Arábia Saudita e na orla marítima;
- 2ª Linha Defensiva – constituída por forças blindadas, no interior do Kuwait (Reserva Tática);
- 3ª Linha Defensiva – constituída por forças blindadas da Guarda Republicana (Reserva Estratégica), localizadas entre Bassorá e Jalibah (Macieira, 2005; Veloso, 1991).

Na área de Wadi Al Batin (Anexo L, Figura 63) as forças iraquianas defendiam em frentes estreitas<sup>62</sup> e em formações cerradas. A Oeste desta área as frentes aumentavam consideravelmente<sup>63</sup> o que limitava o seu apoio mútuo (Lousada, 2008).

De salientar que as Brigadas iraquianas recebiam das suas Divisões meios de Artilharia, meios de defesa Antiaérea, lança-foguetes e helicópteros e que a principal finalidade dos segundos escalões era reforçar as forças da frente.

À frente das posições defensivas as forças iraquianas colocavam as suas unidades de reconhecimento reforçadas com infantaria e artilharia, a fim de garantir segurança nessa zona.

No interior do sector eram lançados obstáculos, principalmente campos de minas<sup>64</sup> à frente das posições defensivas, redes de arame farpado, fossos ACar, dunas artificiais, trincheiras com óleo cru pronto a ser incendiado (Anexo L, Figura 67). Os CC normalmente eram colocados entre os campos de minas, à frente das posições defensivas. Também foram utilizados por vezes como Artilharia, em posições estáticas (Anexo L, Figura 68). Junto das posições defensivas mais avançadas eram normalmente empregues em profundidade as armas ACar (Veloso, 1991).

As forças de reserva eram fortes em CC normalmente empregues em contra-ataques.

Para combater as unidades blindadas e de CC da Coligação, as forças iraquianas procuravam expor essas viaturas em áreas abertas, vulneráveis ao fogo das suas armas ACar, e através de forças especiais de comandos realizar emboscadas ACar na retaguarda da Coligação (Veloso, 1991).

---

<sup>62</sup> Algumas com cerca de 10 Km.

<sup>63</sup> Algumas frentes de 35Km.

<sup>64</sup> ACar e APes.

Na zona costeira, as praias também estavam bem organizadas para fazer face a possíveis desembarques anfíbios (Veloso, 1991).

As fortes defesas na região de Wadi Al Batin e no Kuwait, com as forças dispostas em profundidade destinadas a reforçar ou completar as forças da frente, e as reservas na retaguarda destas forças, Saddam previa que o esforço (Anexo A) da ofensiva aliada fosse na direcção do Kuwait, pondo de lado a possibilidade de uma manobra pelo território Iraquiano (Lousada, 2008).

#### 4.4.2. Dispositivo das Forças da Coligação

Com a supremacia aérea e naval obtida durante as três primeiras fases da operação, no dia 16 de Janeiro de 1991 as forças terrestres estavam dispostas ao longo da fronteira da Arábia Saudita com o Kuwait, com o seguinte dispositivo (Anexo M, Figura 69):

- a Oeste do dispositivo encontravam-se as forças árabes com um CE Egípcio e uma Divisão Blindada Síria;
- Ao centro dispositivo o VII CE e o XVIII CE Aerotransportado dos EUA com algumas forças sauditas, respectivamente;
- a Este do dispositivo, a 1ªMEF com algumas forças Árabes (Viana, 1993).

A intenção era levar Saddam a crer que por ali seria o ataque principal. Esta intenção foi reforçada com fuzileiros americanos embarcados nos navios da Coligação ao largo do Golfo, levando a crer num desembarque anfíbio simultaneamente ao avanço das forças na fronteira (Anexo M, Figura 69).

Para se lançar a ofensiva terrestre de acordo com o planeamento feito, era necessário deslocar as forças para a linha de partida. Principalmente o XVIII e o VII CE, que formavam um total de 200.000 militares mais o seu equipamento, teriam que se deslocar para Oeste sem que Saddam se apercebesse desta movimentação.

No dia 17 de Janeiro de 1991, os VII e XVIII CE manobraram por Oeste a fim de assumirem as suas posições de partida. Este movimento, de 500 e 800 Km respectivamente (Ribeiro, 2000) foi feito a coberto de fogos navais, aéreos e de artilharia, e ficou conhecido por movimento “*Hail Mary*” (Anexo M, Figura 70). De salientar toda a manobra logística que acompanhou este deslocamento, através de plataformas de transporte de equipamentos pesados, postos de fiscalização da circulação e a montagem de bases de abastecimentos para os dois CE durante a posterior ofensiva (Viana, 1993).

A manobra “*Hail Mary*” demorou cerca de três semanas. Durante este período alguns incidentes ocorreram (Anexo M, p. 104), que poderiam ter posto em risco toda a manobra da coligação antes de se ter lançado a ofensiva terrestre.

No dia 16 de Fevereiro de 1991 todas as forças encontravam-se nas suas posições de partida, com o seguinte dispositivo final (Anexo M, Figura 72):

- a Oeste do dispositivo encontrava-se o XVIII CE Aerotransportado e o VII CE respectivamente;
- Ao centro as forças JFC-N e o 1ª MEF respectivamente;
- a Este do dispositivo as forças JFC-E (Viana, 1993).

A 22 de Fevereiro de 1991, os EUA fizeram um último ultimato a Saddam, concedendo um prazo de 48 horas para o início da retirada das forças iraquianas do Kuwait, que deveria estar terminado no prazo de uma semana. Foi também exigida a libertação dos PG e reféns civis e a desminagem do Kuwait.

A não resposta por parte de Saddam e o aumento da violência no território kuwaitiano levou a que se desse início à ofensiva terrestre pelas forças da Coligação (Lousada, 2008).

#### 4.4.3. Planeamento da Ofensiva Terrestre

Após as duas modalidades de acção ponderadas (Anexo N, p. 107), surge a terceira modalidade de acção, que foi materializada. Esta modalidade procurava explorar a fraqueza do sector defensivo iraquiano a Oeste do Kuwait, para posteriormente progredir em direcção às forças da Guarda Republicana<sup>65</sup>. Para tal a Coligação iria aproveitar a mobilidade e poder de choque das suas unidades, garantidas pelo XVIII CE Aerotransportado e VII CE Blindado respectivamente.

A manobra adoptada baseava-se em (Anexo N, Figura 76):

- Executar um movimento torneante (Anexo A) a Oeste, com o XVIII CE Aerotransportado e VII CE Blindado, com a finalidade de:
  - Cortar as linhas de comunicações ao longo do Rio Eufrates, através das regiões de As-Samawah e Nasiriyah, e impedir a retirada das forças iraquianas através da auto-estrada junto a esse mesmo rio;
  - Isolar as forças iraquianas de Bagdad<sup>66</sup>, separar as suas reservas impedindo-as de serem reforçadas e obrigar as forças iraquianas a combater em frentes invertidas.
- Executar um ataque principal<sup>67</sup> para envolver as forças iraquianas e destruir as forças da Guarda Republicana.
- Executar ataques secundários ao longo da fronteira do Kuwait e Arábia Saudita, com as forças Árabes e de Fuzileiros, com a finalidade de:
  - Inicialmente fixar as forças iraquianas;
  - Posteriormente conquistar a Cidade do Kuwait, uma vez que as reservas iraquianas estariam empenhadas contra o XVIII CE Aerotransportado e VII CE Blindado.

---

<sup>65</sup> Centro de gravidade.

<sup>66</sup> Base de Operações.

<sup>67</sup> Com o XVIII CE Aerotransportado e VII CE Blindado.

- Executar duas acções de decepção (Anexo A), no sentido de iludir Saddam:
  - Primeiro, uma finta (Anexo A) junto à fronteira do Iraque com Kuwait em Wadi Al Batin, pela 1ª Divisão de Cavalaria<sup>68</sup>, onde os iraquianos esperavam o ataque principal;
  - Segundo, uma invasão anfíbia simulada no litoral kuwaitiano, pelos fuzileiros (Lousada, 2008).

Como plano de contingências, caso as forças iraquianas se apercebessem de todo o movimento por Oeste dos dois CE, o esforço principal passaria a ser realizado pelas forças de Fuzileiros através de um desembarque anfíbio (Lousada, 2008).

#### 4.4.4. Ofensiva Terrestre

##### 4.4.4.1. Primeiro Dia de Operações - 24 de Fevereiro

No dia 24 de Fevereiro de 1991, pelas 04H00<sup>69</sup>, iniciou-se a ofensiva terrestre com dois ataques em simultâneo. Um a Oeste pelas unidades do XVIII CE, e outro a Leste pelas forças Árabes e Fuzileiros.

O ataque a Oeste foi liderado pelo comandante do XVIII CE Aerotransportado. A sua unidade recebeu a ordem para se deslocar até ao rio Eufrates<sup>70</sup>, com a finalidade de bloquear os pontos de passagem mais críticos, impedir que as forças iraquianas no Kuwait fossem reforçadas através do Iraque e interditar as forças iraquianas ao longo da auto-estrada designada por *Highway 8*<sup>71</sup>. Posteriormente, elementos da sua força iriam prestar assistência na destruição da Guarda Republicana (Finlan, 2003).

Para cumprir a sua missão, o XVIII CE utilizou: a 6ª Divisão ligeira de blindados francesa<sup>72</sup> com a missão principal de garantir a protecção de flanco do CE ao mesmo tempo que a 82ª Divisão Aerotransportada realizava envolvimentos verticais (Anexo A) nas regiões de Samawah e Nasiriyah com a finalidade de estabelecer bases de operações avançadas e controlar a auto-estrada ao longo do rio Eufrates (Anexo O, Figura 77).

Neste primeiro dia, a 6ª Divisão francesa alcançou o objectivo Rochambeau e posteriormente conquistou o aeródromo de As Salman. A 101ª Divisão Aeromóvel tomou o Objectivo Cobra<sup>73</sup> através de uma operação aeromóvel (Anexo A) (Anexo O, Figura 77). Depois, forças mecanizadas desta Divisão auxiliaram na consolidação do Objectivo Cobra, posição transformada numa base avançada de reabastecimentos. O restante da força orientou-se para Norte, a fim de cortar as linhas de comunicações ao longo da *Highway 8* (Finlan, 2003; Lousada, 2008).

<sup>68</sup> Reserva do teatro.

<sup>69</sup> Hora Local.

<sup>70</sup> Cerca de 300 Km para o interior do Iraque.

<sup>71</sup> Esta auto-estrada encontra-se ao longo do Rio Eufrates.

<sup>72</sup> Conhecida pela Divisão Daguet.

<sup>73</sup> A 150 Km de Rochambeau.

Simultaneamente as estas duas acções, foram realizadas as duas manobras de decepção planeadas: Uma a Leste da Cidade do Kuwait, através das forças de Fuzileiros no Golfo que executaram uma finta simulando um desembarque anfíbio, outra pela 1ª Divisão de Cavalaria ao longo do eixo de Wadi Al Batin, com a finalidade de persuadir as forças iraquianas de que aquele seria o ataque principal da força (Anexo O, Figura 77). Ambas foram realizadas sob o apoio de fogos navais (Viana, 1993).

No final do primeiro dia o XVIII CE tinha conseguido um bom avanço, estabelecendo forças cerca de 273 Km para o interior do Iraque. Em termos de oposição, verificou-se que as tropas iraquianas renderam-se rapidamente após pequenos empenhamentos e eram elevados os números de PG. Ambos estes factores levaram a que Schwarzkopf acelerasse a operação para não perder o ímpeto, ordenando à 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada do XVIII CE para atacar os seus Objectivos *Brown*, *Red* e *Grey*, cinco horas antes do que estava planeado (Anexo O, Figura 77).

Com o acelerar dos acontecimentos, o ataque do VII CE<sup>74</sup> foi antecipado 15 horas, realizando-se pelas 15H00 do primeiro dia de operações (Viana, 1993). O VII CE recebeu a missão de encurralar as forças iraquianas no Kuwait e destruir a Guarda Republicana. Entretanto, a 1ª e 3ª Divisões Blindadas atravessaram a linha iraquiana no flanco mais a Oeste, juntamente com o 2º Regimento de Cavalaria Blindado, avançando em direcção ao Objectivo "*Collins*". Ao centro do dispositivo, a 1ª Divisão de Infantaria Mecanizada americana iria abrir a brecha na linha iraquiana<sup>75</sup>, por onde iria passar a 1ª Divisão Blindada inglesa (Anexo O, Figura 78). Aplicando maior poder de fogo e capacidade de manobra derrotaram duas Divisões iraquianas<sup>76</sup>, fazendo um significativo número de PG (Finlan, 2003).

Mover um CE pelas várias brechas nos dispositivos iraquianos não foi uma tarefa fácil para o comandante do VII CE, que sentiu a necessidade de movimentar toda a sua força de forma concentrada e não por elementos separados. Para tal, viu-se obrigado no final da primeira noite a parar o avanço das suas unidades até que as suas principais forças tivessem passado a brecha.

Todos estes ataques às linhas avançadas iraquianas foram precedidos de barragens de Artilharia, com uma duração de cerca de trinta minutos (Finlan, 2003).

A JFC-N teve como tarefa "empurrar" as defesas iraquianas, proteger o flanco Este do VII CE e alcançar posições "chave" no interior do Kuwait (Anexo O, Figura 79). O seu progresso ao longo do primeiro dia foi feito de forma cautelosa e mais lenta em comparação com as forças mais a Oeste.

---

<sup>74</sup> Previsto para as primeiras horas do dia 25 de Fevereiro.

<sup>75</sup> Adaptando um sistema ao CC M1A1 para abrir caminho pelos campos de minas.

<sup>76</sup> A 48ª e 26ª Divisões iraquianas.

A 1ª MEF tinha a tarefa de derrotar as forças iraquianas no Kuwait e avançar em direcção ao Mutla Pass<sup>77</sup> com a finalidade de convencer Saddam que ali seria o assalto principal. Esta linha de assalto era uma das mais difíceis, por ser a zona mais densa da defensiva iraquiana. Desta forma, a força de fuzileiros americanos dividiu a missão pelas suas duas Divisões. A 1ª Divisão tinha a tarefa de atacar em direcção ao campo aéreo de Al-Jabir, e a 2ª Divisão atacava a oeste desta em direcção a Mutla Pass (Anexo O, Figura 79).

A JFC-E tinha a tarefa de progredir junto à costa em direcção ao Kuwait (Anexo O, Figura 79). Através da coordenação dos ataques aéreos e fogos navais com o avanço da força, conseguiram uma boa progressão atingindo todos os seus objectivos no primeiro dia.

As forças mais a Este do dispositivo<sup>78</sup> tinham menos forças blindadas em comparação com o VII CE, mesmo assim, através de veículos ligeiros, mísseis ACar e apoio aéreo conseguiram atingir os seus objectivos (Finlan, 2003).

#### 4.4.4.2. Segundo Dia de Operações - 25 de Fevereiro

No segundo dia de operações, a 101ª Divisão Aeromóvel realizou uma operação na região das cidades de Samawah e Nasiriyah que lhe permitiu controlar a Highway 8<sup>79</sup>, cortando assim as linhas de comunicações das forças iraquianas sem que as forças da Guarda Republicana se apercebessem. Esta operação foi realizada em três vagas de helicópteros de assalto Black Hawk<sup>80</sup>, após terem percorrido durante a noite cerca de 280 Km sob chuva (Viana, 1993).

A 24ª Divisão Mecanizada do XVIII CE, manobrou cerca de 135 Km para o interior do Iraque destruindo duas Divisões de Infantaria iraquianas<sup>81</sup> e, posteriormente, realizou uma operação de junção com a 101ª Divisão (Anexo O, Figura 80) (Lousada, 2008).

O VII CE estava a progredir menos no terreno. Encontravam-se ainda afastados do Objectivo “Collins”, a partir do qual, iriam seguir mais para Este a fim de envolver as forças iraquianas e seguir em direcção às unidades da Guarda Republicana. Para a 1ª Divisão Blindada inglesa, o segundo dia de operações representou o início da sua ofensiva ocupando uma zona de reunião pronta a atacar a Guarda Republicana. A 1ª Divisão de Cavalaria continuava a executar a finta na região fronteiriça. No final do dia a maior parte das forças do VII CE estavam em posição, prontas a lançar o ataque à Guarda Republicana no dia seguinte (Anexo O, Figura 81) (Finlan, 2003).

As forças mais a Este continuavam a avançar a um ritmo mais lento mas estável (Anexo O, Figura 82). Principalmente os fuzileiros depararam-se com alguns obstáculos,

---

<sup>77</sup> Uma região no interior do Kuwait, junto à fronteira.

<sup>78</sup> A JFC-N, 1ª MEF e JFC-E.

<sup>79</sup> Fazia a ligação de Bagdad a Bassorá.

<sup>80</sup> Cerca de 3.000 homens e 300 helicópteros.

<sup>81</sup> A 24ª e a 35ª Divisões iraquianas.

nomeadamente a chuva, a pouca visibilidade<sup>82</sup> e uma significativa oposição por parte do inimigo<sup>83</sup>. Isto levou a que os combates se dessem a curtas distâncias e mesmo durante a noite, envolvendo CC. No final do dia, estas forças estavam a cerca de 16 Km da Cidade do Kuwait. As forças iraquianas nesta zona iniciaram a retirada em massa em direcção à Cidade do Kuwait, provocando a sua desorganização (Finlan, 2003).

As forças da coligação depararam-se, à medida que avançavam, que eram elevados os números de soldados iraquianos que estavam dispostos a renderem-se, o que acabou por se tornar num problema logístico prejudicando o ritmo da progressão.

#### 4.4.4.3. Terceiro Dia de Operações - 26 de Fevereiro

Não faltava muito para que as forças iraquianas se encontrassem cercadas. Contudo, o terceiro dia de operações ficou marcado por um ataque involuntário de um avião da coligação a duas viaturas inglesas<sup>84</sup> (Lousada, Anexo R) (Finlan, 2003).

Neste mesmo dia, Saddam deu ordem para as suas forças retirarem do Kuwait e se reorganizarem no Iraque. Isto levou a um congestionamento na auto-estrada que ligava a Cidade do Kuwait ao Iraque e o consequente bombardeamento por meios aéreos da Coligação, passando aquela auto-estrada a designar-se por “auto-estrada da morte” (Viana, 1993).

A segurança à retaguarda das forças da coligação mais a Oeste continuava a ser garantida pela Divisão francesa. Graças aos envoltimentos verticais (Lousada, Anexo R) nas cidades de As Samawah e Nasiriyah para garantir o controlo da auto-estrada, e a operação de junção (Anexo A) feita pela 24ª Divisão Mecanizada com a 101ª Divisão Aeromóvel nesta zona, permitiu controlar a única forma de retirada das forças da Guarda Republicana que era através da ponte de Nasiriyah. A operação de junção foi importante porque só os meios da Divisão aeromóvel não eram suficientes para impedir a retirada dos blindados da Guarda Republicana (Anexo O, Figura 83) (Viana, 1993).

O XVIII CE tinha assim completado o seu envolvimento (Anexo A). A 82ª Divisão Aerotransportada guardava as linhas de comunicações das forças aliadas<sup>85</sup> (Anexo O, Figura 83). A Nordeste desta, a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada e o 3º Regimento de Cavalaria Blindado, manobravam para Este com a finalidade de “fechar” o possível eixo de retirada das forças iraquianas, pelo rio Eufrates. Para tal, a 24ª Divisão Mecanizada enviou uma subunidade<sup>86</sup> para atacar o campo aéreo de Tallil, outra para progredir em direcção a Bassorá<sup>87</sup> e uma última<sup>88</sup> em direcção ao campo aéreo de Jalibah. Após isto, estas forças

---

<sup>82</sup> As forças iraquianas à medida que retiravam incendiavam as reservas de petróleo.

<sup>83</sup> Ambas as Divisões depararam-se com contra-ataques iraquianos.

<sup>84</sup> Resultando em nove soldados mortos e onze feridos.

<sup>85</sup> A Este do Objectivo Cobra.

<sup>86</sup> A 197ª Brigada.

<sup>87</sup> A 1ª Brigada.

<sup>88</sup> A 2ª Brigada.

seguiam em direcção a Bassorá até se encontrarem com o VII CE, a fim de envolver as Divisões da Guarda Republicana<sup>89</sup> (Anexo O, Figura 84).

Simultaneamente, a 2ª Brigada da 101ª Divisão iriam ocupar uma posição a sul do campo aéreo de Jalibah. Essa posição tornar-se-ia numa base avançada designada por *Viper* (Anexo O, Figura 84), e tinha a finalidade de apoiar operações futuras.

Todas estas forças encontraram forte resistência dispostas a combater a curtas distâncias.

Ao VII CE foi atribuída a tarefa de fechar as principais forças da Guarda Republicana na sua zona de acção<sup>90</sup>. Assim, a 1ª Divisão Blindada americana recebeu ordem para atacar a Divisão iraquiana Tawakalna. Devido à boa preparação das posições defensivas por parte da Guarda Republicana e às desfavoráveis condições climatéricas<sup>91</sup>, forçaram a 3ª Divisão Blindada a reforçar a 1ª Divisão (Anexo O, Figura 85). O combate só terminou na manhã do dia seguinte (Finlan, 2003).

Ligeiramente mais a Sul, o 2º Regimento de Cavalaria Blindado também se empenhou com elementos da Divisão Tawakalna, que possuíam superioridade em de CC. Mais uma vez, a artilharia, CC, fogo de helicópteros *Apache* provou ser decisivo para o combate.

Mais a Sul, a 1ª Divisão Blindada inglesa também se deparou com condições atmosféricas adversas<sup>92</sup>, mesmo assim derrotou a 52ª Divisão blindada iraquiana. Após isto recebeu ordem para entrar no Kuwait por Wadi Al Batin. Finalmente, o VII CE tinha fechado os eixos às Divisões da Guarda Republicana na sua zona de acção (Anexo O, Figura 85) (Finlan, 2003).

Os dois CE tinham finalmente cercado as forças iraquianas e estavam em posição para lançar o assalto final às Divisões da guarda pessoal de Saddam (Anexo O, Figura 86). Um destes confrontos ficou conhecido como a batalha de Medinah Ridge. Neste local, as forças iraquianas tinham posicionado os seus CC em terreno elevado e coberto, a fim de surpreender as forças da coligação. Contudo, a 1ª Divisão Blindada americana detectou-os antes de tempo e, explorando o “*Stand of Range*” (Anexo A) das suas armas, respondeu com fogo de Artilharia, de CC e aéreo. Deste combate resultaram bastantes mortes para as forças iraquianas, e duas mortes americanas<sup>93</sup>.

A Este destas forças, a JFC-N progredia em direcção à Cidade do Kuwait, encontrando oposição mínima (Anexo O, Figura 86).

A 1ª Divisão de Fuzileiros deslocava-se a fim de ocupar o aeroporto internacional do Kuwait. A 2ª Divisão de Fuzileiros juntamente com a Brigada *Tiger* progrediam em direcção a Mutla Ridge, onde defrontaram a 3ª Divisão Blindada e 5ª Divisão Mecanizada iraquianas. Graças ao poder aéreo Mutla Ridge foi conquistado ao final do dia. Após isto a 1ª MEF consolidou

---

<sup>89</sup> As Divisões Al-Faw, Hammurabi e Nebuchadnezzar.

<sup>90</sup> As Divisões Hammurabi, Madinah, Adnan e Tawakalna.

<sup>91</sup> Ventos fortes que interferiam com os aparelhos de pontaria.

<sup>92</sup> Tempestade de areia.

<sup>93</sup> Por fratricídio.

as posições das duas divisões de Fuzileiros onde permaneceram até ao cessar-fogo do dia seguinte (Anexo O, Figura 86).

A Este do dispositivo da Coligação encontrava-se a JFC-E, que mantinha o seu rápido avanço, em direcção à Cidade do Kuwait, alcançando-a no final do dia (Anexo O, Figura 86) (Finlan, 2003).

#### 4.4.4.4. Quarto Dia de Operações – 27 de Fevereiro

Pela manhã do dia 27 de Fevereiro de 1991 a batalha pelo Kuwait estava praticamente terminada. Por esta altura efectuavam-se as operações de exploração do sucesso e perseguição (Anexo A) (Ribeiro, 2000).

A JFC-N e a JFC-E conquistaram a cidade do Kuwait, enquanto o 1ª MEF controlava os acessos à cidade (Anexo O, Figura 87) (Ribeiro, 2000).

Os XVIII e VII CE continuaram a combater as forças da Guarda Republicana com a finalidade de impedir a reorganização destas forças, destruindo o máximo de equipamento possível (Anexo O, Figura 87) (Finlan, 2003).

*“O Exército iraquiano tinha sido derrotado ao fim de 100 horas de ofensiva terrestre...”* (Viana, 1993, p. 61). O esforço de ofensiva, conduzido pelo VII CE, durou 87 horas (Lousada, 2008).

#### 4.4.4.5. Fim das Operações Militares

No dia 28 de Fevereiro de 1991, pelas 08H00, o presidente Bush tomou a decisão de suspender os combates, após o Iraque ter aceite todas as resoluções das NU (Viana, 1993). Outro factor que possivelmente levou à decisão de suspender os combates, foi no sentido de evitar baixas iraquianas excessivas que pudessem ser alvo de condenação internacional<sup>94</sup>.

O último combate entre as duas partes, deu-se em 2 de Março, entre a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada e a Divisão Hammurabi (Anexo O, p. 117).

Várias opções foram ponderadas sobre como e o local onde se deveriam proceder as negociações de cessar-fogo entre as duas partes. A decisão final foi a base aérea de Safwan (Anexo O, Figura 88), a poucos quilómetros da fronteira com o Kuwait.

No dia 3 de Março, pelas 11H00, as duas partes reuniram-se na base aérea de Safwan. Do lado americano estava presente o General Schwarzkopf e os comandantes da coligação. Do lado iraquiano, Saddam enviou o Chefe de Pessoal do Ministério da Defesa e o comandante do 3º CE iraquiano (Finlan, 2003).

---

<sup>94</sup> Como por exemplo, helicópteros a fazer fogo com munições de 30mm sobre soldados que fugiam de viaturas em chamas, e imagens de corpos espalhados e viaturas a arder na estrada que ia do Kuwait em direcção a Noroeste do Iraque, foram situações que começaram a ocorrer e que poderiam ser considerados como excessos resultantes da guerra (Finlan, 2003).

#### 4.4. Campanha Terrestre

Nesta reunião vários assuntos foram debatidos (Anexo O, p. 117). As forças da coligação exigiram o acesso aos PG pela cruz vermelha, o retorno imediato de todos os prisioneiros e mortos, a identificação dos campos de minas e armas não convencionais no Kuwait e a necessidade de resolver a questão dos desaparecidos em combate. Relativamente à questão dos PG, o Iraque admitiu ter cerca de quarenta e um PG de várias nacionalidades, e as forças da coligação cerca de 60.000 PG iraquianos.

As NU no dia anterior a esta reunião tinha passado uma resolução dando os termos de cessar-fogo. Outras resoluções foram emitidas mais tarde, sobre a questão das fronteiras<sup>95</sup>, reparações de guerra<sup>96</sup>, a libertação dos PG, o fim de actos hostis e a criação de uma comissão de inspectores de armas<sup>97</sup>. Até estas exigências serem cumpridas, o uso da força continuaria a ser autorizado pelas NU (Finlan, 2003).

Em Janeiro de 1992, cerca de 500 mil soldados americanos tinham deixado o Teatro de Operações do Kuwait (Finlan, 2003).

---

<sup>95</sup> Anulando a anexação do Kuwait.

<sup>96</sup> O Iraque tinha de aceitar a responsabilidade dos danos causados a outros países.

<sup>97</sup> A UNSCOM tinha como finalidade, assegurar a retirada do Iraque de todas as armas NBQ, bem como, os mísseis com um alcance que ultrapassa-se os 150 Km.

## 5. LIÇÕES APRENDIDAS

Após toda a informação recolhida nos capítulos anteriores, pretendemos a partir destes, retirar as principais lições resultantes do emprego de armas combinadas (Anexo A), para as forças terrestres, tendo como referência a definição de Lição Aprendida no Anexo A. Vamos ver de seguida, como as armas combinadas foram importantes na realização das operações e a sua devida explicação.

### **Adaptação às Condições Ambientais do TO**

Apesar de ter sido um factor inerente a todos os ramos das forças da Coligação, fez-se sentir mais nas forças terrestres, principalmente pelas unidades do XVIII CE Aerotransportado e VII CE Blindado.

As condições meteorológicas e do terreno no deserto eram muito difíceis (Calçada, Anexo R). Os soldados estavam constantemente a suar, a areia escaldava, e dormir era um desconforto frequente devido ao calor. Outro inimigo para além dos iraquianos foi a desidratação, uma vez que a água era escassa naquelas zonas. O clima seco e a pouca água levava a que os soldados não tivessem desejo de comer e conseqüentemente enfraqueciam. A mais pequena tarefa tornava-se assim num esforço (Finlan, 2003).

O calor não se fez sentir apenas nos soldados, mas também nas viaturas. As temperaturas ao fim da tarde rondavam os 40°C, o que provocava por vezes o sobreaquecimento das mesmas (Finlan, 2008).

As tempestades de areia também eram frequentes e duravam horas, obrigando os soldados a refugiarem-se nos CC<sup>98</sup> e, posteriormente, a limpeza das armas exteriores da viatura que ficavam cheias de areia. A ideia de ter uma noite sossegado fora do carro de combate era posta de lado devido à ameaça de cobras e insectos (Finlan, 2008).

Assim que a época mudou para o Inverno, um dos maiores problemas foram as noites frias, bem como as chuvas (Finlan, 2008).

Ocorreram também situações em que a comida local se encontrava envenenada. Na Arábia Saudita as tropas sofriam de diarreia devido a bactérias locais, mas tratáveis.

Todas estas situações requeriam uma atenção e um esforço complementar por parte dos comandantes das forças, no sentido de saber lidar com a situação e continuar a missão.

### **O Factor Tecnológico**

Este factor esteve presente na vertente aérea, naval e terrestre.

Para as forças terrestres, as possibilidades do M1A1 *Abram* realizar fogo em movimento, da viatura M2 *Bradley* permitir realizar fogo do seu interior e a precisão dos mísseis ACar dos

---

<sup>98</sup> Quentes no seu interior devido às altas temperaturas.

helicópteros *Apache*, foram algumas das características mais marcantes destes meios que fizeram a diferença para as armas combinadas (Cor Calçada, TCor Lousada, Anexo R).

A utilização de sensores térmicos e a capacidade destas armas em adquirir alvos a grandes distâncias, realizar fogo com maior precisão explorando sempre o “Stand of Range”, permitiram que os combates se realizassem de uma forma rápida e acelerada, com um reduzido número de baixas e danos colaterais (Department of defense, 1991) (TCor Lousada, Anexo R).

A utilização do GPS foi essencial principalmente na execução da manobra “*Hail Mary*”, pelos XVIII e VII CE na véspera da ofensiva terrestre, permitindo aos comandantes das forças realizá-la com velocidade e precisão nos desertos do Médio Oriente (Department of defense, 1991) (TCor Macieira, Anexo R).

Outra vantagem permitida pelo avanço da tecnologia, foi a possibilidade de se combater de noite de uma forma mais eficaz e precisa.

### **O Emprego de Helicópteros**

Como podemos ver ao longo da descrição da campanha geral, esta guerra ficou marcada pelo emprego da doutrina da Batalha Aero-Terrestre<sup>99</sup> (Cor Calçada, Anexo R). Esta doutrina foi visível através das quatro fases da campanha geral. Particularizando na campanha terrestre, os helicópteros tiveram um papel fundamental e que poderá servir de exemplo para cenários como este (TCor Lousada, Anexo R). Foram essenciais no transporte de forças e imprescindíveis, no emprego coordenado com os CC e as VCI da Infantaria, conferindo protecção, poder de fogo e choque a estas forças, alcançando por vezes objectivos que os CC não conseguiam alcançar.

Mas também temos o exemplo através da operação de junção<sup>100</sup>, no segundo dia da operação *Desert Storm*, como esta arma por si só não tem a mesma eficácia. Face a ameaça dos CC da Guarda Republicana, foi necessária a presença de forças mecanizadas em paralelo com as forças aeromóveis, para impedir que as forças iraquianas retirassem por aquela zona.

### **Interoperabilidade de Sistemas**

A utilização do trinómio CC M1A1, VCI M2 *Bradley* e o helicóptero AH-64 *Apache*, obrigou a uma interoperabilidade entre os sistemas tecnológicos utilizados por estas armas (Cor Calçada, Anexo R). Este exemplo é claro no quarto capítulo, por exemplo, em que um alvo é adquirido por um soldado de Infantaria, mas é batido por fogo vindo de um helicóptero *Apache*.

---

<sup>99</sup> A doutrina *Air Land Battle*.

<sup>100</sup> Entre a 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada e a 101ª Divisão Aeromóvel na localidade de Nasiriyah.

Como referiu o COR Calçada, não basta juntar dois sistemas de armas, há que juntar sistemas de armas adequados e que se complementem. Nesta perspectiva o CC *Abrams* e a viatura *Bradley* adequaram-se perfeitamente

### **Ritmo da Progressão**

A velocidade permitida pelos meios de combate de Infantaria e Cavalaria, através das viaturas VCI M2 *Bradley* e o CC M1A1 *Abram* respectivamente, ao percorrem os extensos desertos do Médio Oriente foram essenciais para a manobra e surpresa das operações da Coligação (Ribeiro, 2000).

### **Ocupação do Terreno**

De acordo com o TCor Lousada (Anexo R), as forças conjuntas foram essenciais para a vitória da Coligação, principalmente com a grande contribuição da campanha aérea. Mas esta vitória só foi possível graças à ocupação no terreno pelas forças terrestres, materializada pela acção combinada do poder de choque e fogo dos CC com o embarcar e desembarcar de tropas de Infantaria para assaltar as posições iraquianas.

Os efeitos produzidos pelos CC nas posições defensivas iraquianas foram devastadores, mas para tal, foi essencial a presença das unidades essencialmente mecanizadas de Infantaria, quer na protecção próxima dos CC como no assalto e consolidação das posições.

### **Capacidade de Evacuação**

Como podemos ver no quarto capítulo, uma das surpresas da Coligação foi a facilidade com que muitos soldados iraquianos se rendiam após pequenos empenhamentos, o que acelerou toda a operação. Contudo, o elevado número de PG acabou por limitar o avanço das forças mecanizadas e blindadas, visto a sua capacidade de evacuação não ter sido suficiente para aquelas circunstâncias.

### **Melhoria dos Sistemas de Identificação**

Apesar do avanço tecnológico um dos problemas que marcaram esta guerra, foram as mortes resultantes de fogo amigo (Anexo P) (TCor Lousada, Anexo R). Algumas dessas baixas deveram-se à limitação dos sistemas em distinguirem os alvos amigos dos inimigos (Department of defense, 1991).

### **Emprego dos Princípios de Combate**

A manobra (Anexo A) foi um princípio especialmente utilizado (Anexo R) pelos dois CE mais a Oeste, em que a velocidade, flexibilidade e mobilidade dos meios permitiram que a

eficácia dos ataques fosse feita de forma agressiva, aplicando o fogo dos helicópteros e CC, e o movimento dos CC e VCI. O emprego combinado destes meios foi vital para atingir um dos centros de gravidade, ou seja, anular a capacidade de combater da Guarda Republicana.

Neste caso do Golfo, a economia de forças (Anexo A) pelas armas combinadas também esteve presente (Cor Calçada, Anexo R). Pegando no exemplo do primeiro dia da operação *Desert Storm*, em que a 101ª Divisão Aeromóvel, através de um assalto aéreo conquistou o Objectivo Cobra, só depois, a quando da consolidação, as forças mecanizadas desta unidade auxiliaram.

Dadas as características destes sistemas de armas, a protecção e segurança foram dois princípios empregues (TCor Lousada, Anexo R). Por exemplo, a Divisão Francesa era responsável pela segurança de flanco dos dois CE, e pegando num exemplo mais simples, as VCI integradas com os CC garantindo a protecção dos mesmos.

Toda a velocidade garantida através do emprego de armas combinadas conferiu o factor surpresa às forças da Coligação, não só em termos de “timing” como na capacidade de reacção, em que as forças iraquianas ainda reagiam a uma primeira acção da Coligação e já uma segunda estava a ocorrer, como referiu o COR Calçada (Anexo R).

### **Emprego em Acções de Decepção e Simulação**

A acção desenrolada pela 1ª Divisão de Cavalaria, a reserva do TO, inicialmente realizando passagens na fronteira indiciando preparativos para a guerra e posteriormente um ataque contra divisões iraquianas em Wadi Al Batin simulando que o ataque principal viria daquela direcção (Anexo A), foi possível graças à sua orgânica em armas combinadas (Department of defense, 1991).

## 6. CONCLUSÃO

A Guerra do Golfo de 1991, foi a última guerra convencional após a queda do muro de Berlim e, a primeira a utilizar um conjunto de equipamentos e tecnologias, enquadrados na doutrina *Air Land Battle*, especialmente desenvolvida e aplicada pelas forças da Coligação no TO do Médio Oriente, garantindo a superioridade sobre as forças iraquianas.

O TO do Médio Oriente, envolveu na sua totalidade o território do Kuwait, bem como, parte do território iraquiano e saudita. Apesar das operações terrestres se terem realizado durante o período de temperaturas mais baixas, esta região essencialmente desértica, teve como principais obstáculos as altas temperaturas que se fizeram sentir quer nos soldados da Coligação, quer no sobreaquecimento das viaturas. As tempestades de areia, requeriam cuidados extraordinários para o bom funcionamento das armas, para além de, limitarem a observação levando os combates a realizarem-se a curtas distâncias. O terreno, apesar de não ser acidentado, a sua extensão teve influência no comando e controlo de algumas unidades da Coligação que, se viram obrigadas a abrandar o seu ritmo de deslocamento.

Das diversas vias de comunicação que ligavam as principais cidades destes três países, destacaram-se a *Highway 8* e as cidades junto ao rio Eufrates e Tigre. Esta auto-estrada fazia a ligação de Bagdad (Iraque) à Cidade do Kuwait (Kuwait), onde se realizaram operações aeromóveis, e posteriormente, uma operação de junção de uma força mecanizada a estas, no sentido de cercar e controlar o principal eixo de retirada das forças iraquianas do Kuwait.

O território do Kuwait não dispunha de linhas de defesa naturais, o que obrigou as forças iraquianas a construírem posições defensivas. Esta preparação do terreno também foi necessária ao longo da costa Kuwaitiana, devido à presença de forças navais da Coligação no Golfo Pérsico, iludindo Saddam Hussein de um possível desembarque anfíbio.

O território da Arábia Saudita foi importante, principalmente na realização da Operação *Desert Shield*, logo após, a invasão do Kuwait por parte do Iraque. No sentido de proteger este país de uma futura invasão iraquiana, iniciou-se a concentração de forças da Coligação em território saudita, com o objectivo de, dissuadir Saddam e levar as forças iraquianas a retirarem do Kuwait. Ao mesmo tempo, reunia-se o efectivo necessário para posteriormente se realizar uma acção militar a fim de libertar o Kuwait, designada por Operação *Desert Storm*.

A Coligação Multinacional constituída para fazer face às forças iraquianas, era uma força conjunta e combinada, constituída por 39 países do qual se destacou os EUA, pelos seus meios militares, e os Estados Árabes, pela sua importância política e influência a nível regional. Isto, leva à criação de duas estruturas de comando, uma ocidental e uma Árabe, sob o comando único do GEN americano Norman Schwarzkopf.

Do lado iraquiano, Saddam Hussein apenas pôde contar com o apoio de cinco países. O seu comando revelou-se rígido e pouco flexível, ao contrário das forças da Coligação, tendo em conta que, todas as decisões militares sobre a condução da guerra eram tomadas unicamente pela sua pessoa.

O efectivo de homens e CC iraquianos eram superiores aos da Coligação. Com o desenrolar das operações, a previsão inicial de elevadas baixas para as forças da Coligação foi posta de lado, demonstrando que, a qualidade dos meios e o seu correcto emprego, superaram o maior número de efectivos.

Esta guerra torna-se numa referência pela forma como foi conduzida, mas principalmente, pelo emprego de armas combinadas com helicópteros, utilização de elementos de tecnologia e informação e pelo novo tipo de armas e equipamentos em sintonia com as manobras tácticas, durante a campanha terrestre. Para além do equipamento e armamento individual, o CC M1A1 *Abram*, a viatura M2 *Bradley* e o helicóptero *Apache*, materializaram a ligação entre as armas combinadas e meios aéreos. O vector espacial também foi utilizado através de comunicações por satélite e GPS.

Perante isto, é notória a interoperabilidade entre sistemas que teve de existir para o sucesso das operações que, nesta guerra em particular, se evidenciou pela utilização do helicóptero em apoio das armas combinadas.

O grosso do dispositivo iraquiano concentrava-se no Kuwait, com fortes posições defensivas, principalmente, na fronteira com a Arábia Saudita e ao longo da costa, prevendo a modalidade de acção mais provável da Coligação que, seria um ataque vindo de uma destas direcções. As unidades de Infantaria, em 1º escalão, seriam reforçadas e completadas pelas unidades de CC, em 2º escalão. A reserva, constituída pelas forças da Guarda Republicana, seria empregue nomeadamente em contra-ataques.

Após a preparação do campo de batalha realizada durante as quatro primeiras fases da Operação *Desert Storm*, iniciou-se a ofensiva terrestre da Coligação. Esta ofensiva foi marcada pela sua manobra. O movimento de dois CE pelo território iraquiano, onde o seu dispositivo era mais fraco, para realizarem o ataque principal contra as forças da Guarda Republicana. Ataques secundários na fronteira da Arábia Saudita e Kuwait, através das forças Árabes e de fuzileiros. Duas acções de decepção, uma com a reserva do TO e outra no litoral pelos fuzileiros.

Saddam, dispôs as suas forças tendo em conta a modalidade de acção mais provável da Coligação, mas não a mais perigosa, que foi aquela materializada. A combinação das várias unidades e os meios empregues, permitiram a realização de uma manobra simples e rápida, em que foram utilizados princípios de combate como a economia de forças, surpresa, massa, manobra, informações, segurança e protecção contra um objectivo claramente identificado. A liderança pelos principais comandantes e a cooperação entre armas e países, foram essenciais para a realização da manobra da Coligação.

Poder-se-á falar do emprego de armas combinadas pelas forças iraquianas, pelo menos, em termos de planeamento. Contudo, esta previsão não se materializou devido, à doutrina empregue pela Coligação e pela sua forte componente tecnológica ao nível do armamento, comando, controlo e comunicações.

A acção como um todo das unidades de Infantaria, unidades Blindadas, de Artilharia e helicópteros da Coligação, reduziram a capacidade de resposta iraquiana.

Podemos assim concluir que, as armas combinadas foram essenciais para a realização da manobra terrestre. Explorou-se o poder de fogo, choque e velocidade dos CC, em sintonia com as VCI de Infantaria garantindo a sua protecção. Mas sem dúvida que, o sucesso obtido foi maximizado pela utilização dos helicópteros em apoio das armas combinadas. Apesar da superioridade tecnológica do CC M1A1 *Abram* e da VCI M2 *Bradley*, comparativamente às viaturas iraquianas, a rapidez e eficiência destas armas foi potenciada pelo poder de fogo dos helicópteros de combate AH 64 *Apache*, nomeadamente na luta ACar, em apoio das armas combinadas. Assim, confirmamos duas das hipóteses colocadas no início do trabalho.

Das várias lições retiradas no capítulo anterior, respondemos à questão central do trabalho. Contudo, se escolhesse-mos uma delas como a principal lição, seria o emprego das armas combinadas (Infantaria e Cavalaria) com os helicópteros, formando o trinómio que materializou a doutrina *Air Land Battle* nesta guerra.

A Guerra do Golfo de 1991, é um bom exemplo na forma como a campanha aérea foi importante na preparação do campo de batalha, cabendo ao Exército a ocupação no terreno. Em situações semelhantes a estas do Médio Oriente, é perceptível, como essa tarefa se torna eficiente através do emprego de armas combinadas com helicópteros. Desta forma, poderá ser uma ideia a acrescentar nos Exércitos que ainda não possuam este tipo de emprego.

## BIBLIOGRAFIA

### Livros e Manuais

- FINLAN, Alastair. (2003) **The Gulf War 1991**. Oxford: Osprey Publishing, 95 p.
- QUIDNOVI, org. (2003) **Grandes Batalhas da História Universal. Golfo 1991**. Matosinhos, QuidNovi, 61 p.
- REGULAMENTO DE CAMPANHA, (2005), **Operações**. Ministério da Defesa Nacional.

### Teses, Monografias e Dissertações

- CHIFFRES Marquants de la Region (1992), **O Conflito do Golfo – Seminário**. Lisboa, Instituto de Altos Estudos Militares, parte I, secção A, pp. 58-64.
- ESTRATÉGIA (1998), **Estudio Geopolítico Militar de Kuwait**. Espanha, primeiro ano, Escola Superior do Exército, Escola de Estado Maior.
- LEANDRO, Maj Art Francisco (2001), **A Participação Nacional em Operações de Apoio à Paz: Lições Aprendidas**. Lisboa, Instituto de Estudos Superiores Militares TILD CEM.
- MACIEIRA, Maj Inf Carlos (2005), **A Guerra do Iraque 2003. A Campanha**. Lisboa, Instituto de Estudos Superiores Militares. TILD CEM.
- RIBEIRO, Maj Tm Carlos (2000), **A Questão do Conflito do Golfo Pérsico (90/91) Consequências Políticas, Estratégicas, Operacionais, Logísticas e Táticas. Prospectivas**. Lisboa : Instituto de Estudos Superiores Militares. TILD CEM 98/2000.
- RODRIGUES, Asp Inf Hugo (2008), **A Batlha de Canas e a Operação Tempestade no Deserto**. Lisboa, Academia Militar, TIA 2008.
- VELOSO, Cap Gnr; MAIA, Cap Gnr; SIMÕES, Cap Eng; FERREIRA, Cap Cav; RABAÇA, Cap Inf; LOURENÇO, Cap Art (1991) **A Coacção Militar no Conflito do Golfo**. Lisboa, Instituto de Estudos Superiores Militares, O Conflito do Golfo - Seminário, TAG 1990/91, parte II, secção A, pp. 1-66.

### Documentos Militares

- DEPARTMENT of DEFENSE (1991), **Conduct of the Persian Gulf Conflit: An interim Report to Congress**. July 1991.

## Revistas e artigos

- FELGAS, Brig Hélio, **Números da Guerra do Golfo**. *Jornal do Exército*, nº 382, Outubro de 1991, pp. 18,19.
- MONTEIRO, Maj Art Joaquim, **A Informática na Guerra do Golfo**. *Jornal do Exército*, nº 376, Abril de 1991, pp. 9,10.
- P. MONTEIRO, Maj Inf Artur, **Guerra do Golfo – o sucesso da manobra terrestre**. *Jornal do Exército*, nº378, Junho de 1991, pp. 20-23.
- PINA MONTEIRO, Maj Inf Artur, **Teatro de Guerra do Médio Oriente, Factos, Dados, Reflexões**. *Jornal do Exército*, nº 373, Janeiro de 1991, pp. 21,29)
- RIBEIRO, TCor Tms Carlos; MENEZES; Prof Sofia; MACIEIRA, Maj Inf Carlos, **Análise das Duas Guerras do Golfo Pérsico (1991 e 2003), Contributos para a Transformação do Exército Português**. *Proelium*, nº 3, VI Série, 2005, pp. 55-112.
- VIANA, Maj António Victor D. Rodrigues, **O Conflito do Golfo Pérsico**, *Boletim do IAEM*, nº 30, 21 de Novembro de 1993, pág. 25 a 66.

## Diapositivos (Slides)

- FARO, Asp Inf Miguel; MONTEIRO, Asp Inf César (2007), **M2 Bradley**, 23 diapositivos.
- LOUSADA, TCor Abílio (2008), **A Guerra do Golfo de 1991 (A Campanha Terrestre)**. 52 diapositivos.
- T. FARO, Asp Inf Miguel (2007), **A Espingarda de Assalto AK 47**, 37 diapositivos.

## Sites

- EMÍLIO, Carlos – **“Fairchild A 10 Thunderbolt II”**, Campo de Batalha Aérea - Novembro de 2006 (disponível na Web em <http://www.areamilitar.net/DIRECTORIO/AER.aspx?nn=140>. Acedido em 19 de Agosto de 2008)
- EMÍLIO, Carlos – **“Boeing AH-64 Longbow Apache”**, Campo de Batalha Aérea – Junho de 2006 (disponível na Web em <http://www.areamilitar.net/DIRECTORIO/AER.aspx?nn=140>. Acedido em 19 de Agosto de 2008)

## ANEXOS

### ANEXO A

### CORPO DE CONCEITOS

**“Stand of Range”:** *“Termo que indica a distância na qual uma arma pode fazer fogo sobre o opositor sem estar dentro do alcance das suas armas”* (Macieira, 2005, p. A4).

**Armas Combinadas:** Conceito tático onde as diferentes armas e unidades são empregues em conjunto e não individualmente. Um agrupamento de armas combinadas é constituído por elementos de combate, de apoio de combate e de apoio de serviços. Os CC, a Infantaria e os helicópteros são o núcleo das armas combinadas (Regulamento de Campanha, 2005).

**Battle Group:** Neste enquadramento, consiste no grupo de navios formado pelos porta-aviões e as respectivas escoltas navais.

**Centro de Gravidade:** Conjunto de características, capacidades, ou locais de onde vem a força física ou a vontade de combater de uma força militar ou outra entidade (Regulamento de Campanha, 2005).

**Comando Operacional:** Autoridade que é conferida a um comandante para atribuir missões, tarefas ou forças a comandantes subordinados. Esta autoridade não inclui responsabilidades administrativas ou logísticas. (Instituto de Altos Estudos Militares, 2000, p. 4).

**Controlo Operacional:** Autoridade que é delegada a um comandante para dirigir as forças que lhe são atribuídas, no cumprimento de uma missão ou tarefa. O Controlo Operacional não inclui o controlo administrativo ou logístico dessas unidades, nem a autoridade para empregar separadamente partes das mesmas (Instituto de Altos Estudos Militares, *in* Macieira, 2005, p. 4)

**Decepção Militar:** Acções que visam enganar os decisores das forças adversárias sobre as nossas intenções, capacidades e operações, levando a que o adversário tome decisões que contribuam para o cumprimento da nossa missão (Department of Defense, *in* Macieira, 2005, p. A2).

**Demonstração:** Visa confundir o inimigo sem procurar o combate, exibindo um potencial de combate numa dada área onde não se procura a decisão (Regulamento de Campanha, 2005).

**Economia de Forças:** Consiste na atribuição de tarefas de acordo com as capacidades da força. Concentram-se as forças num determinado local, colocando um menor potencial noutros (Regulamento de Campanha, 2005).

**Envolvimento (vertical):** Forma de manobra em que uma força passa à volta das posições defensivas do inimigo, para atingir objectivos na sua retaguarda. O ataque principal é dirigido sobre as posições defensivas do inimigo (envolvimento vertical) (Regulamento de Campanha, 2005).

**Esforço:** Actividade, unidade ou local definido pelos comandantes como a tarefa mais importante num determinado momento, para se obter a decisão (Regulamento de Campanha, 2005).

**Estado Final:** Define a situação política e/ou militar que deverá existir quando uma operação tiver terminado (Instituto de Altos Estudos Militares, *in* Macieira, 2005, p. 5).

**Exploração do Sucesso:** Avanço rápido contra uma resistência debilitada, com o objectivo de manter a iniciativa e impedir a reorganização da defesa inimiga (Regulamento de Campanha, 2005).

**Finta:** Confundir uma força inimiga induzindo-a em erro, desviando a sua atenção e forças do ataque principal (Regulamento de Campanha, 2005).

**Força Combinada:** Força estruturada para um período mais ou menos longo, constituída por elementos de Forças Armadas de duas ou mais nações (Estado Maior de Exército, *in* Macieira, 2005, p. 5).

**Força Conjunta:** *“Força constituída por elementos de mais de um ramo das Forças Armadas, subordinadas ao mesmo comandante”* (Estado Maior de Exército, *in* Macieira, 2005, p. 5).

**Lições Aprendidas:** *“As LA representam um conjunto de ensinamentos teórico/práticos, directamente relacionáveis com uma determinada actuação, que resultaram da omissão, do vício ou do carácter genérico da doutrina ou mesmo da existência de eventos atípicos. Estas são identificadas a partir de uma experiência em concreto, seja ela operacional ou de treino e, destinam-se primariamente, a complementar os aspectos genéricos da doutrina e em certos casos, podem mesmo contribuir, quer para a identificação de erros, falhas ou omissões a corrigir pelo sistema de treino, quer ainda para a própria evolução da doutrina.”* (Leandro, 2001).

**Manobra:** Emprego de forças utilizando o seu movimento, velocidade e poder de fogo, para alcançar uma posição vantajosa em relação ao inimigo, a partir do qual, é possível usar a força ou ameaçá-lo (Regulamento de Campanha, 2005).

**Massa:** Concentração de um potencial de combate superior num local e momento decisivo (Regulamento de Campanha, 2005).

**Mobilidade:** Capacidade das forças se movimentarem nas diferentes condições e situações (Regulamento de Campanha, 2005).

**Movimento Torneante:** É uma variação do envolvimento, em que uma força contorna as posições defensivas inimigas, para conquistar objectivos na profundidade da retaguarda inimiga, obrigando-o abandonar as suas posições (Regulamento de Campanha, 2005).

**Operação de Junção:** Quando duas ou mais unidades amigas se juntam em território controlado pelo inimigo (Regulamento de Campanha, 2005).

**Operações Aeromóveis:** Operação em que forças de combate e o seu equipamento manobram em aeronaves (helicópteros) a fim de se empenharem em combates terrestres (Regulamento de Campanha, 2005).

**Operações Aerotransportadas:** Operações cujas forças são lançadas em pára-quedas ou por aterragem de assalto, utilizando aeronaves de asa fixa (Regulamento de Campanha, 2005).

**Perseguição:** Operação realizada para estabelecer contacto com uma força inimiga que tenta escapar, com o objectivo de destruí-la (Regulamento de Campanha, 2005).

**Ponto Forte:** Posição de Combate reforçada.

**Ponto Decisivo:** Ponto a partir do qual os centros de gravidade amigo ou hostil podem ser ameaçados. Incluem infra-estruturas ou aspectos do terreno que são críticos para a continuidade das operações (Instituto de Altos Estudos Militares, *in* Macieira, 2005, p. A4).

**Potencial de Combate:** Combinação dos meios materiais com a força moral de uma unidade. Resultado dos meios e acções que uma unidade pode aplicar contra o adversário, e a capacidade de evitar, ou limitar, as acções desencadeadas por este (Regulamento de Campanha, 2005).

**Teatro de Operações:** Parte do teatro de guerra onde se realiza a condução ou apoio das operações de combate (Regulamento de Campanha, 2005).

## ANEXO B

### FIGURAS POLÍTICAS E REGIÕES DE INTERESSE ECONÓMICO



**Figura 1: O líder iraquiano Saddam Hussein**

Fonte: [www.thepalmbeachtimes.com/Pictures%20forder/P](http://www.thepalmbeachtimes.com/Pictures%20forder/P).



**Figura 2: O líder iraniano Ayatollah Khomeini**

Fonte: [www.kommunan.is/asgeir/Ayatollah%20Khomeini.jpg](http://www.kommunan.is/asgeir/Ayatollah%20Khomeini.jpg).



**Figura 3: A região do Shatt Al-Arab**

Fonte: Lousada, 2008.



Figura 4: A região do Shatt Al-Arab e as ilhas Warba e Bourbyane  
Fonte: Lousada, 2008.

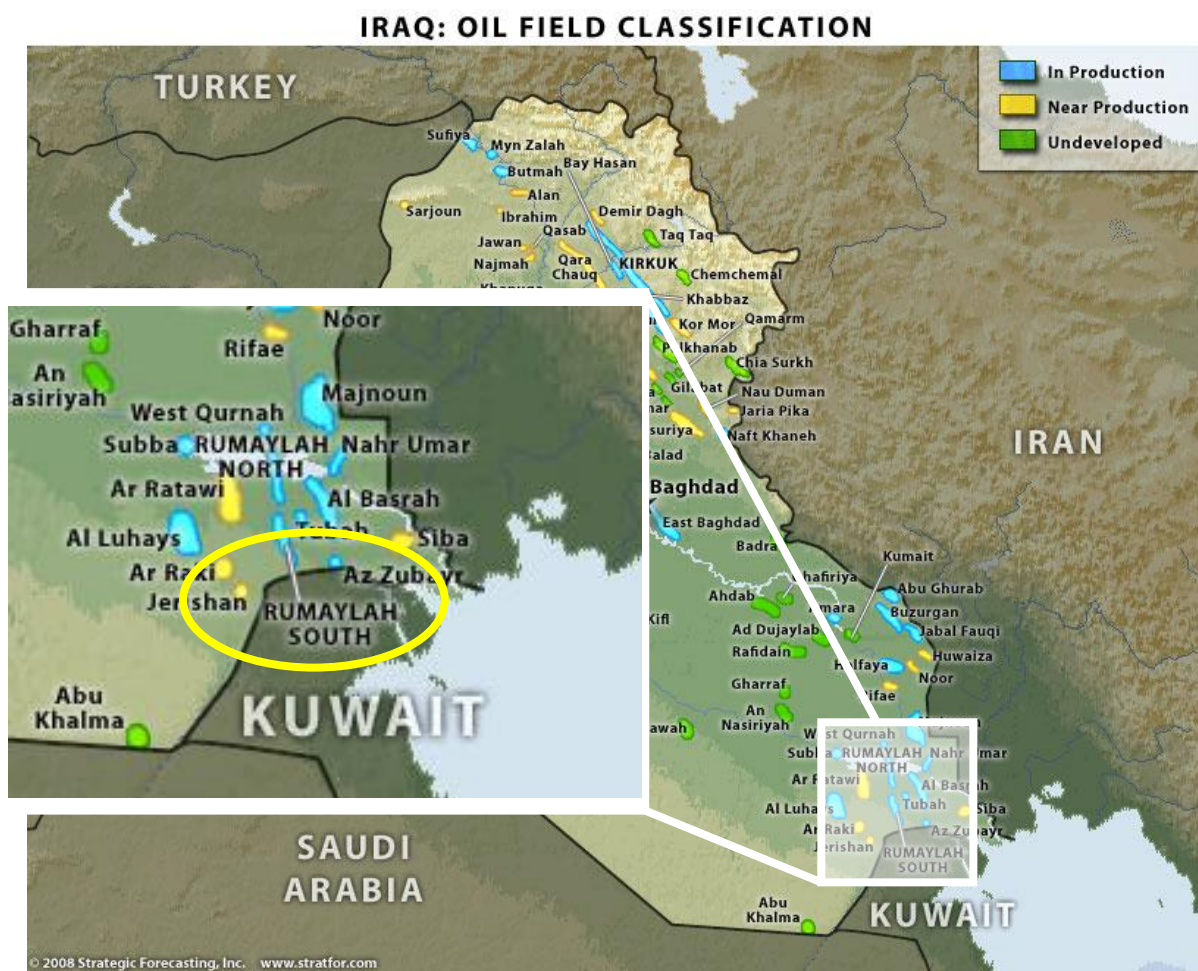


Figura 5: Reservas de petróleo na região de Rumáila  
Fonte: [Web.stratfor.com/images/IraqOilFields800.jpg](http://Web.stratfor.com/images/IraqOilFields800.jpg)

## ANEXO C O TEATRO DE OPERAÇÕES



Figura 6: O Teatro de Operações no Médio Oriente

Fonte: Lousada, 2008.



Figura 7: Bagdad, a capital do Iraque.

Fonte: Lousada, 2008.

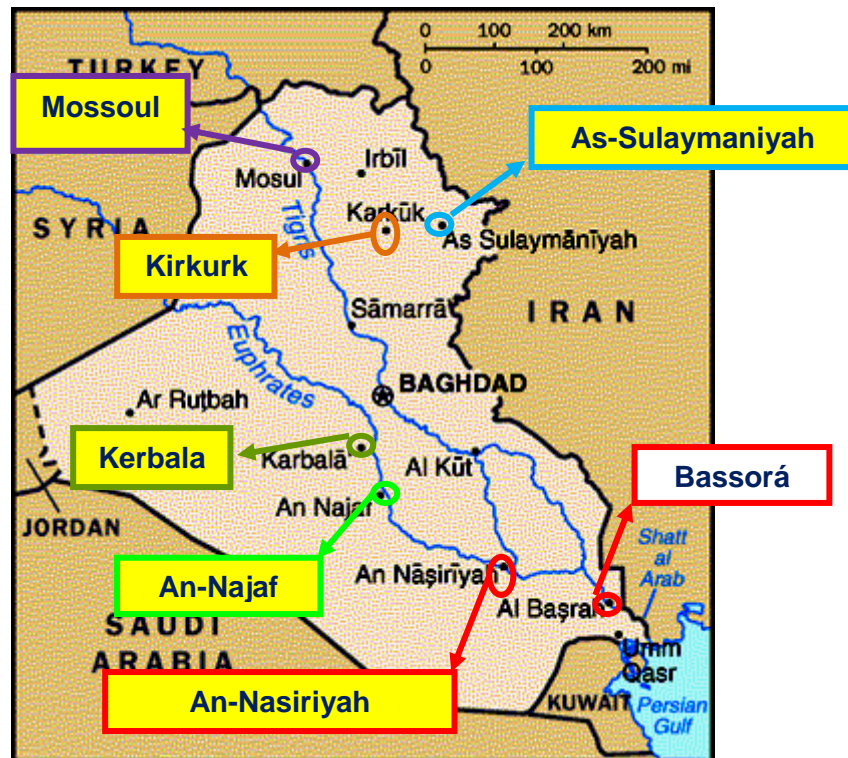


Figura 8: Principais cidades iraquianas  
Fonte: [www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/iraque/im](http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/iraque/im).

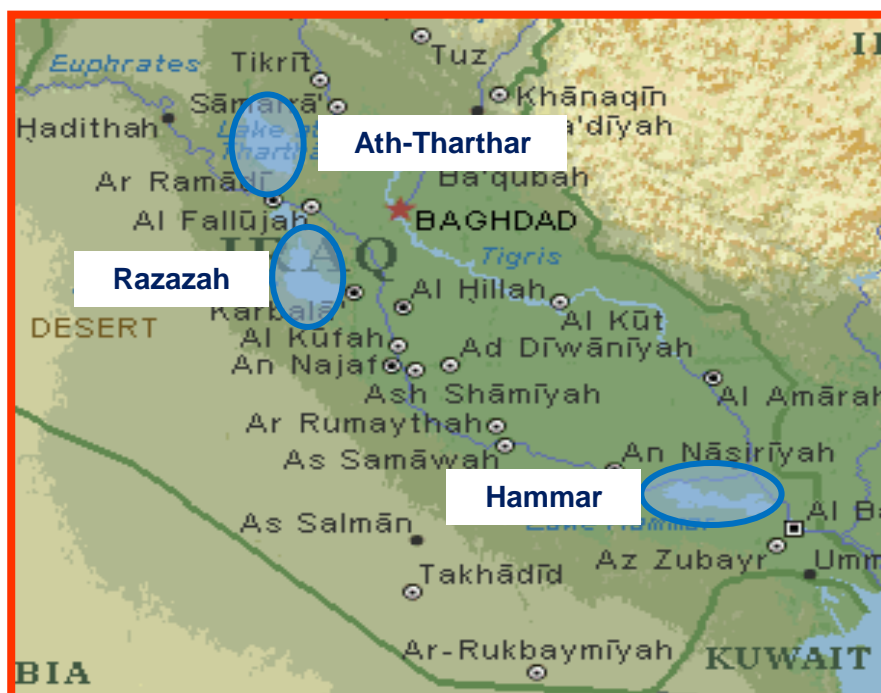


Figura 9: Principais lagos iraquianos  
Fonte: Lousada, 2008.



Figura 10: Principais vias de comunicação iraquianas  
Fonte: Lousada, 2008.

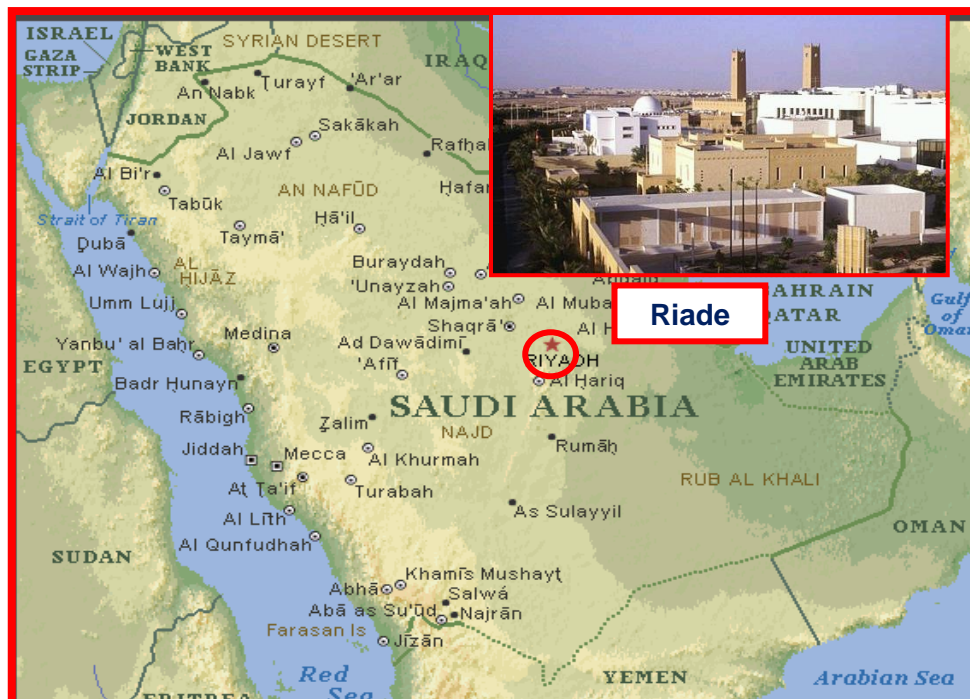


Figura 11: Riade, a capital saudita  
Fonte: Lousada, 2008.



Figura 12: Principais cidades sauditas  
Fonte: Lousada, 2008.

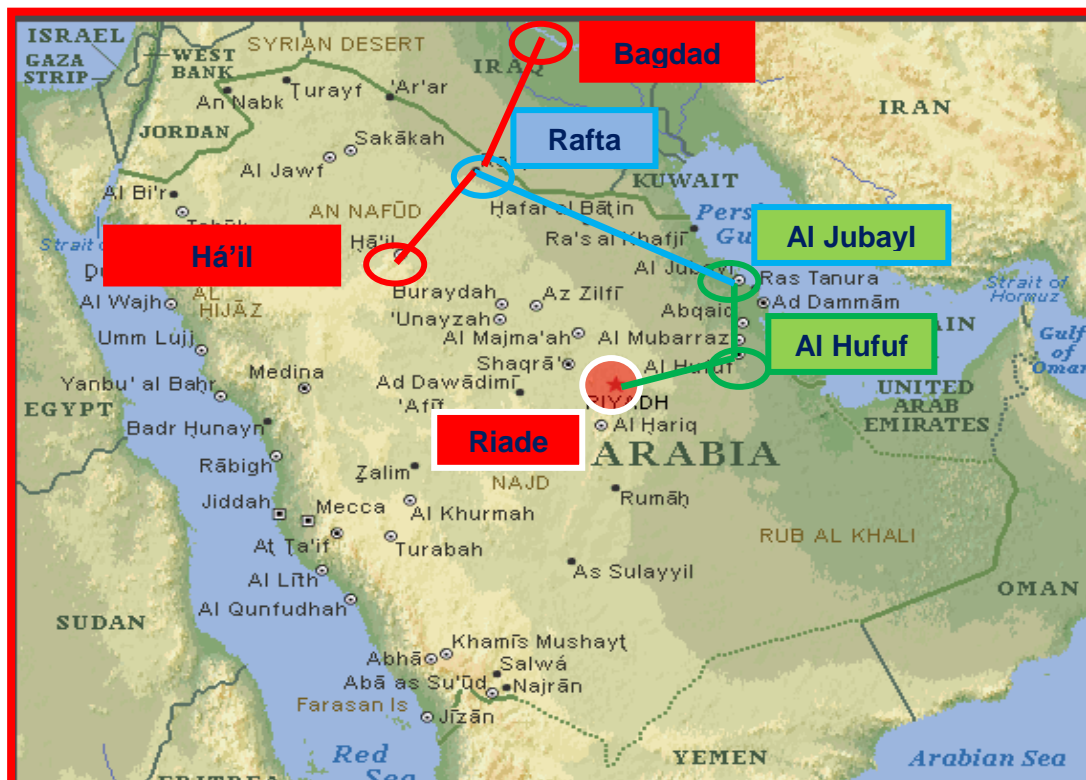


Figura 13: Principais vias de comunicação sauditas  
Fonte: [www.asia-turismo.com/mapas/mapa/arabia.jpg](http://www.asia-turismo.com/mapas/mapa/arabia.jpg).



Figura 14: A Cidade do Kuwait, capital do Kuwait

Fonte: Lousada, 2008.

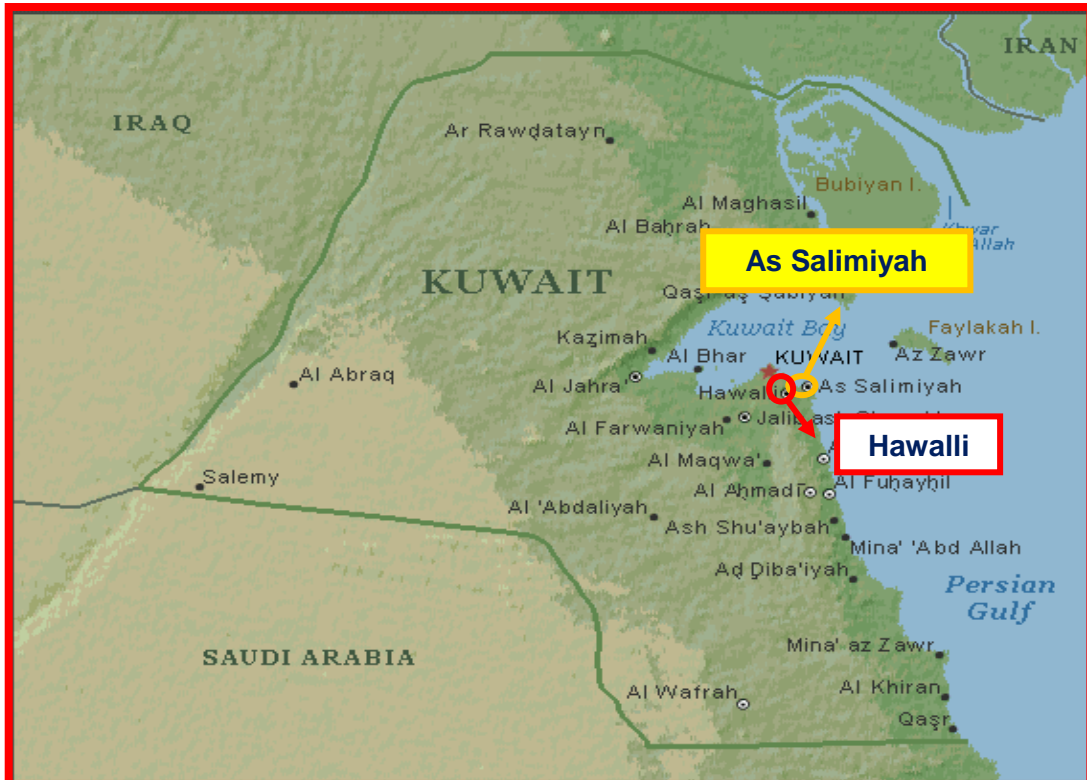


Figura 15: Principais cidades kuwaitianas

Fonte: Lousada, 2008.



**Figura 16: Ilhas kuwaitianas**

Fonte: [www.bandeirasanimadas.com/.../Kuwait/ficha.gif](http://www.bandeirasanimadas.com/.../Kuwait/ficha.gif)



**Figura 17: Principais portos marítimos**

Fonte: [www.bandeirasanimadas.com/.../Kuwait/ficha.gif](http://www.bandeirasanimadas.com/.../Kuwait/ficha.gif)



**Figura 18: A região de Al Jahra**  
Fonte: Lousada, 2008.

## ANEXO D OPERAÇÃO DESERT SHIELD



**Figura 19: Bases marítimas de Guam e Diego Garcia**  
Fonte: [peoplesgeography.files.wordpress.com/2007/a5/...](http://peoplesgeography.files.wordpress.com/2007/a5/...)

## ANEXO E ESTRUTURA DE COMANDO E CONTROLO

O número relativo sobre os países que contribuíram com forças para a Coligação variam de acordo com a fonte, contudo, na lista seguinte apresentamos os 39 países que formaram a Coligação Multinacional com os principais meios fornecidos por cada país:

- **“Afeganistão:** 300 homens (*Mujahidin*);
- **Alemanha:** 1 Esquadrão de Aeronaves de Combate estacionado na Turquia;
- **Arábia Saudita:** 110.500 homens; 550 CC; 180 Aeronaves de Combate; 8 Fragatas;
- **Argentina:** 2 Fragatas; 450 homens;
- **Austrália:** 1 Fragata de Lança-mísseis; 1 Contratorpedeiro; 1 Navio de Apoio;
- **Bahrain:** 3.500 homens;
- **Bangladesh:** 2.000 homens;
- **Bélgica:** 2 Caça-minas; 1 Esquadrão de Caças, estacionado na Turquia;
- **Canadá:** 2 Contratorpedeiros; 1 Esquadrão de Aeronaves CF-18 (30 caças, mais aeronaves de transporte); 1 700 homens;
- **Catar:** 7 000 homens; 24 Carros de Combate; 9 Guarda-costas; 19 Aviões de combate;
- **Checoslováquia:** 1 Unidade de defesa química (200 homens) e uma Equipe médica de 150 homens;
- **Coreia do Sul:** 5 Aeronaves C-130; 150 pilotos;
- **Dinamarca:** 1 Corveta; 1 equipe médica de 29 homens;
- **Egipto:** 40.000 homens; aproximadamente 400 CC;
- **Emiratos Árabes Unidos:** 43 000 homens; 200 CC; 80 Aeronaves de Combate; 15 Navios;
- **Espanha:** 2 Corvetas, 1 Contratorpedeiro;
- **Estados Unidos:** Mais de 527.000 homens; mais de 1.200 CC e 2.200 VBTP, incluindo CC Abrams M1A 1; mais de 1.00 Navios de Guerra, inclusive o Missouri e o Wisconsin e os Porta-aviões Midway, Ranger, Saratoga, John F Kennedy, América e Theodore Roosevelt; mais de 1.800 Aeronaves de Combate, Bombardeiros e outros tipos de Aviões de Combate desde o Stealth F-117A até o Bombardeiro B-52 e mais de 1.700 Helicópteros;
- **França:** 20.000 homens; 14 Navios; 1 Porta-aviões; mais de 75 Aviões; 350 CC;
- **Grã-Bretanha:** 42.000 homens; 58 Aviões de Combate, de reconhecimento e Helicópteros; 170 CC; 16 Navios de Guerra;
- **Grécia:** 1 Fragata, estacionada no Mar Vermelho;
- **Holanda:** 2 Fragatas; 1 Esquadrão de Aviões F-16 estacionado na Turquia;

- **Honduras:** 150 homens;
- **Hungria:** Uma equipe médica de 40 homens;
- **Itália:** 4 Navios; 8 Caças Tornado; 1 Esquadrão de Caças, estacionado na Turquia;
- **Kuwait:** 11.500 homens; 35 Aviões de Combate;
- **Marrocos:** 2.000 homens;
- **Níger:** 480 homens;
- **Noruega:** 1 Navio Guarda-costas; 1 Navio de Apoio;
- **Nova Zelândia:** 2 Aeronaves C-130;
- **Omã:** 25.500 homens; 75 Carros de Combate; 12 Navios-patrolha; 50 Aeronaves de combate, na sua maioria patrulhando o Estreito de Ormuz;
- **Paquistão:** 1.000 homens;
- **Polónia:** 2 Navios de Guerra; 1 equipe médica;
- **Portugal:** 1 embarcação de apoio naval, como auxílio aos navios britânicos;
- **Senegal:** 500 homens;
- **Síria:** 21.000 homens; 300 Viaturas blindadas; 50.000 homens em território sírio, próximo à fronteira com o Iraque; outros 2.000 nos Emiratos Árabes Unidos;
- **Turquia:** 120.000 homens na fronteira com o Iraque, preparados para dissuadir ataques iraquianos; A Turquia também permitiu que os EUA operassem desde a Base Aérea de Incirlik.

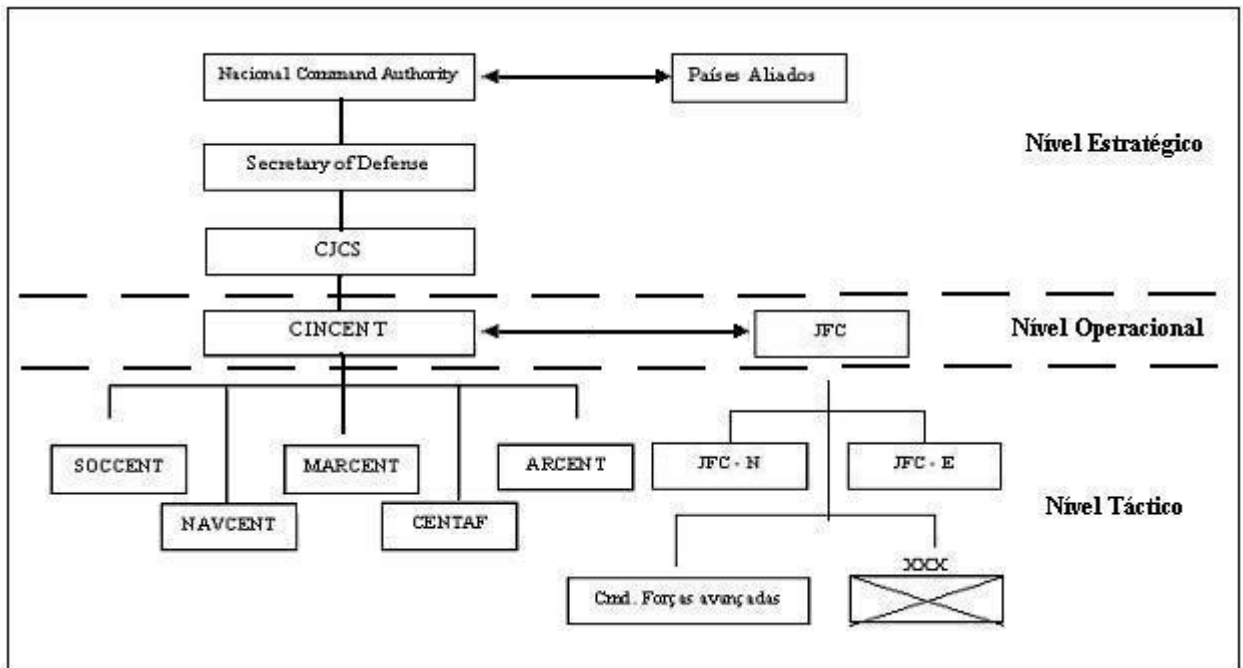
Outras Nações:

- **Roménia:** 1 Hospital de Campanha móvel; 180 homens especializados em guerra química;
- **Singapura:** 1 equipe médica com 30 homens (prestou serviço num hospital britânico);
- **União Soviética:** 2 Navios de Guerra na zona do Golfo” (Military Review in Ribeiro, 2000, pp. H1-H3).

Países	Efectivos	Aviões	CC e VBTP	Navios
EUA	540.000	1.850	2300	180
Grã-Bretanha	45.000	100	370	20
França	16.000	80	120	15
Arábia Saudita	45.000	300	400	
Egipto	38.000		480	
Síria	20.000		270	
Kuwait	10.000	25		

**Quadro 1: Contribuição militar dos principais países**

Fonte: Felgas in Ribeiro, 2000, p. H3.



**Figura 20: Cadeia de comando e controlo da Coligação.**  
Fonte: Macieira, 2005, p. 11.



**Figura 21: GEN Norman Schwarzkopf**  
Fonte: [www.freewebs.com/nj20002/NormanSchwarzkopf.jpg](http://www.freewebs.com/nj20002/NormanSchwarzkopf.jpg).

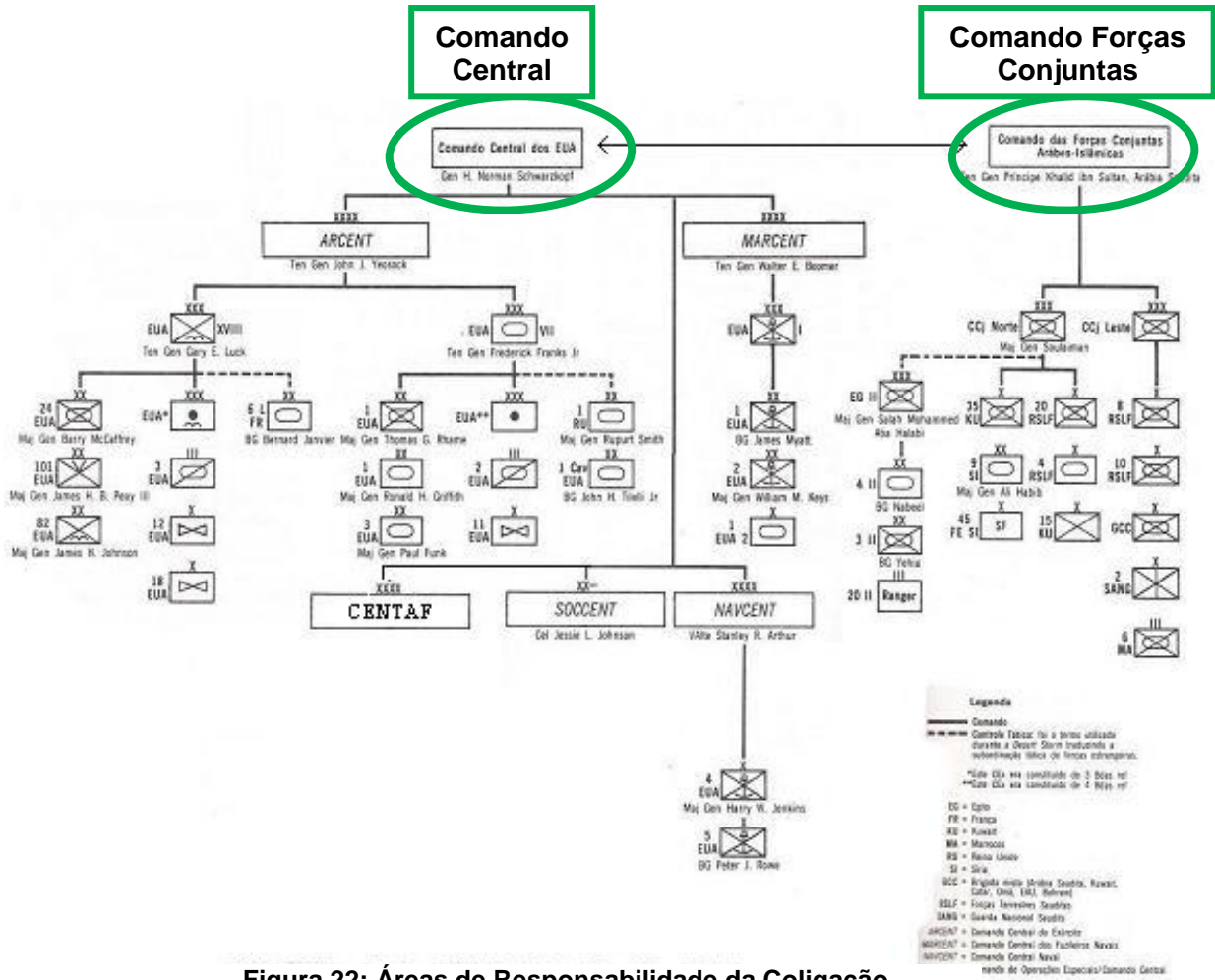


Figura 22: Áreas de Responsabilidade da Coligação  
Fonte: Macieira, 2005, p. B2.

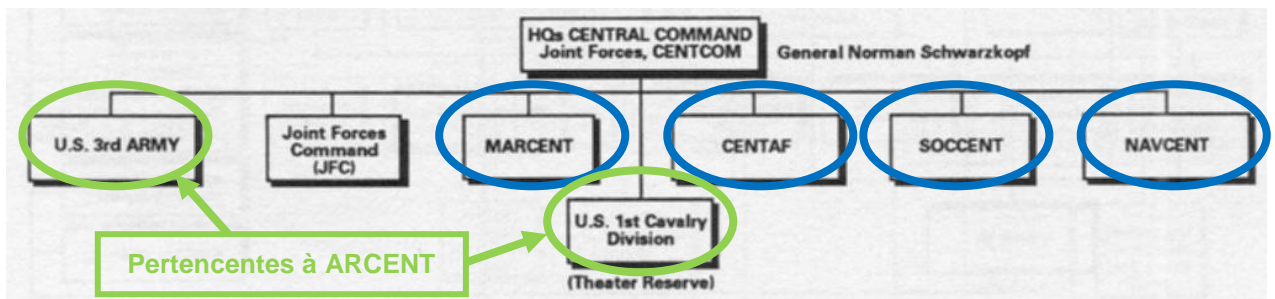


Figura 23: Estrutura de comando das forças ocidentais  
Fonte: Ribeiro, 2003 p. H7.

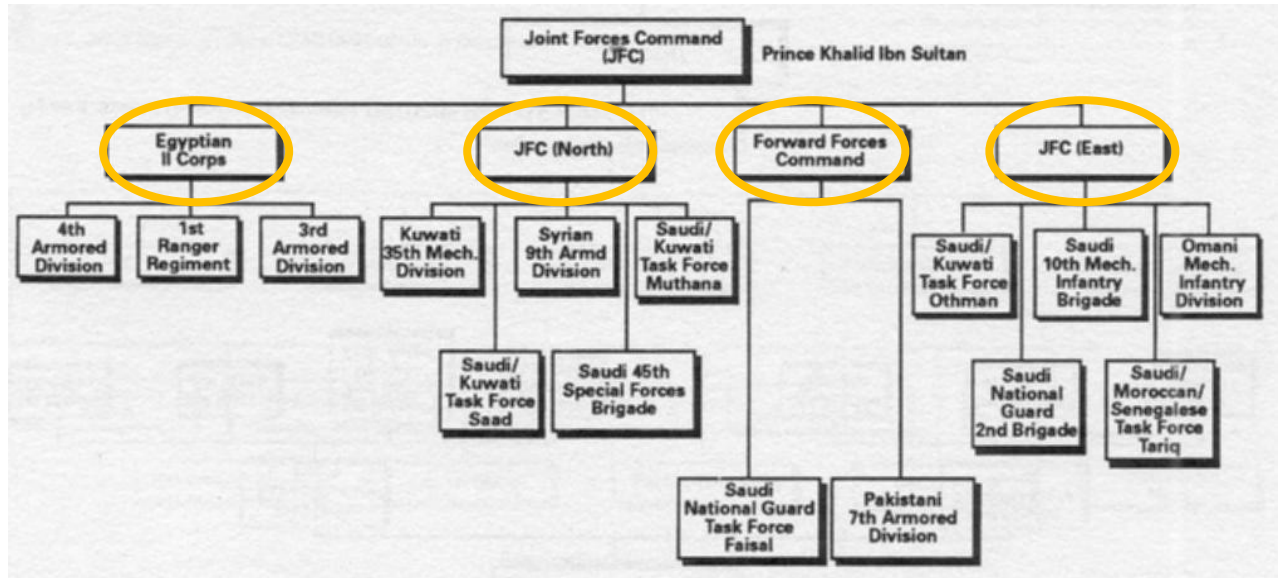


Figura 24: Estrutura de Comando das forças JFC  
 Fonte: Ribeiro, 2003 p. H7.

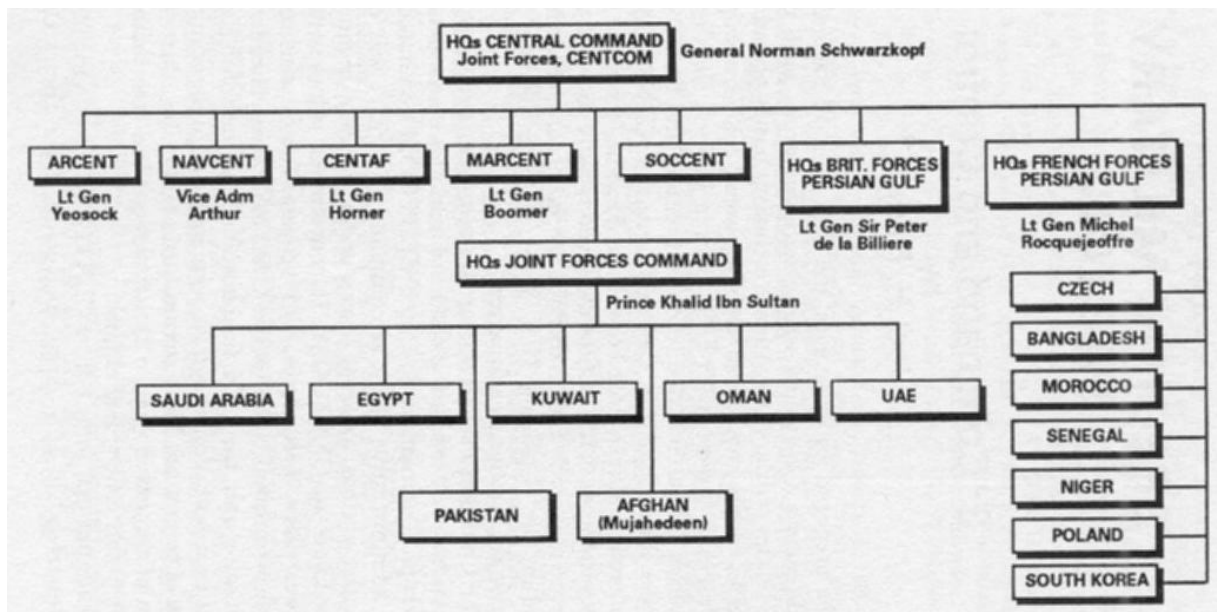


Figura 25: Estrutura de comando das forças conjuntas, sob o comando do GEN Schwarzkopf, comandante da CENTCOM  
 Fonte: Ribeiro, 2003 p. H7.

## ANEXO F FORÇAS PRESENTES NO TO

Calcula-se que as forças da Coligação dispunham de um total de 630.000 militares, 2485 CC, 4050 VBTP/VCI, 3442 peças de Artilharia, 2143 aviões, 1860 Helicópteros e 335 navios. Relativamente aos quantitativos iraquianos calcula-se que foram na ordem dos 565.000 militares<sup>101</sup>, 4200 CC, 2800 VBTP/VCI, 3100 peças de Artilharia, 550 aviões, 160 Helicópteros e 80 navios. Poder-se-iam juntar ainda cerca de 480.000 reservistas, aumentando o efectivo iraquiano para cerca de 1.045.000 homens disponíveis (Figura 26) (Felgas, 1991).

	<b>EUA</b>	<b>Aliados</b>	<b>Iraque</b>
<b>Homens</b>	425.000	205.000	565.000
<b>CC</b>	1.200	1.285	4.200
<b>APC's (VBTP+VCI)</b>	2.700	1.350	2.800
<b>Artilharia</b>	3.000	442	3.100
<b>Aviões</b>	1.800	343	550
<b>Helicópteros</b>	1.700	160	160
<b>Navios</b>	180	155	80

**Figura 26: Efectivos no TO**  
Fonte: Lousada, 2008.

<sup>101</sup> Dos quais 440.000 vinham das 39 Divisões convencionais e 125,000 das 9 Divisões da Guarda Republicana (Felgas, 1991).

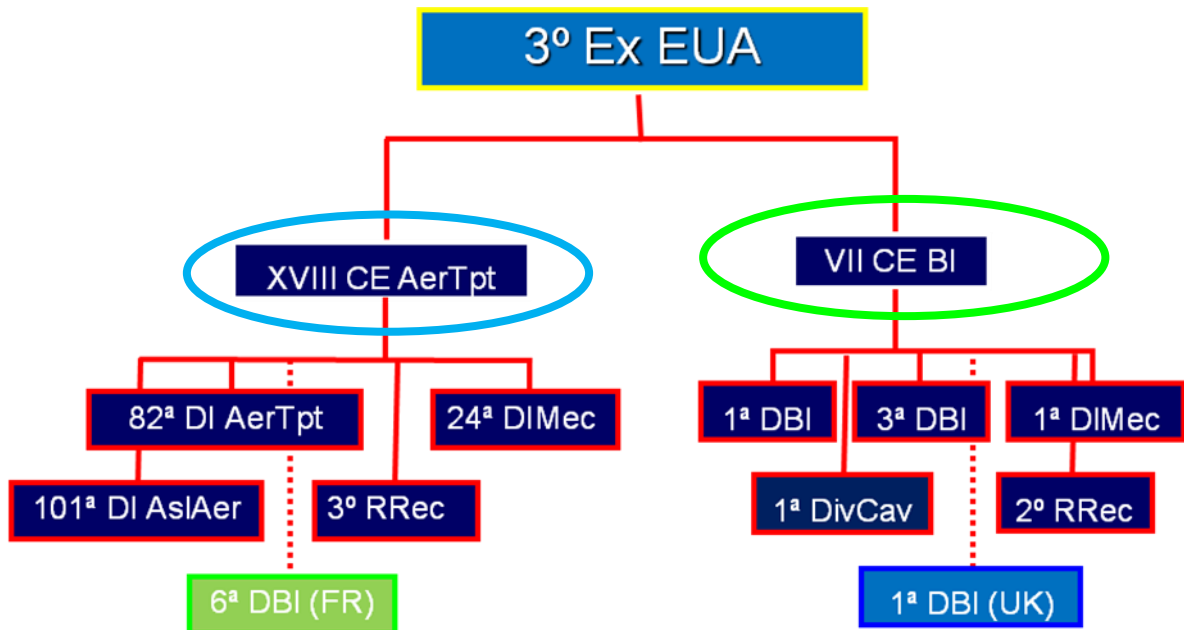


Figura 27: Constituição das forças ARCENT  
 Fonte: Lousada, 2008.

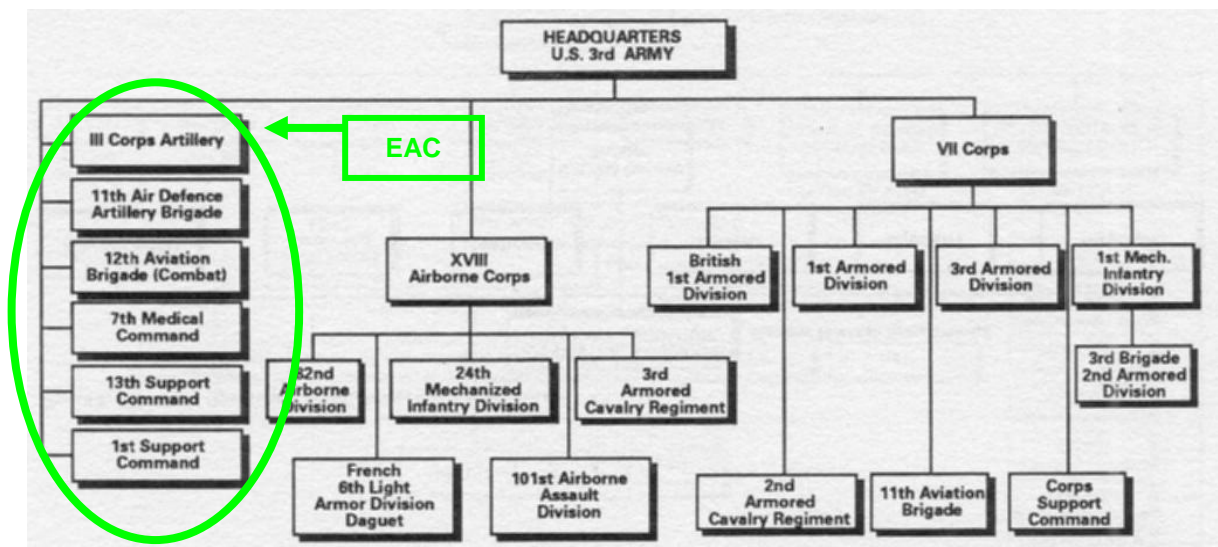


Figura 28: O EAC do 3º Exército americano  
 Fonte: Ribeiro, 2000, p. H9.

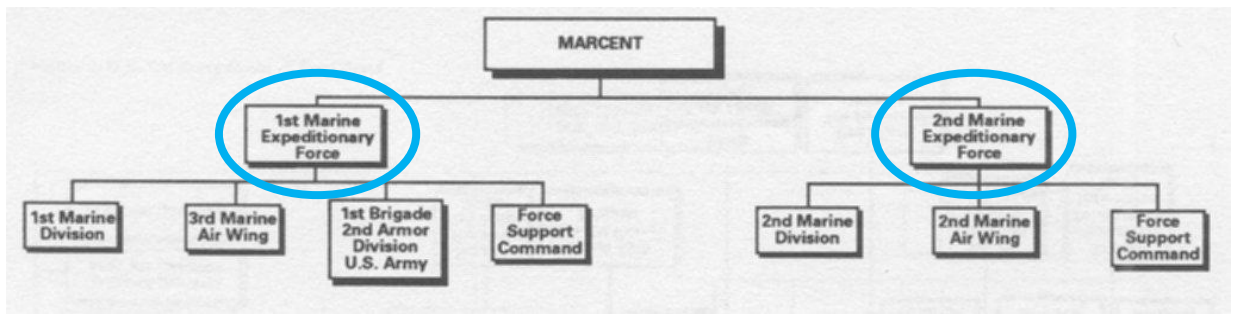


Figura 29: Estrutura de comando das forças de Fuzileiros

Fonte: Ribeiro, 2000, p. H8.

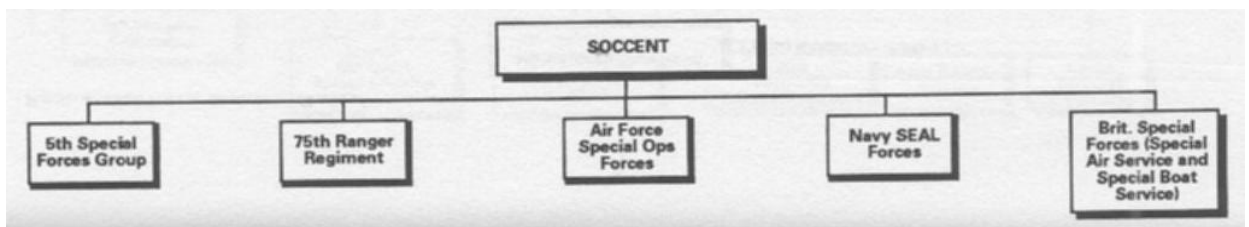


Figura 30: Estrutura de comando das forças de Operações Especiais

Fonte: Ribeiro, 2000, p. H8.

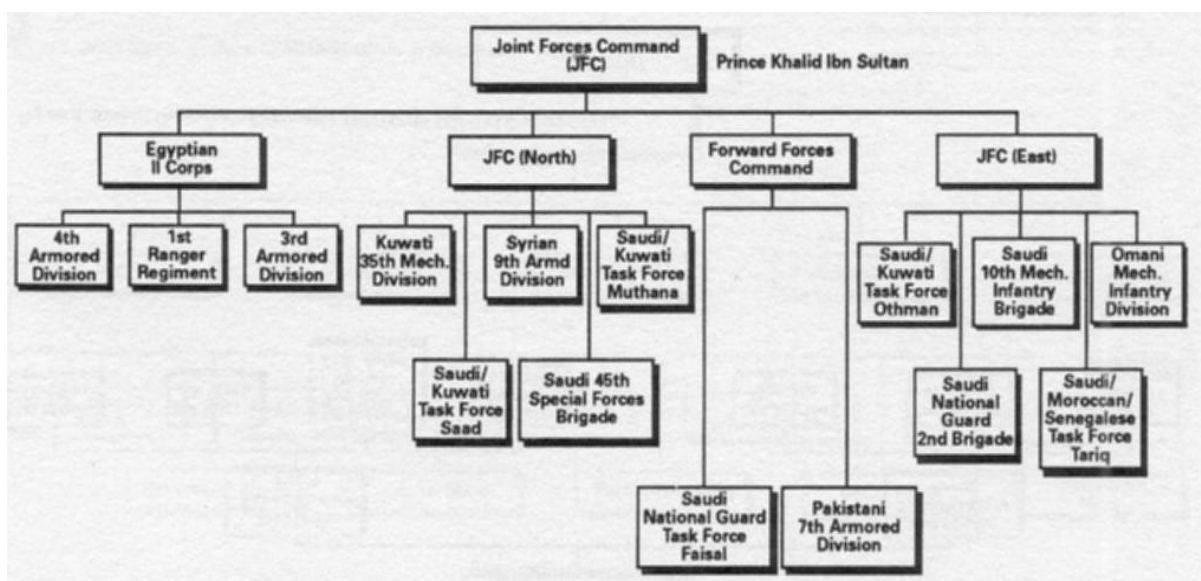


Figura 31: Estrutura de comando da JFC

Fonte: Ribeiro, 2000, p. H8.

A partir das figuras anteriores podemos resumir as principais forças intervenientes na ofensiva terrestre:

**XVIII CE Aerotransportado (EUA)**

82ª DAerotransp  
101ª DAerom  
  
24ª DIMec  
6ª DBLigeira (Fr)  
3ºRRec  
12ª BrigAvaComb  
18ª BrigAvaComb  
12ª CorpoArtCamp

**VII CE (EUA)**

1ª DIMec  
1ª DCav (inicialmente reserva do teatro)  
  
1ª DBI  
1ª DBI  
1ª DBI (RU)  
11ª BrigAvaComb  
7º CorpoArtCamp

**JFC-N**

3ª DIMec (Eg)  
4ª DBI (Eg)  
  
9ª DBI (Si)  
  
Reg Ranger (Eg)  
45º Reg Comandos (Si)  
20ª BrigMec (AS)  
Brig Shaheed (Ku)  
Brig Al-Tahrir  
4ª BrigBI

**JFC-E**

“Task Force” OMAR  
10ª BrigInf (AS)  
  
BIMoto (EAU)  
  
BIMoto (OMÃ)  
“Task Force” OTHMAN  
8ª BrigInfMec (AS)  
Brig Al Fatah (Ku)  
Complnf (Bahrain)  
“Task Force” ABU BAKR  
  
BrigInfMoto da Guarda Nacional (AS)  
BIMec (Qatar)

**MARCENT (I MEF)**

1ª DivMarines  
2ª DivMarines  
1ª Brig “Tiger”/2ªDBI (reforço)

**Figura 32: Principais forças intervenientes na ofensiva terrestre**  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. H10.

## ANEXO G

### ARMAMENTO E EQUIPAMENTO DAS FORÇAS TERRESTRES DA COLIGAÇÃO

#### Avião A10A *Thunderbolt*



**Figura 33: Avião A10A *Thunderbolt***

Fonte: <http://www.aremilitar.net/DIRECTORIO/AER.aspx?nn=140>

		Alcance	Cadência Tiro
<b>Origem</b>	Alemã		
<b>Comprimento</b>	16.3 m		
<b>Altura</b>	4.5 m		
<b>Peso máximo/descolagem</b>	21361 Kg		
<b>Capacidade carga/armamento</b>	7257 Kg		
<b>Autonomia carregado</b>	720 Km		
<b>Velocidade máxima</b>	832 Km/h		
<b>Altitude máxima</b>	13700 m		
<b>Tripulação</b>	1 pessoa		
<b>Armamento</b>	1 canhão 30 mm GAU-8/A2 Avenger <b>Míssil Ar Terra:</b> AGM-65 Maverick Bombas de fragmentação Bombas guiadas a laser <b>Míssil Ar Ar:</b> Missil AIM-9 Sidewinder Missil Stinger	70 t.p.m.  27 Km  28 Km	4200 t.p.m.

**Quadro 2: Alguns dados técnicos do avião A10 *Thunderbolt***

Fonte: <http://aircombatcb.blogspot.com/2006/11/fairchild-10-thunderbolt-ii-feio-sim.html>  
<http://www.aremilitar.net/DIRECTORIO/AER.aspx?nn=140>

As suas munições conseguem perfurar blindagens de CC, contudo, caso não perfurem, o calor produzido pelo impacto do projectil torna-se um risco para a tripulação do CC. O seu míssil *Maverick* normalmente era utilizado contra bunkers (Emílio, 2006).

O avião A-10A *Thunderbolt* apesar da sua reduzida velocidade caracterizava-se pela sua blindagem e poder de fogo contra CC e viaturas blindadas. Este poder de fogo era possível principalmente graças ao seu canhão rotativo de 30 mm com munições perfurantes, e à sua capacidade de disparar mísseis anti-carro (*Maverik* ou *Hellfire*) e outros tipos de mísseis (Veloso, 1991).

### Helicóptero AH 64 *Apache*



Figura 34: Helicóptero de combate AH 64 *Apache*

Fonte: [http://bp0.blogger.com/\\_VoabGNCjlxg/RpOwMg5Fd8I/AAAAAAAAAVs/0uP5VIKWUK4/s1600-h/apache+2.JPG](http://bp0.blogger.com/_VoabGNCjlxg/RpOwMg5Fd8I/AAAAAAAAAVs/0uP5VIKWUK4/s1600-h/apache+2.JPG)

		Alcance	Cadência Tiro
<b>Origem</b>	Americano		
<b>Comprimento</b>	17.75 m		
<b>Altura</b>	5.11 m		
<b>Peso bruto máximo</b>	9525 Kg		
<b>Autonomia</b>	Cerca de 3 H		
<b>Velocidade máxima</b>	365 Km/h		
<b>Relação de subida</b>	942 m/min		
<b>Altitude máxima</b>	6000 m		
<b>Tripulação</b>	2 pilotos		
<b>Armamento</b>	1 Metralhadora automática, 30 mm, Boeing M230 <b>Míssil:</b> ACar Hellfire (8 mísseis) Stinger AIM 9 Sidewinder 2 Lançadores foguetes 70 mm (19 foguetes cada)	7 Km	625 t.p.m

Quadro 3: Alguns dados técnicos do helicóptero AH 64 *Apache*

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/AH64\\_Apache](http://pt.wikipedia.org/wiki/AH64_Apache).

A blindagem deste helicóptero garante protecção contra munições de 23 mm.

Distingue-se do seu antecessor, que também esteve presente nesta guerra, o helicóptero AH 1 *Cobra*, pela sua capacidade de operar de dia e de noite. Isto é possível graças ao seu sistema de designação de registo visual, aquisição de alvo e sistema de visão nocturna.

Os seus sensores TADS/ PNVIS constituídos por câmaras de televisão com sensores infravermelhos e um laser que permite designar alvos, permite ao Apache voar a alta velocidade, a baixa altitude e em condições de visibilidade reduzida (Emílio, 2006).

O helicóptero AH-64 *Apache* caracterizava-se pela sua capacidade de manobra e poder de fogo contra CC, principalmente através dos mísseis ACar *Hellfire* e do seu canhão de 30 mm (Veloso, 1991).

### Helicóptero UH 60 *Black Hawk*



**Figura 35: Helicóptero UH 60 *Black Hawk***

Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/UH-60\\_Black\\_Hawk](http://en.wikipedia.org/wiki/UH-60_Black_Hawk)

		Cadência Tiro
<b>Origem</b>	Americano	
<b>Comprimento</b>	19.76 m	
<b>Peso bruto máximo</b>	11.113 Kg	
<b>Capacidade carga</b>	9.900 Kg	
<b>Velocidade máxima</b>	357 Km/h	
<b>Relação de subida</b>	216 m/min	
<b>Autonomia</b>	806 Km	
<b>Tripulação</b>	Piloto, Co-piloto, Chefe compartimento carga e Apontador da MP	
<b>Armamento</b>	2 Metralhadoras Pesadas M134, 7.62 mm, Minigun. Metralhadora Pesada 12.7 mm ou metralhadora M240D 7.62 mm. <b>Míssil:</b> Sistema Lança foguetes 70 mm.	3000 a 6000 t.p.m

**Quadro 4: Alguns dados técnicos do helicóptero UH 60 *Black Hawk***

Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/UH-60\\_Black\\_Hawk](http://en.wikipedia.org/wiki/UH-60_Black_Hawk).

Este helicóptero surgiu em substituição dos helicópteros *Huey*, que também estiveram presentes nesta guerra. As suas características permitiam-no ser utilizado tanto para transporte de pessoal como nos assaltos, infiltrações ou exfiltrações.

### Carro de Combate M1A1 *Abram*



**Figura 36: CC M1A1 *Abram***

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/M1A1\\_Abrams](http://pt.wikipedia.org/wiki/M1A1_Abrams).

		Alcance	Cadência Tiro
<b>Origem</b>	Americano		
<b>Comprimento</b>	9.78 m		
<b>Altura</b>	2.43 m		
<b>Largura</b>	3.64 m		
<b>Peso</b>	69.5 toneladas		
<b>Autonomia</b>	Cerca de 3 H		
<b>Velocidade máxima</b>	Em estrada: 67.72 Km/h Fora de estrada: 48.3 Km/h		
<b>Tripulação</b>	Comandante, Atirador, Municionador e Conductor.	Útil: 1.5 Km	400 a 600 t.p.m.
<b>Armamento</b>	1 Canhão 120 mm, M256. 1 Metralhadora Pesada, 12.7 mm, M2HB. 2 Metralhadoras, 7.62 mm, M240. 12 lançadores de fumos.		

**Quadro 5: Alguns dados técnicos do CC M1A1 *Abram***

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/M1A1\\_Abrams](http://pt.wikipedia.org/wiki/M1A1_Abrams).

Os periscópios no interior desta viatura permitem uma visão de 360°, inclusive o periscópio com imagem térmica para o comandante.

O CC M1A1 *Abram* caracterizava-se essencialmente pela sua velocidade, blindagem, alcance e capacidade de fazer fogo em movimento. As munições ACar *Heat* utilizadas tinham uma capacidade de penetração de 350 mm e um alcance de 3 Km. Mas, a grande inovação na altura foi o sistema de suspensão do canhão que permitia realizar fogo com o CC em movimento, o que não acontecia com os CC das forças iraquianas (Veloso, 1991).

## Viatura de Combate de Infantaria M2 Bradley



**Figura 37: VCI M2 Bradley**  
Fonte: Faro; Monteiro, 2007.

		Alcance	Cadência Tiro
<b>Origem</b>	Americano		
<b>Comprimento</b>	6.453 m		
<b>Altura</b>	2.972 m		
<b>Largura</b>	3.20 m		
<b>Peso</b>	22.666 Kg		
<b>Velocidade máxima</b>	66 Km/h		
<b>Tripulação</b>	Comandante, Atirador, Condutor e 6 homens de Infantaria..		
<b>Armamento</b>	1 Canhão 25 mm, M242 Bushmaster. 1 Metralhadora 7.62 mm, M240C  Míssil ACar TOW II 2 Lança Granadas M257 (4 granadas cada). Motor gerador de fumos.	Eficaz: 3000 m Eficaz: 1.800 m  4 Km	200 t.p.m. 650 a 950 t.p.m

**Quadro 6: Alguns dados técnicos da VCI M2 Bradley**  
Fonte: Faro; Monteiro, 2007.

Esta viatura destinava-se a transportar tropas de Infantaria no campo de batalha, apoiar pelo fogo tropa a pé e suprimir os CC e viaturas inimigas.

No interior da viatura existem escotilhas e periscópios, um para cada militar.

O comandante, atirador e condutor estavam equipados com aparelhos de visão nocturna e NBQ. O comandante dispunha ainda de uma óptica que lhe permitia ver o que o atirador visualizava.

A viatura possuía um sistema de estabilização o que permitia realizar fogo em movimento. Conseguia também adquirir mais do que um alvo simultaneamente (Faro; Monteiro, 2007).

A VCI Bradley caracterizava-se pela sua rapidez, capacidade de protecção e poder de fogo. De todos estes factores, a grande inovação foi a possibilidade de se realizar fogo a partir do interior da viatura (Veloso, 1991).



Figura 38: Interoperabilidade entre os vários sistemas de armas  
Fonte: Veloso, 1991, p. 21.

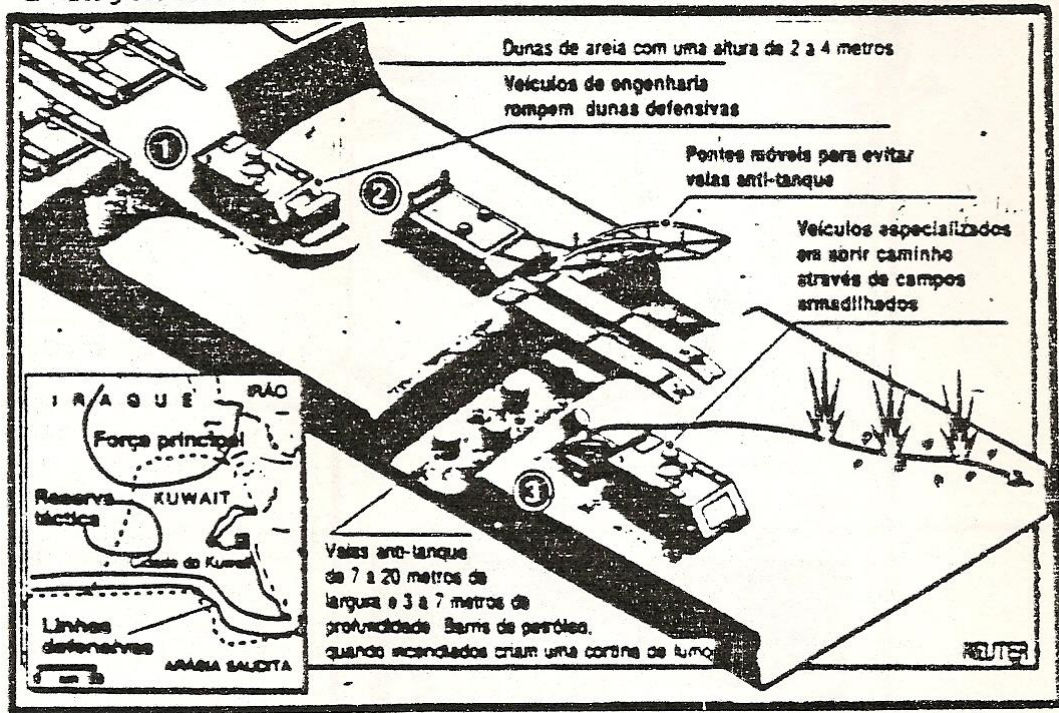


Figura 39: A utilização das viaturas de Engenharia no campo de batalha  
 Fonte: Veloso, 1991, p. 25.

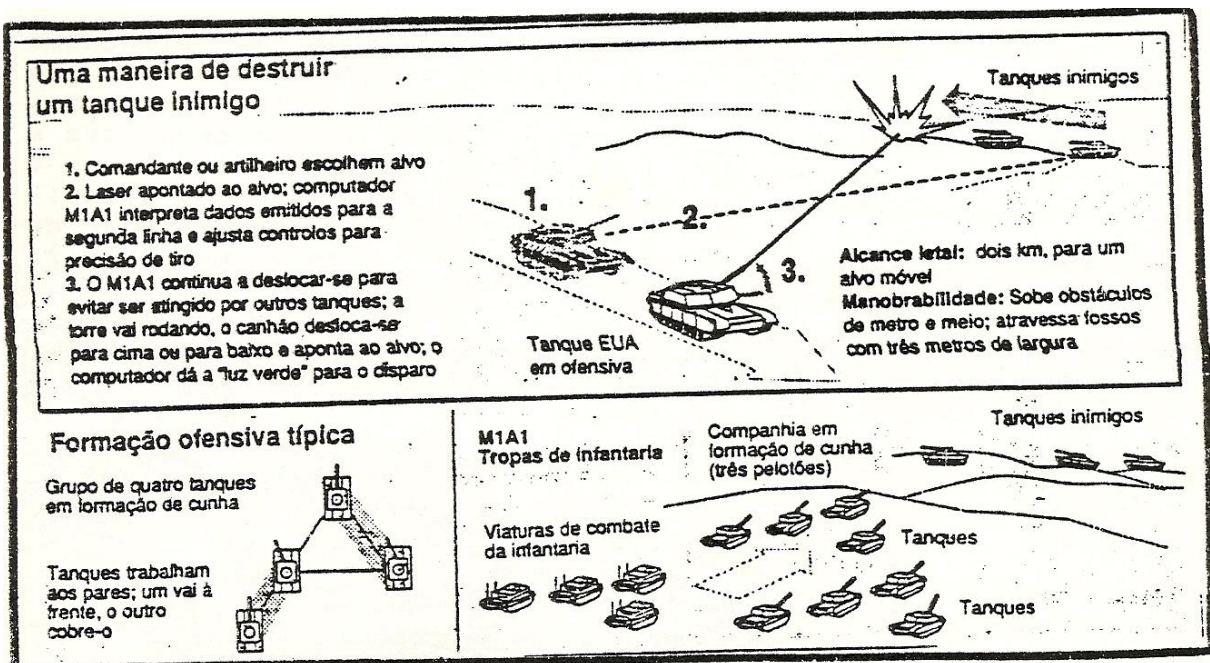


Figura 40: O emprego combinado das viaturas de Infantaria e Cavalaria  
 Fonte: Veloso, 1991, p. 24.

## O Sistema de Posicionamento Global



**Figura 41: O GPS**  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. M4.

O GPS foi utilizado individualmente pelo soldado apeado, mas também nas viaturas e helicópteros.

## ANEXO H

### ARMAMENTO E EQUIPAMENTO DA FORÇA AÉREA E MARINHA DA COLIGAÇÃO

Na Força Aérea destacamos os aviões bombardeiros F117 *Stealthfighter* (Figura 42) e o B-52 (Figura 43), os caças F15, F16 e F18 (Figuras 44, 45 e 46 respectivamente) e para a guerra electrónica o avião EA-6B *Profler* (Figura 47).

Na Marinha destacamos os *Battle Groups* (Anexo A) que eram compostos por porta-aviões, navios de guerra e por outras pequenas embarcações, como fragatas, que tinham a finalidade de garantir a protecção próxima das embarcações maiores. Os porta-aviões americanos serviram de plataforma flutuante para as operações, transportando cerca de setenta aviões, entre eles o F14 *Tomcat* (Figura 48), e ainda embarcações anfíbias de assalto LHA4 *Nassau* (Figura 49), utilizadas pelos fuzileiros americanos. Os mísseis *Tomahawk* (Figura 50) foram utilizados pela primeira vez a partir destes navios<sup>102</sup> (Veloso, 1991; Finlan, 2003).

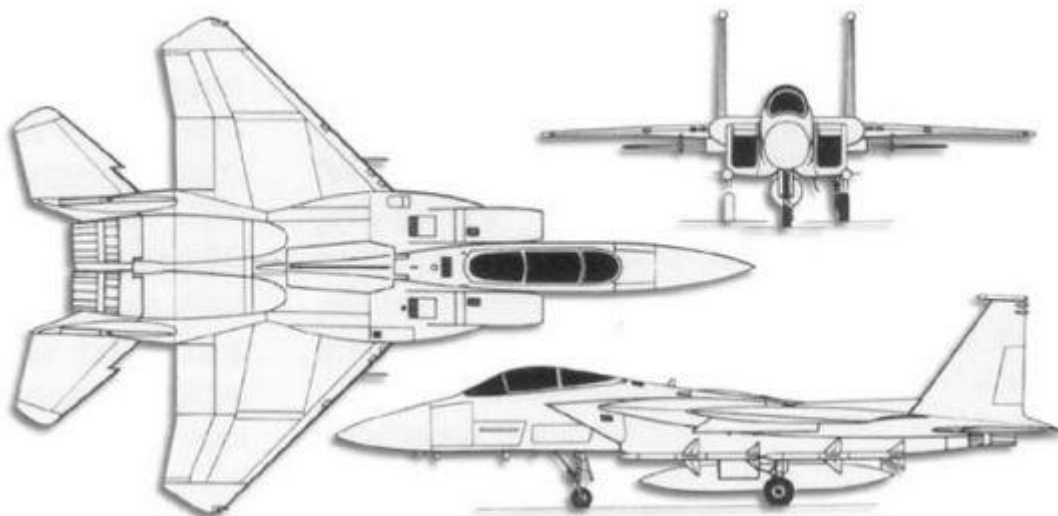


**Figura 42: Bombardeiro F117 *Nighthawk Stealthfighter***  
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/F-117>



**Figura 43: Bombardeiro B-52 *Stratofortress***  
Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/B-52\\_Stratofortress](http://pt.wikipedia.org/wiki/B-52_Stratofortress)

<sup>102</sup> A grande vantagem deste míssil é que permitia atacar um alvo bem no interior do território (a mais de 2 Km) inimigo sem correr o risco de perder a vida dos pilotos (Finlan, 2003).



**Figura 44: Caça F-15**

Fonte: [http://www.aerospaceweb.org/aircraft/fighter/f15/f15\\_schem\\_01.jpg](http://www.aerospaceweb.org/aircraft/fighter/f15/f15_schem_01.jpg).



**Figura 45: Caça F-16 *Fighting Falcon***

Fonte: <http://www.globalaircraft.org/photos/planephotos/f-16-4.jpg>



**Figura 46: Caça F-18 *Hornet***  
Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/F-18>



**Figura 47: Avião de guerra electrónica EA-6B *Prowler***  
Fonte: [http://www.geocities.com/Area51/Starship/4015/ea\\_6.htm](http://www.geocities.com/Area51/Starship/4015/ea_6.htm)



**Figura 48: Avião supersónico F-14 Tomcat**  
Fonte: [www.geocities.com/fabionat/f-14b.jpg](http://www.geocities.com/fabionat/f-14b.jpg)



**Figura 49: Navio de assalto anfíbio LHA-4 Nassau, da classe Tarawa**  
Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Classe\\_tarawa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_tarawa)



**Figura 50: Míssil Tomahawk**  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. M3.

# ANEXO I

## ARMAMENTO E EQUIPAMENTO DAS FORÇAS TERRESTRES IRAQUIANAS

### Carro de Combate T-55



**Figura 51: O CC T-55**

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/T-55>

<b>Origem</b>	Soviética
<b>Comprimento</b>	9 m
<b>Altura</b>	2.40 m
<b>Largura</b>	3.37 m
<b>Peso</b>	39.7 toneladas
<b>Velocidade máxima</b>	55 Km/h
<b>Tripulação</b>	Comandante, Atirador, Muniador e Condutor
<b>Armamento</b>	1 peça de 100 mm, D-10T2G ou D-10T2S. 2 Metralhadoras 7.62 mm, SGMT. 1 Metralhadora Pesada antiaérea 12.7 mm, DShK.

**Quadro 7: Alguns dados técnicos do CC T-55**

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/T-55>

## Carro de Combate T-72



**Figura 52: O CC T-72**

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/T-72>

		Alcances	Cadência de Tiro
<b>Origem</b>	Soviética		
<b>Comprimento</b>	9.24 m		
<b>Altura</b>	2.37 m		
<b>Largura</b>	4.75 m		
<b>Peso</b>	41.5 toneladas		
<b>Velocidade máxima</b>	Em estrada: 60 Km/h Fora de estrada: 35 a 45 Km/h		
<b>Autonomia</b>	Em estrada: 700 Km Fora de estrada: 400 a 600 Km		
<b>Tripulação</b>	Comandante, Atirador e Conductor		
<b>Armamento</b>	1 canhão de 125 mm, DA46M ou D-81TM. 1 Metralhadoras 7.62 mm, PKT. 1 Metralhadora Pesada antiaérea 12.7 mm, NSW.	Eficaz:1000 m	650 a 800 t.p.m.

**Quadro 8: Alguns dados técnicos do CC T-72**

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/T-72>

## Espingarda automática AK 47



**Figura 53: Espingarda automática AK 47**

Fonte: T. Faro, 2007.

<b>Origem</b>	Soviética
<b>Comprimento</b>	Arma: 870 mm Cano: 415 mm
<b>Estrias</b>	4, dextrorum
<b>Calibre</b>	7.62 mm x 39 mm
<b>Peso</b>	4.3 Kg com carregador cheio
<b>Cadência tiro</b>	600 t.p.m.
<b>Alcance</b>	Eficaz: 300 m Máximo: 800 a 1000 m
<b>Tiro</b>	Semi-automático e automático
<b>Alimentação</b>	Carregador: 30 munições Tambor: 75 munições

**Quadro 9: Alguns dados técnicos da AK 47**

Fonte: T. Faro, 2007.

Esta arma destacava-se pela sua simplicidade e robustez, quer em termos de montagem como de utilização. Uma arma fiável, mesmo nas mais severas condições como os desertos do Médio Oriente. O soldado mais inexperiente conseguia tirar um bom rendimento da arma (Finlan, 2003).

## Helicóptero Mi 24 Hind



**Figura 54: O helicóptero Mi 24 Hind**

Fonte: <http://www.militarypower.com.br/frame4-armas26.htm>

		Alcance	Cadência Tiro
<b>Origem</b>	Soviética		
<b>Comprimento</b>	21.2 m		
<b>Altura</b>	6.5 m		
<b>Peso bruto máximo</b>	12.5 toneladas		
<b>Autonomia</b>	750 Km		
<b>Velocidade máxima</b>	310 Km/h		
<b>Capacidade carga</b>	8 soldados		
<b>Peso descolagem</b>	12.000 Kg		
<b>Tripulação</b>	2 militares (piloto e artilheiro)		
<b>Armamento</b>	Metralhadora 12.7 mm, Yak-B (4 canos). Metralhadora PKT (porta). 2 Canhões 23 (GSh-23) ou 30 mm(Gsh-30K) (2 canos) Míssil ACar 9M114. Foguetes vários calibres. Disseminadores de minas.	Eficaz:1000 m  400 m a 5 Km	4000 a 5000 t.p.m.  650 a 800 t.p.m.  3400 a 3600;300 a 2460 t.p.m. respectivamente

**Quadro 10: Alguns dados técnicos do Mi 24 Hind**

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Mi-24>

Algumas partes do casco do helicóptero conferem protecção contra impactos de munições 12.7 mm.

Os mísseis SCUD<sup>103</sup> foram uma das armas utilizadas por Saddam (Figura 55). O Iraque dispunha também de armas NBQ. Segundo as informações ocidentais, o Iraque tinha desenvolvido cerca de 2.000 a 4.000 toneladas de gás mostarda, agentes para os nervos Sarin e Tabun, e suspeitava-se ainda do desenvolvimento de armas biológicas, como a bactéria Botulinum e Typhoid (Finlan, 2003).



**Figura 55: Mísseis SCUD**

Fonte: [bp1.blogger.com/.../KliiX3YUsDA/s400/Scud.jpg](http://bp1.blogger.com/.../KliiX3YUsDA/s400/Scud.jpg)

---

<sup>103</sup> Este míssil Terra-Terra pode ser lançado de plataformas fixas ou móveis. Foi utilizado na versão SCUD-B (soviético) e versões alteradas pelas forças iraquianas. Apesar da sua pouca precisão destacou-se pelos efeitos psicológicos e de propaganda, e pela possibilidade de ser armado com ogivas químicas. O seu alcance variava na ordem dos 300 a 900 Km (Veloso, 1991).

## ANEXO J

### ARMAMENTO E EQUIPAMENTO DA FORÇA AÉREA E MARINHA IRAQUIANA

Na Força Aérea, para além dos aviões Mig 29 Fulcrans (Figura 56) e o bombardeiro Mirage F1 (Figura 57), destacamos as suas infra-estruturas através da construção de cinquenta bases com boas pistas e abrigos para os aviões, bem como os Radares SAM adquiridos durante a Guerra Irão-Iraque, para defesa aérea. Estas defesas, além de bem integradas, possuíam boas linhas de comunicação debaixo do solo (Finlan, 2003).

Na Marinha, apesar de ser a componente mais pequena das forças armadas, tendo em conta a pequena porção de costa do Iraque, destacamos os mísseis Styx<sup>104</sup> (Figura 58) que equipavam os seus navios de guerra para o combate naval, e ainda, pequenas embarcações para fins de patrulhamento. Mais relevante ainda que os efeitos produzidos por estes navios, é de realçar o papel desempenhado pelas minas não só nas areias junto à costa, como no mar (Finlan, 2003).



**Figura 56: Caça Mig 29 Fulcrans**  
Fonte: [images.vunet.org/mig29-07.jpg](http://images.vunet.org/mig29-07.jpg)

---

<sup>104</sup> Possuem um alcance de 25 a 72 Km.



**Figura 57: Bombardeiro Mirage F1**  
Fonte: [www.geocities.com/.../Hangar/2949/mirage-f1.jpg](http://www.geocities.com/.../Hangar/2949/mirage-f1.jpg)



**Figura 58: Míssil Styx**  
Fonte: [upload.wikimedia.org/.../4/4c/SS-N-2 Styx.jpg](http://upload.wikimedia.org/.../4/4c/SS-N-2_Styx.jpg)

## ANEXO K OPERAÇÃO DESERT STORM

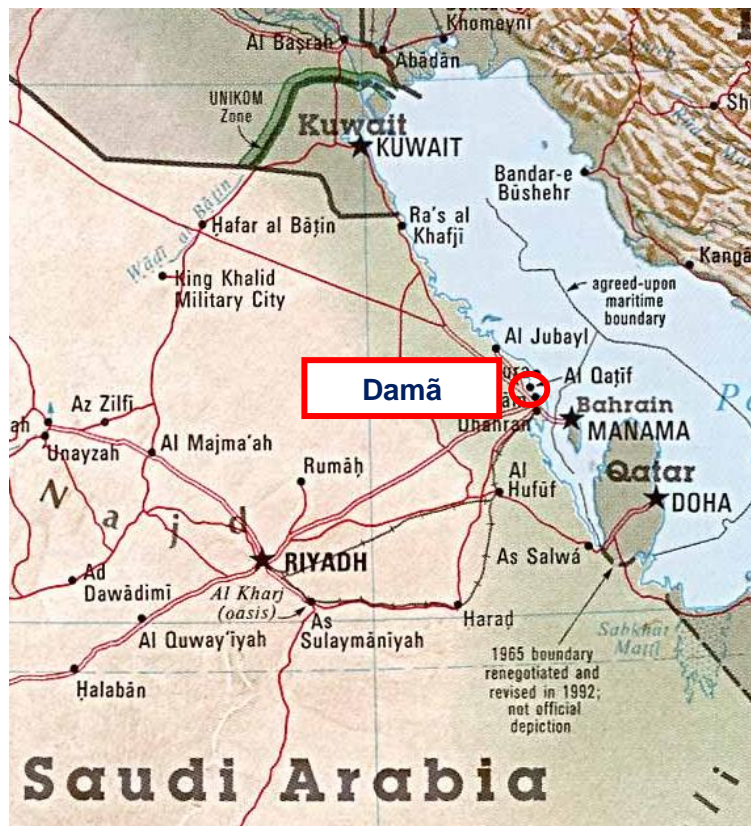


Figura 59: Região de Damã, local em que foi dado o plano geral da campanha  
Fonte: [http://www.lib.utexas.edu/maps/atlas\\_middle\\_east/saudi\\_arabia.jpg](http://www.lib.utexas.edu/maps/atlas_middle_east/saudi_arabia.jpg)



Figura 60: As quatro fases do plano geral da campanha  
Fonte: Lousada, 2008.

Na Operação *Desert Storm* a componente naval pôde contar essencialmente com seis *Battle Groups*, divididos em dois comandos. O *Battle Force Yankee*, com dois porta-aviões<sup>105</sup> situados no Mar Vermelho, e um *Battle Force Zulu*, com quatro porta-aviões<sup>106</sup> estacionados no Golfo (Figura 61) (Finlan, 2003).



Figura 61: Localização dos porta-aviões americanos

Fonte: Lousada, 2008.

As dificuldades sentidas pela Força Aérea e Marinha americanas deveram-se principalmente pela divergência de opiniões e pelo desconhecimento por parte de ambos os ramos sobre as capacidades e meios um do outro, o que levava por vezes, a decisões que resultavam no incorrecto emprego ou desperdício dos meios<sup>107</sup> (Finlan, 2003).

Um exemplo da diferença doutrinal entre a marinha dos EUA e a Força Aérea relacionava-se com a forma de emprego dos aviões. A Marinha dava preferência a ataques de “nível reduzido”, contudo, devido às armas AAA iraquianas e aos mísseis individuais, a guerra do Golfo requeria uma estratégia de “nível elevado”. Muitas das armas disponíveis na Marinha dos EUA, apresentaram falhas e não tiveram os efeitos desejados por serem largadas a “níveis elevados” (Finlan, 2003). Com o tempo estas dificuldades foram-se superando.

<sup>105</sup> Os porta-aviões *Saratoga* e o *John F Kennedy*.

<sup>106</sup> Os porta-aviões *Midway*, *Ranger*, *Theodore Roosevelt* e *America*.

<sup>107</sup> Por exemplo, na guerra do Vietname os dois ramos operaram com um sistema que delimitava determinadas áreas de operações para forças específicas. Na opinião da força aérea aquilo era um uso desnecessário e ineficiente de meios, e a sugestão do seu uso no Golfo por parte da marinha levou a uma troca de opiniões (Finlan, 2003).

## ANEXO L DISPOSITIVO IRAQUIANO

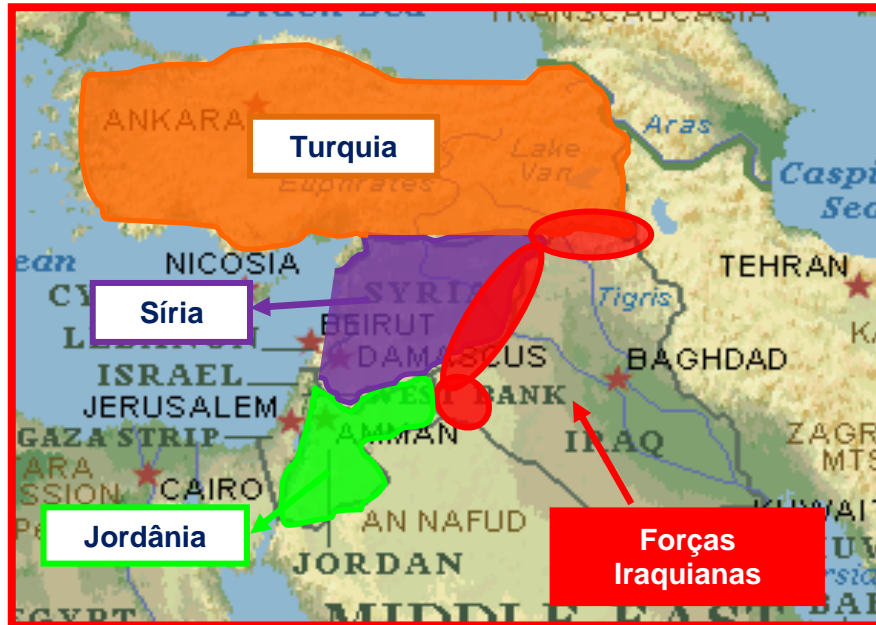


Figura 62: Localização das Forças iraquianas fora do TO  
Fonte: Lousada, 2008

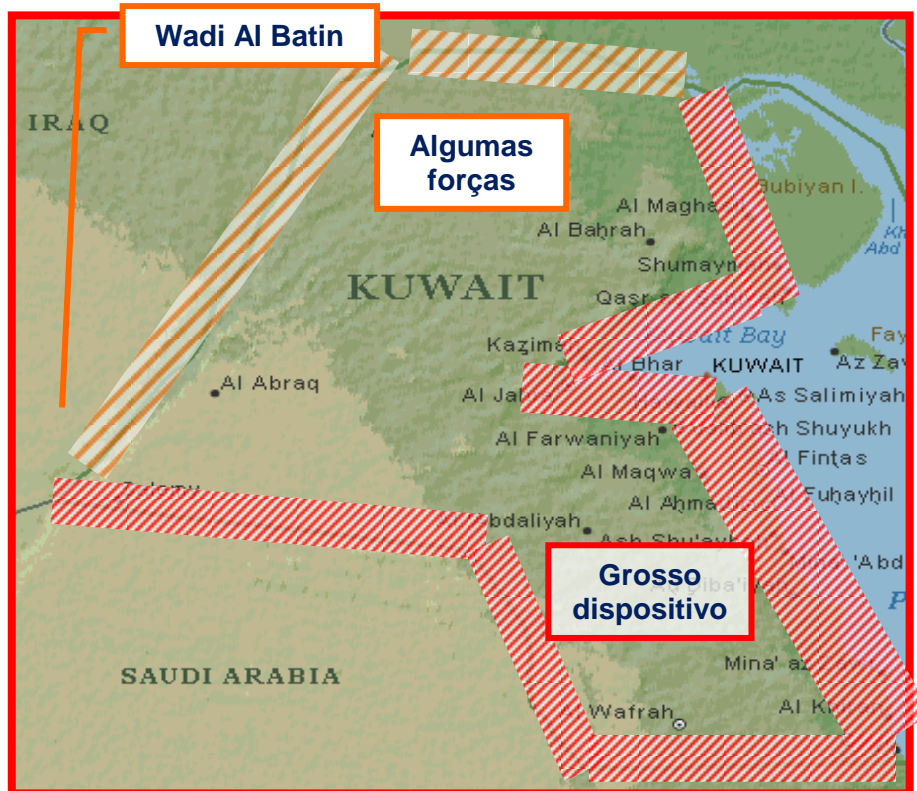
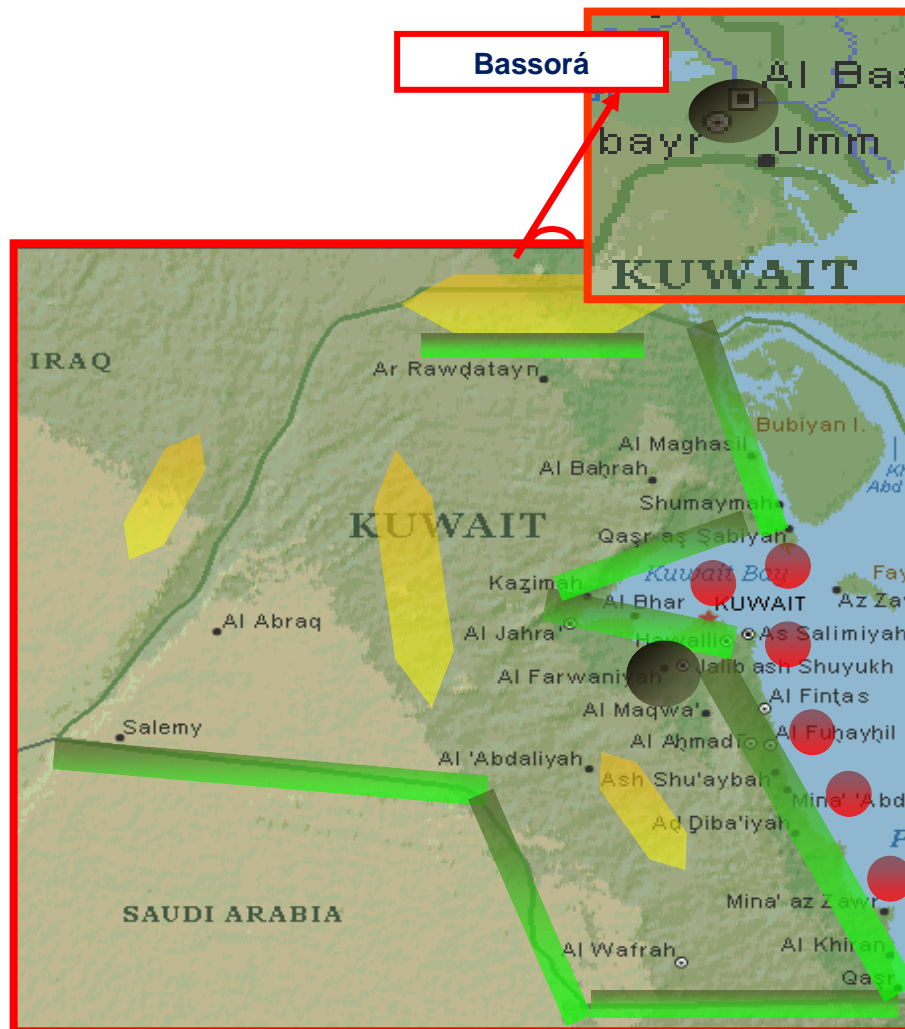


Figura 63: Dispositivo iraquiano no interior do TO  
Fonte: Lousada, 2008.



Figura 64: Localização da reserva, constituída por forças da Guarda Republicana  
Fonte: Lousada, 2008.



**LEGENDA:**





-  1ª Linha defensiva (forças de Infantaria)
-  2ª Linha defensiva (forças de CC –reserva táctica)
-  3ª Linha defensiva (Blindados da Guarda Republicana – reserva estratégica)
-  Minas

Figura 65: Linhas defensivas iraquianas

Fonte: Lousada, 2008.



Figura 66: Dispositivo iraquiano  
 Fonte: Lousada, 2008.

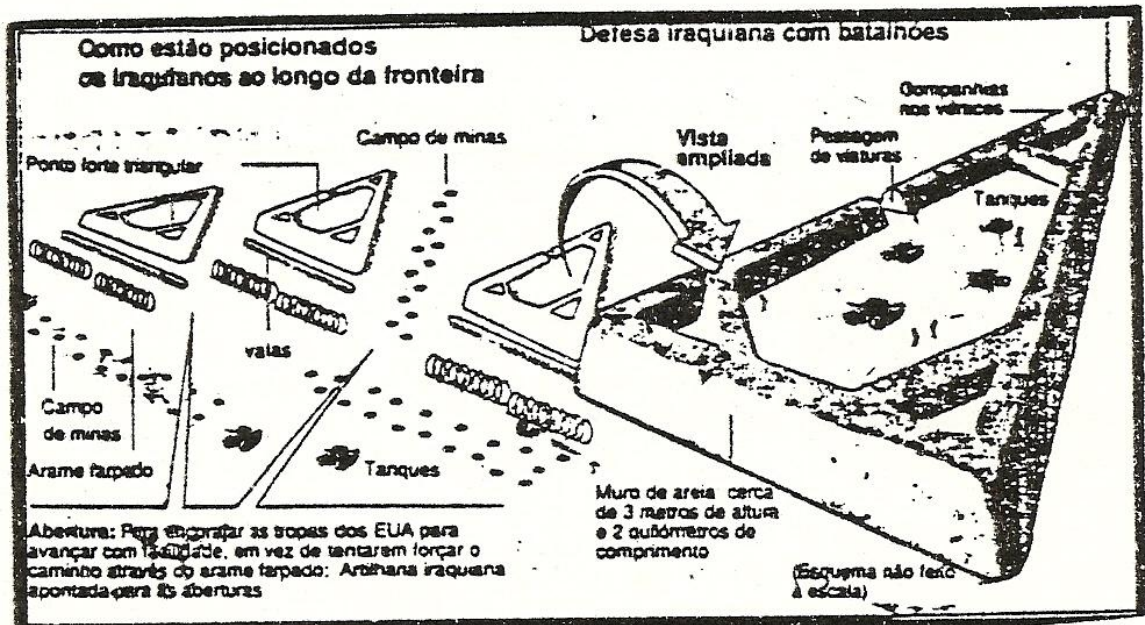


Figura 67: Posições defensivas iraquianas  
 Fonte: Veloso, 1991, p. 46..

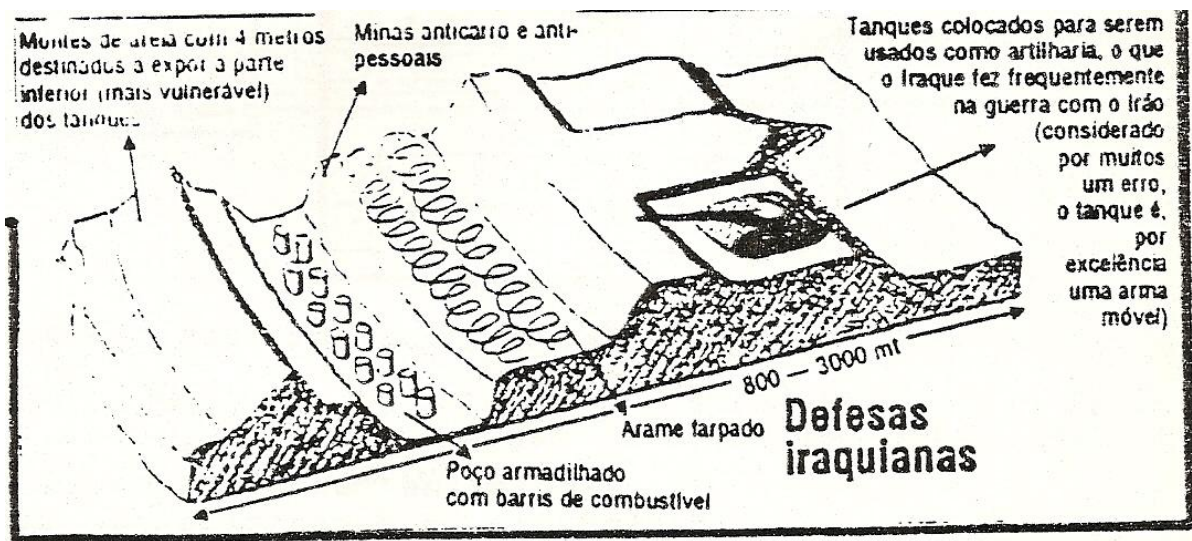
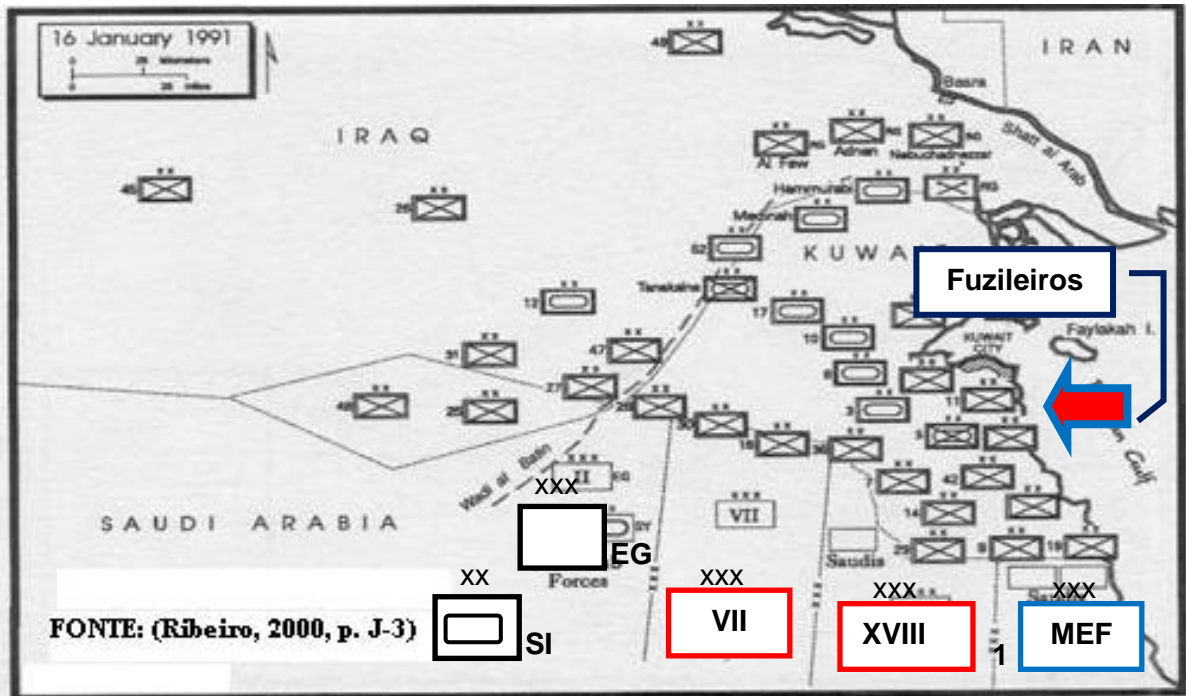


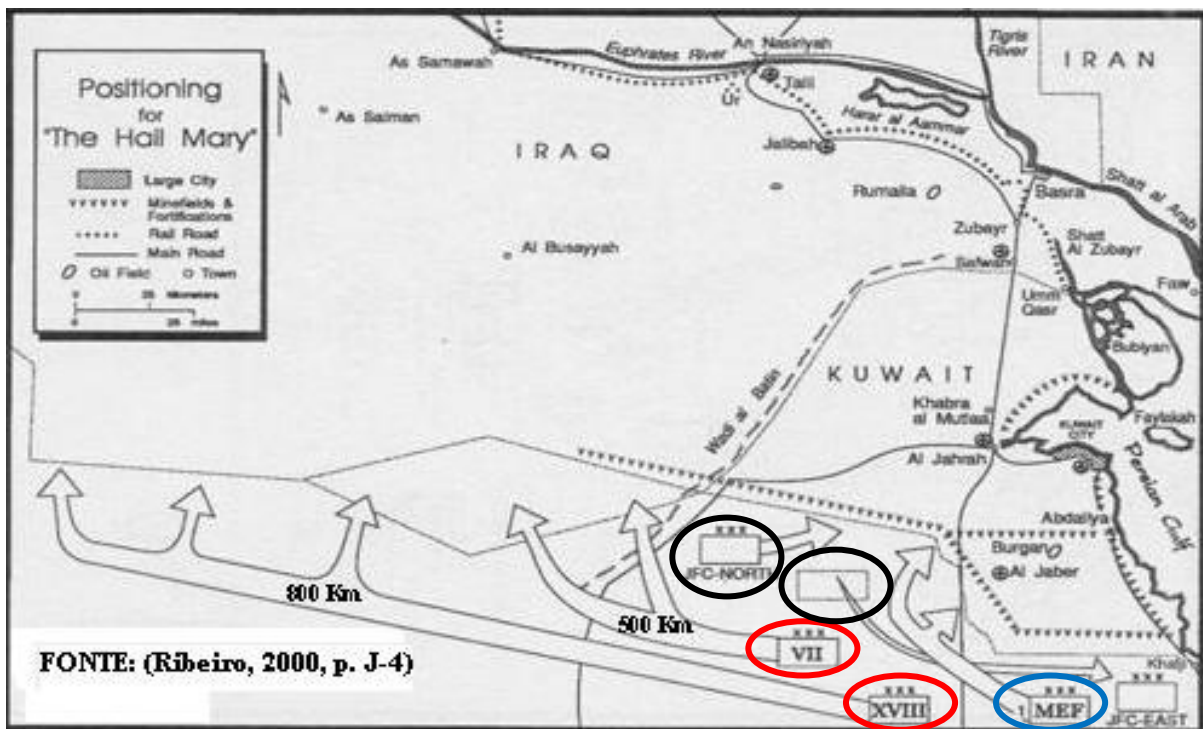
Figura 68: CC iraquianos a serem utilizados de forma estática

Fonte: Veloso, 1991, p. 43.

## ANEXO M DISPOSITIVO DAS FORÇAS DA COLIGAÇÃO



**Figura 69: Dispositivo inicial da Coligação**  
Fonte: Macieira, 2005, p. C1.



**Figura 70: Manobra Hail Mary**  
Fonte: Macieira, 2005, p. C1.

Durante a execução da manobra Hail Mary, dois incidentes ocorreram. Como referido anteriormente, uma das tentativas indirectas utilizadas pelos iraquianos para derrotar as forças da Coligação, foi através do lançamento de mísseis Scud sobre alguns países em seu redor, causando grande contestação política e militar. A maior parte dos mísseis foram lançados sobre a Arábia Saudita e Israel, e alguns sobre o Bahrain. A 17 de Janeiro de 1991, deram-se os primeiros bombardeamentos sobre Israel (Finlan, 2003).

Em termos militares estes mísseis não produziram grandes efeitos, contudo, em termos políticos foram bastante devastadores, na medida que poderiam levar Israel a envolver-se no conflito, o que iria dividir a coligação. Várias conversações foram feitas com Israel no sentido de não entrar no conflito. A resposta americana foi através do míssil anti-balístico *Patriot*. Apesar da grande especulação se este míssil era um sistema eficaz ou não, psicologicamente foi um conforto para as tropas sauditas e para os cidadãos de Israel, verem estes mísseis a detonarem sob as tropas iraquianas<sup>108</sup>. A partir de 26 de Janeiro de 1991 os disparos contra Israel tinham cessado (Finlan, 2003).

Outro grande incidente ocorreu a 29 de Janeiro de 1991, em que inesperadamente se deu o primeiro grande encontro entre as forças da coligação terrestres e as forças iraquianas.

As forças da coligação foram surpreendidas com um ataque por parte das forças de Saddam à cidade de Al Khafji (Figura 71) com uma das suas melhores divisões<sup>109</sup>. Esta surpresa deveu-se ao facto da aviação da Coligação não ter detectado o avanço das forças iraquianas. O porquê de Saddam ter atacado esta cidade Saudita junto à fronteira com o Kuwait, ainda permanece dúvida, porque essa cidade não possuía grande valor militar o que punha em causa o seu valor estratégico. Tendo em conta que a maior parte dos seus residentes tinham sido evacuados, leva à hipótese do ataque estar relacionado apenas com motivos de propaganda. O assalto inicial iraquiano obrigou as tropas da coligação a retirar da cidade, mas, através do poder aéreo<sup>110</sup> retomaram a iniciativa atacando as forças iraquianas. A força de contra-ataque foi organizada pela Arábia Saudita, permitindo retomar o controlo da cidade em 31 de Janeiro de 1991<sup>111</sup>. Esta batalha ficou conhecida como a Batalha de Al Khafji (Finlan, 2003).

---

<sup>108</sup> Duas outras medidas foram tomadas para tentar solucionar esta situação. Uma, através do uso de aviões para localizar e destruir os sistemas de lançamento Scud. Outra forma, foi através do uso de forças especiais americanas e inglesas que eram lançadas no interior do território iraquiano a fim de destruir os sistemas de mísseis. Através do domínio das principais rotas de reabastecimentos por estas forças, obrigaram os sistemas de mísseis a retirarem para o interior do Iraque, e consequentemente reduzindo o alcance do míssil.

<sup>109</sup> A quinta Divisão Mecanizada juntamente com Brigadas vindas da 1ª Divisão Mecanizada e 3ª Divisão Blindada.

<sup>110</sup> Com aviões e helicópteros.

<sup>111</sup> Da Divisão iraquiana, apenas 20% regressou ao Iraque.

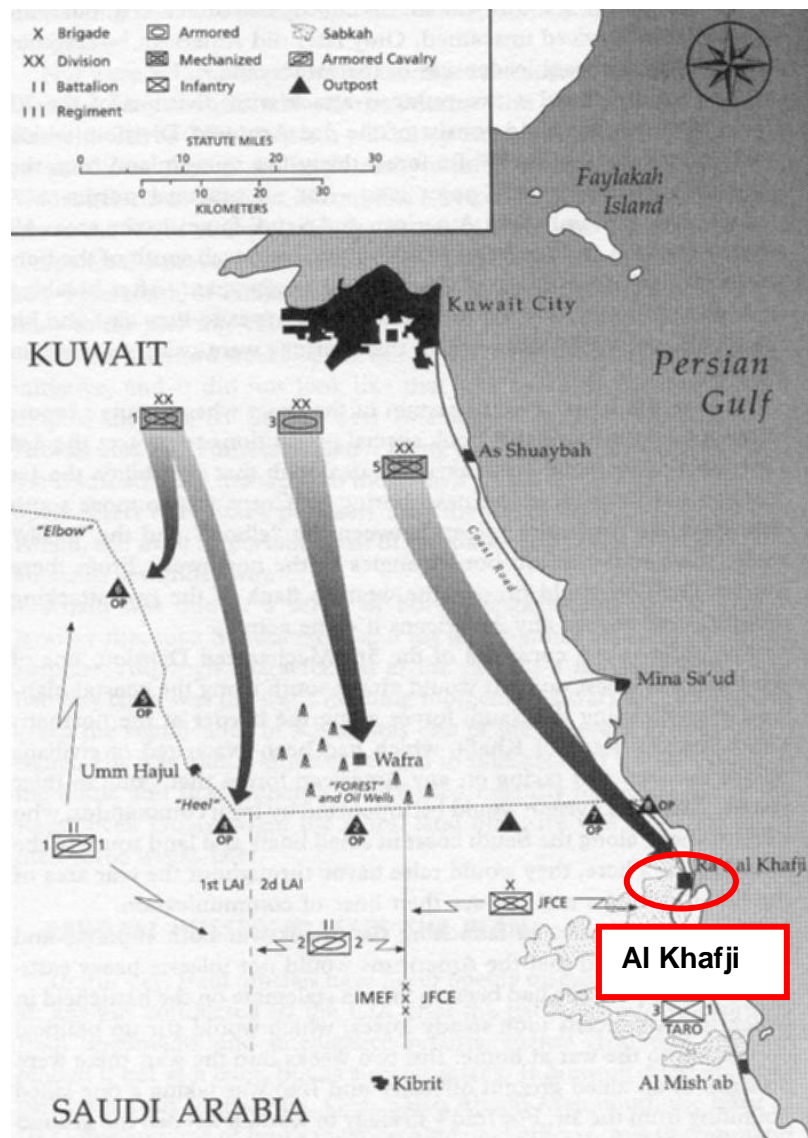


Figura 71: Ataque à cidade de Al Khafji pelas forças iraquianas  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. J2.

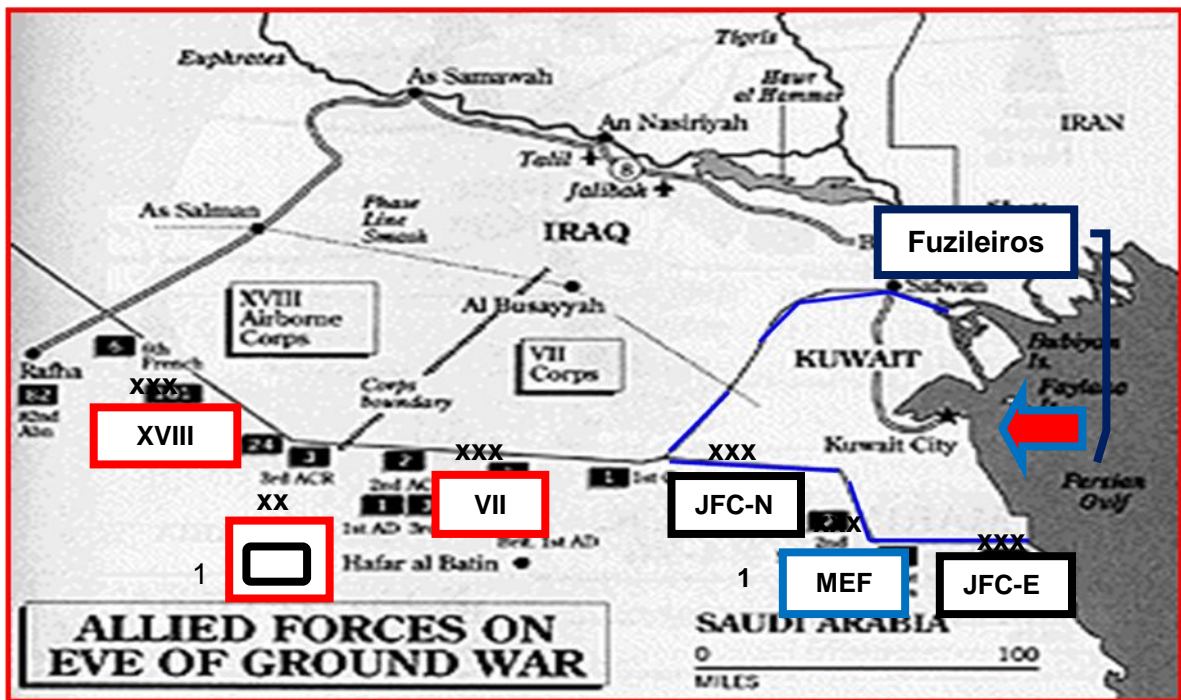


Figura 72: Forças na linha de partida  
Fonte: Lousada, 2008.

## **ANEXO N**

### **PLANEAMENTO DA OPERAÇÃO *DESERT STORM***

Várias opções foram ponderadas sobre a forma como se iria libertar o Kuwait.

Uma primeira opção seria a entrada directa na Cidade do Kuwait a partir de Hafar Al Batin, por ser o itinerário mais directo em direcção à capital do Kuwait (Figura 73). Este ataque seria realizado com um CE a atacar directamente a Oeste da cidade para alcançar uma posição defensiva perto da região de Al-Jahra. Como principais desvantagens, este ataque para além de deixar as forças vulneráveis a contra-ataques, iria produzir um elevado número de baixas, porque o ataque à cidade do Kuwait era o mais previsível, uma vez que as resoluções da ONU não previam uma invasão do território iraquiano (Lousada, 2008; Ribeiro, 2000).

Uma segunda modalidade de acção consistia num desembarque anfíbio na costa Kuwaitiana, logo no início da ofensiva terrestre (Figura 74). Isto seria possível graças à superioridade aérea e naval e à proximidade da cidade do Kuwait através das praias. Esta opção foi posta de lado porque, para além do elevado número de baixas causado pela boa preparação das posições defensivas e pelas praias minadas, as forças da Coligação perdiam o factor surpresa, uma vez que essa modalidade seria óbvia (Lousada, 2008; Ribeiro, 2000).

Para materializar estas duas modalidades de acção tornou-se claro que era necessário conquistar uma posição central no interior do Iraque, uma vez que o esforço defensivo iraquiano se encontrava no litoral e junto à fronteira com a Arábia Saudita. Isto obrigava a que as reservas iraquianas se empenhassem antecipadamente não permitindo o reforço às forças na Cidade do Kuwait. Para tal as forças de Fuzileiros e Navais simulavam o esforço em direcção à Cidade do Kuwait (Figura 75) (Lousada, 2008).

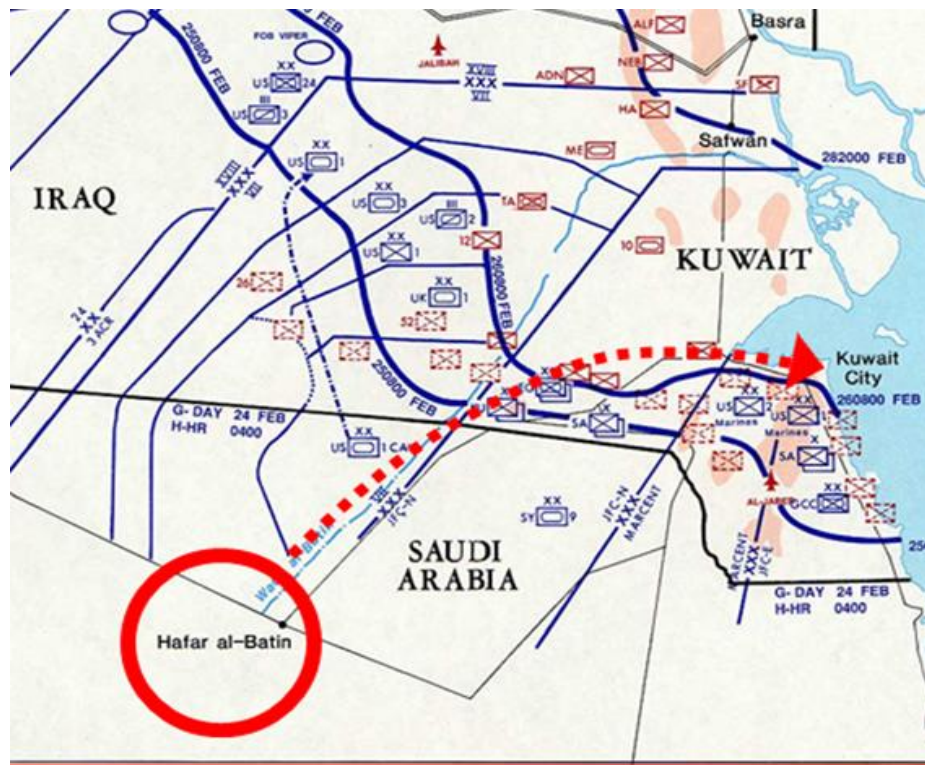


Figura 73: O itinerário de Hafar Al Batin  
Fonte: Lousada, 2008.



Figura 74: Desembarque anfíbio na costa Kuwaitiana  
Fonte: Lousada, 2008.

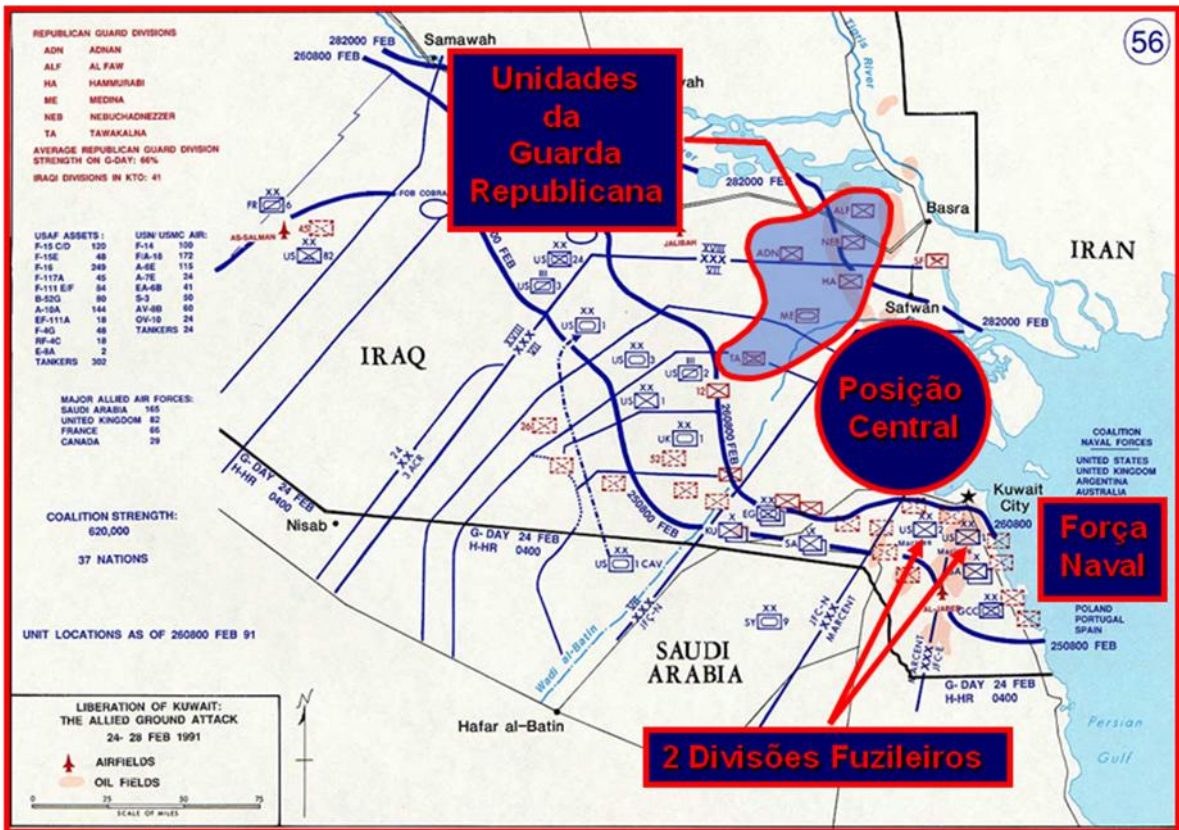
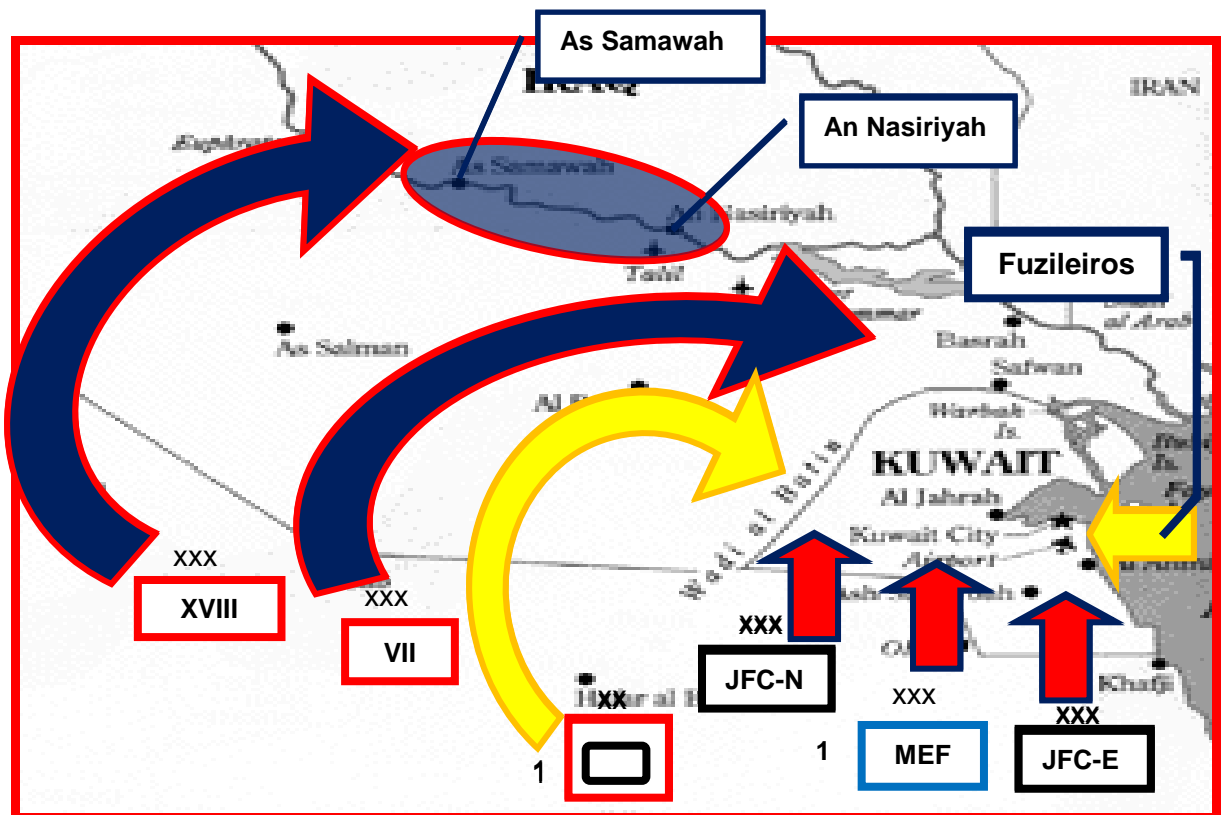


Figura 75: Forças de Fuzileiros e Navais simulando o esforço em direcção à Cidade do Kuwait  
Fonte: Lousada, 2008.



- LEGENDA**
- Ataque principal
  - Ataque Secundário
  - Acção de decepção

Figura 76: A acção planeada  
Fonte: Lousada, 2008.

## ANEXO O OFENSIVA TERRESTRE

### Primeiro Dia de Operações

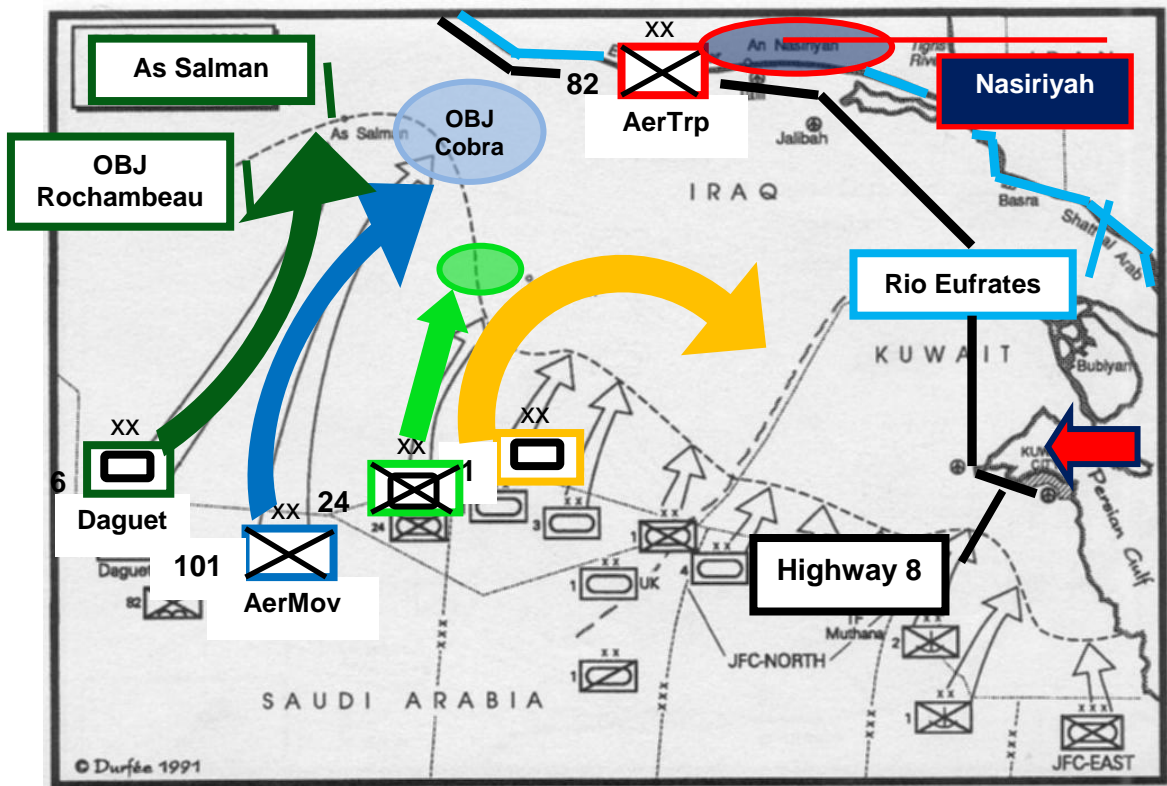


Figura 77: Acções realizadas pelas unidades do XVIII CE AerTrp  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. J9.

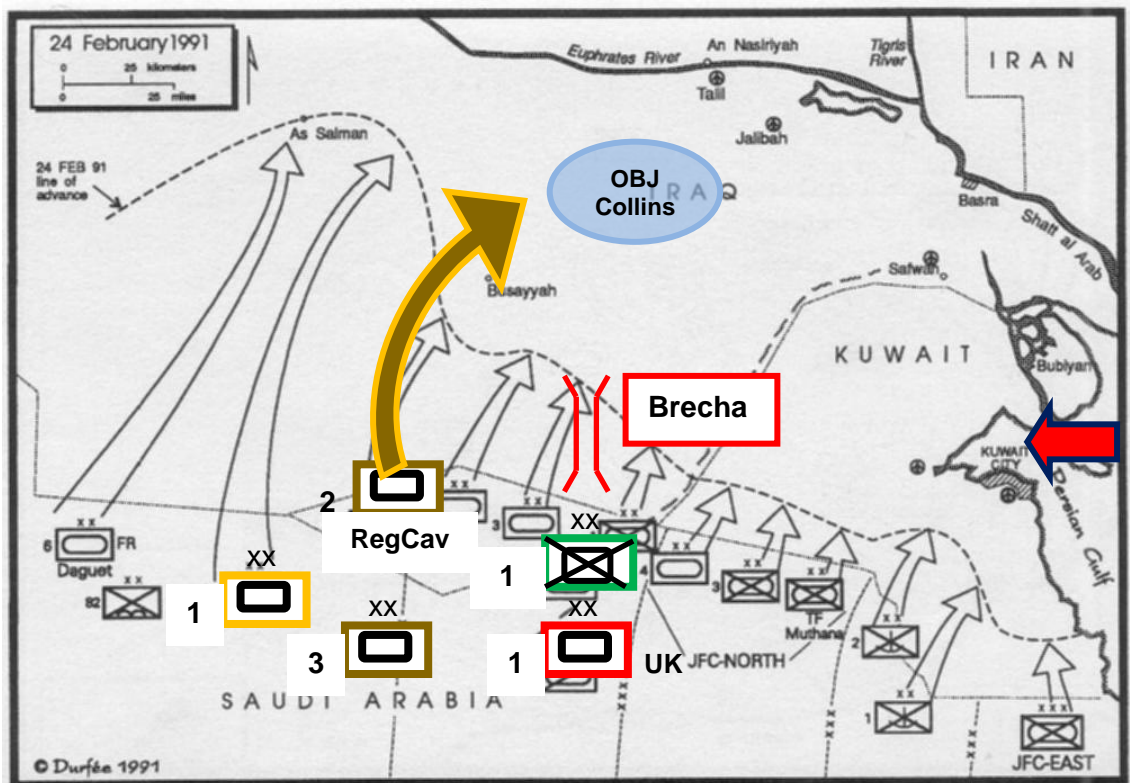


Figura 78: Acções realizadas pelas unidades do VII CE Blind  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. J9.

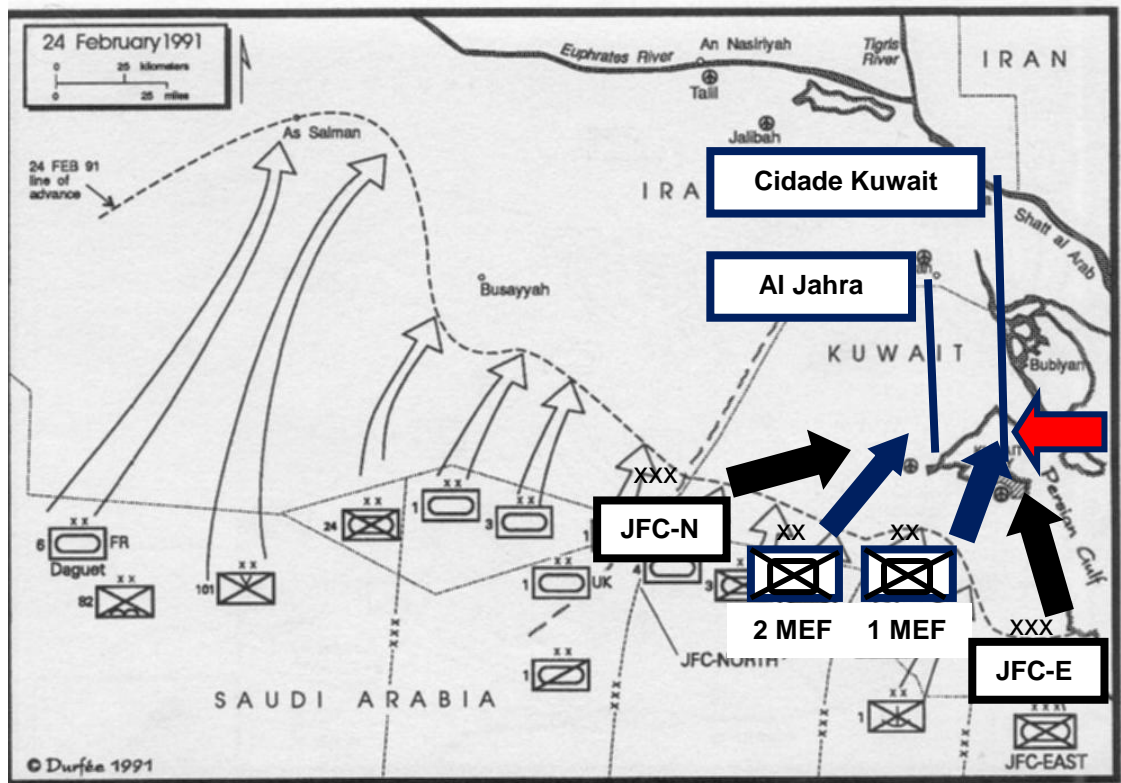


Figura 79: Ações das unidades de Fuzileiros e Árabes  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. J9.

### Segundo Dia de Operações

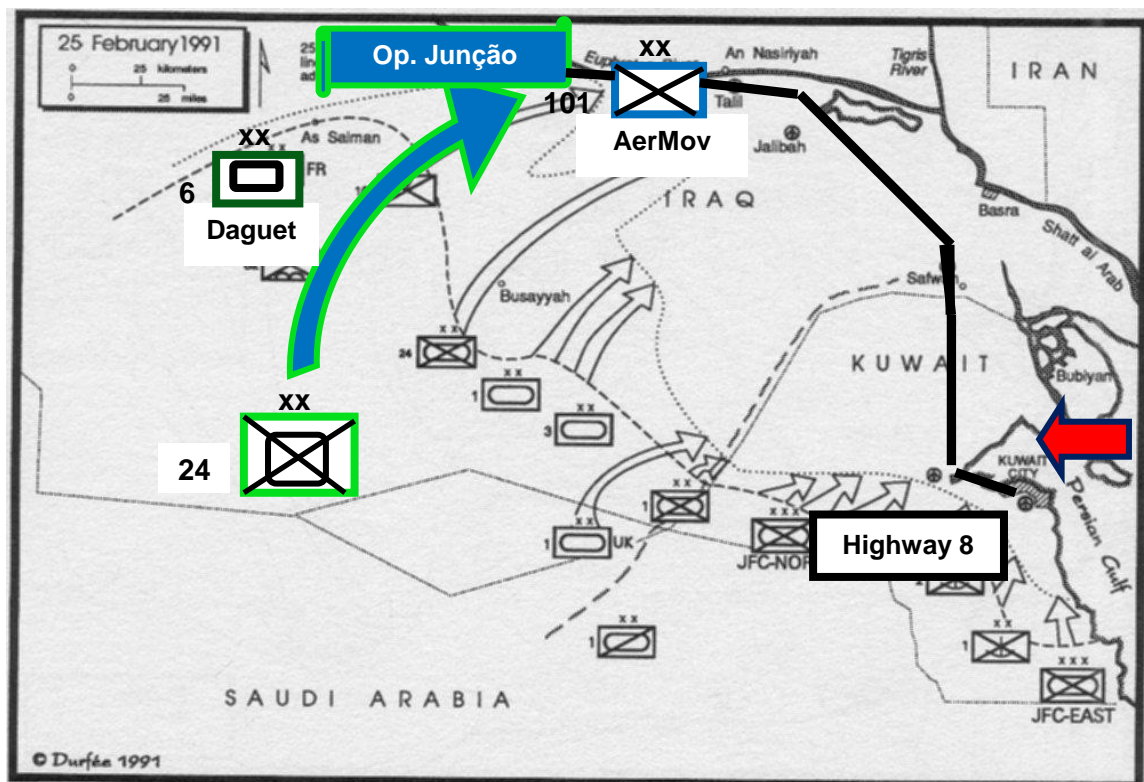


Figura 80: Op. de Junção realizada por unidades do XVIII CE  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. J11.

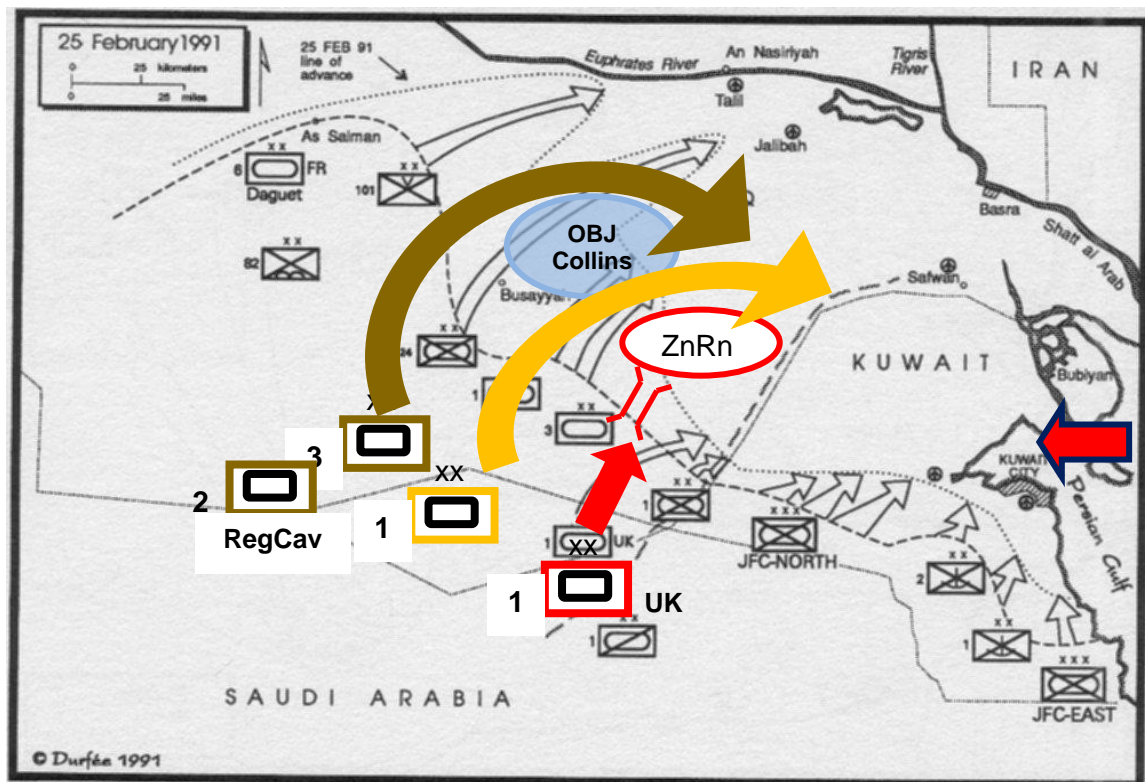


Figura 81: Acções desenvolvidas pelas unidades do VII CE Blind  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. J11.

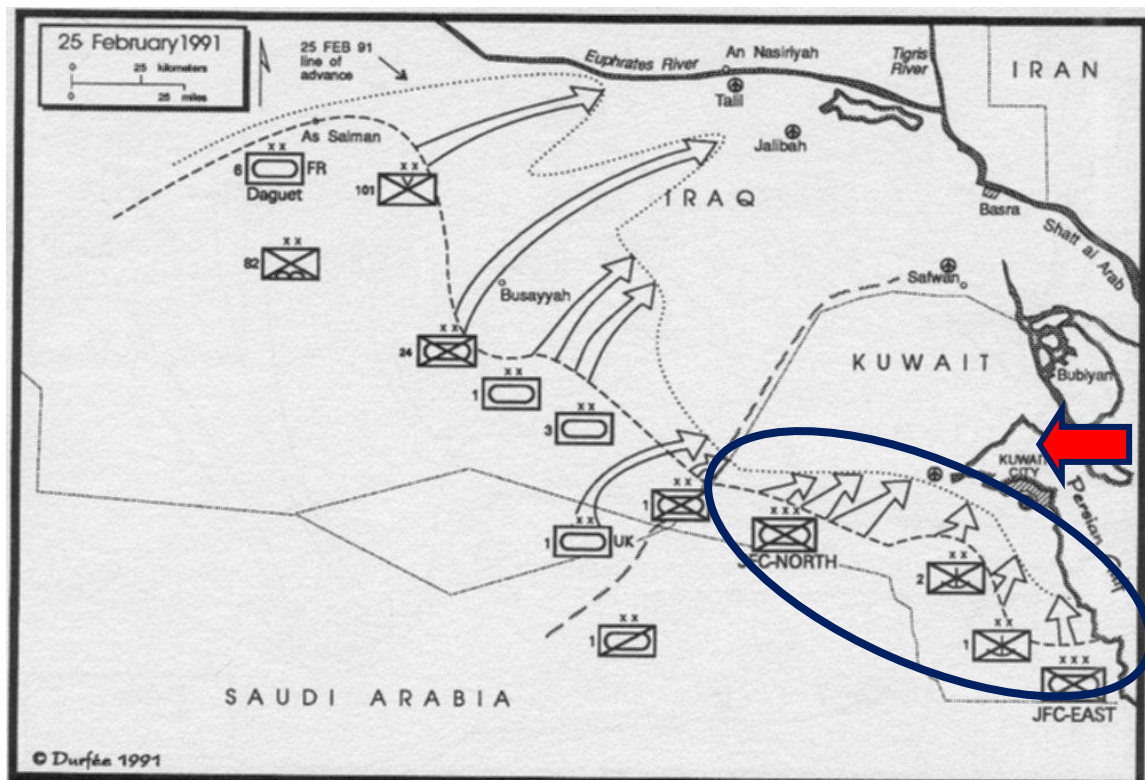


Figura 82: O contínuo avanço das forças mais a Este em direcção à Cidade do Kuwait  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. J11.

### Terceiro dia de operações

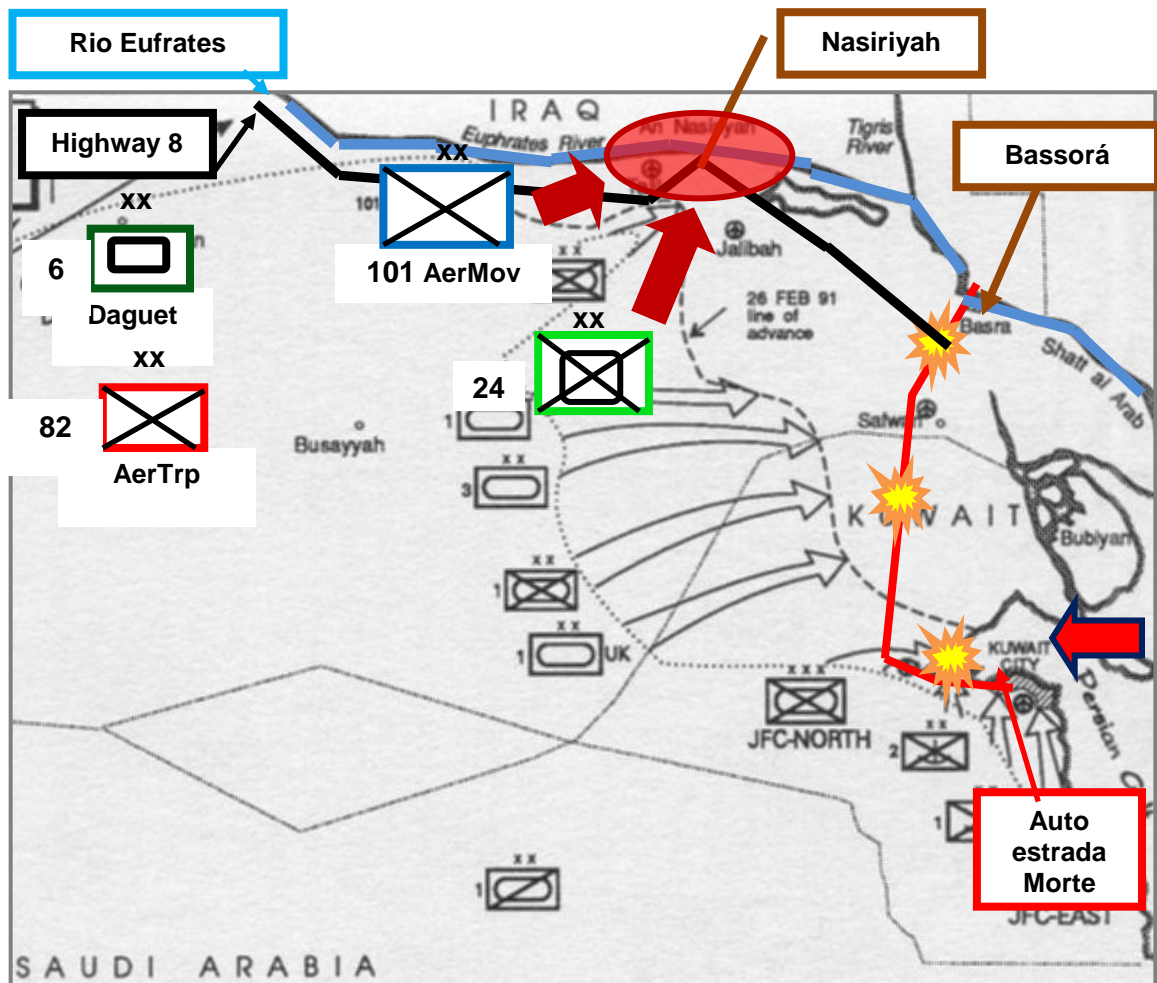


Figura 83: O XVIII CE conclui o seu envolvimento  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. J13.

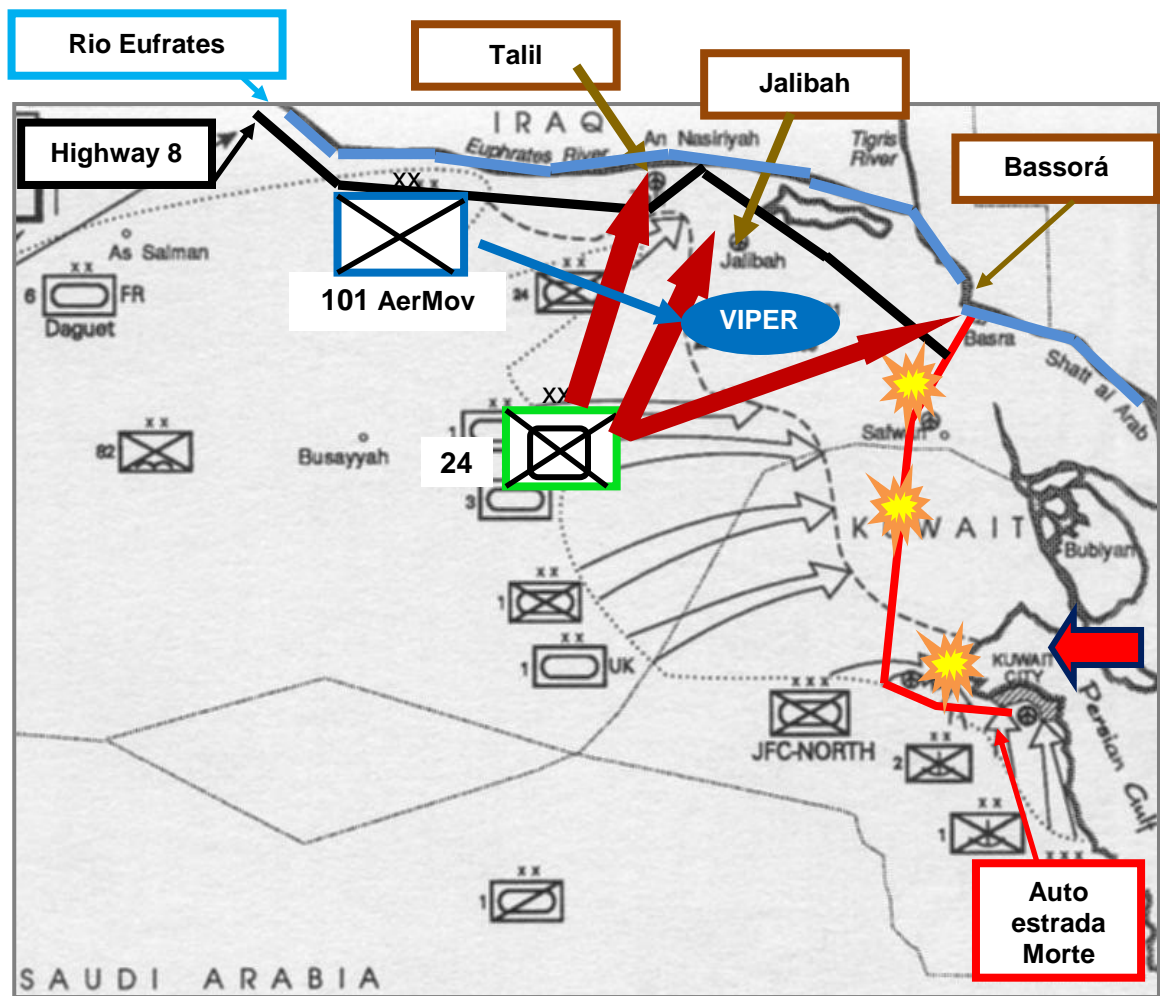


Figura 84: As forças do XVIII CE preparam-se para se juntarem ao VII CE no combate contra a Guarda Republicana  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. J13.

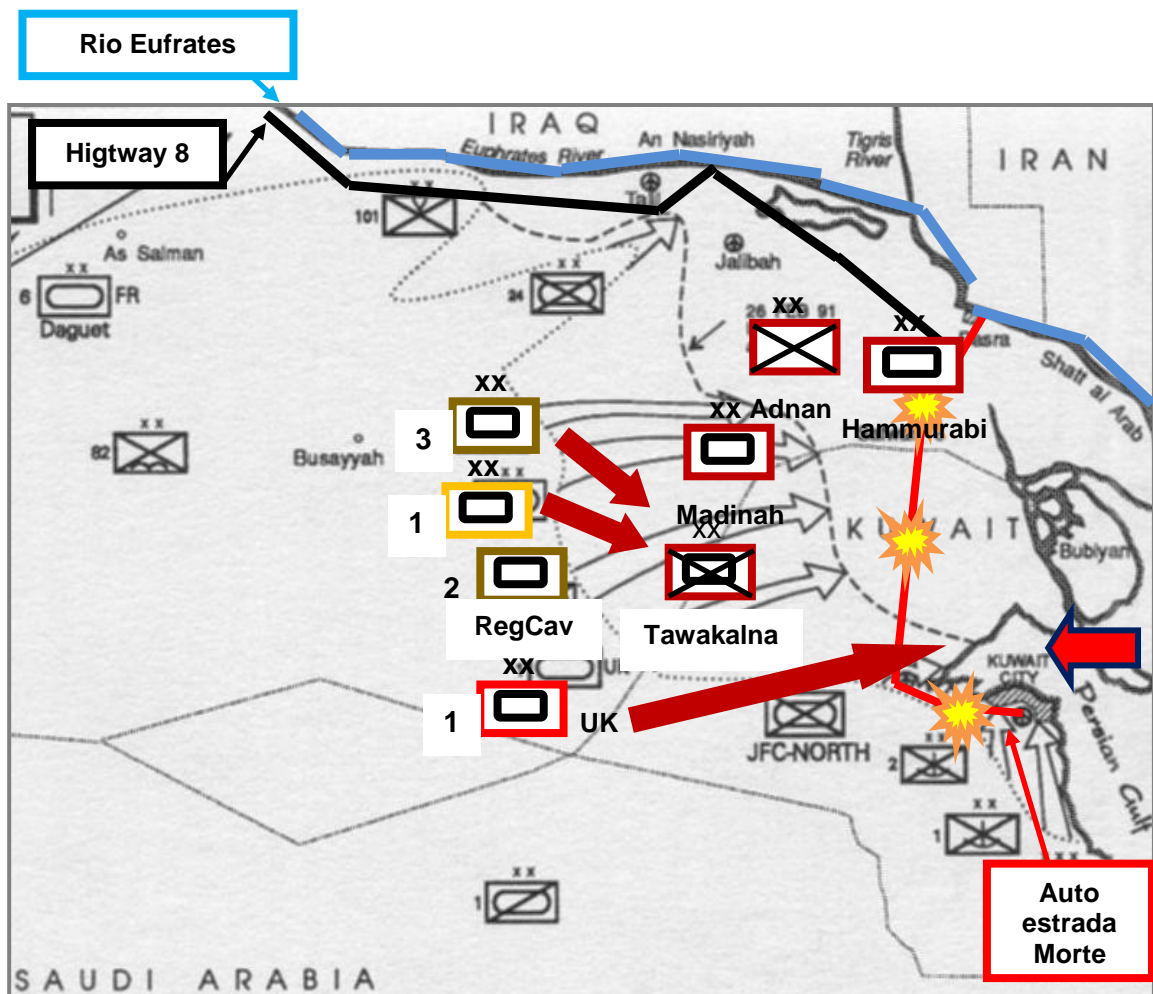


Figura 85: O VII CE cerca as forças da Guarda Republicana  
Fonte: Ribeiro, 2000, p. J13.

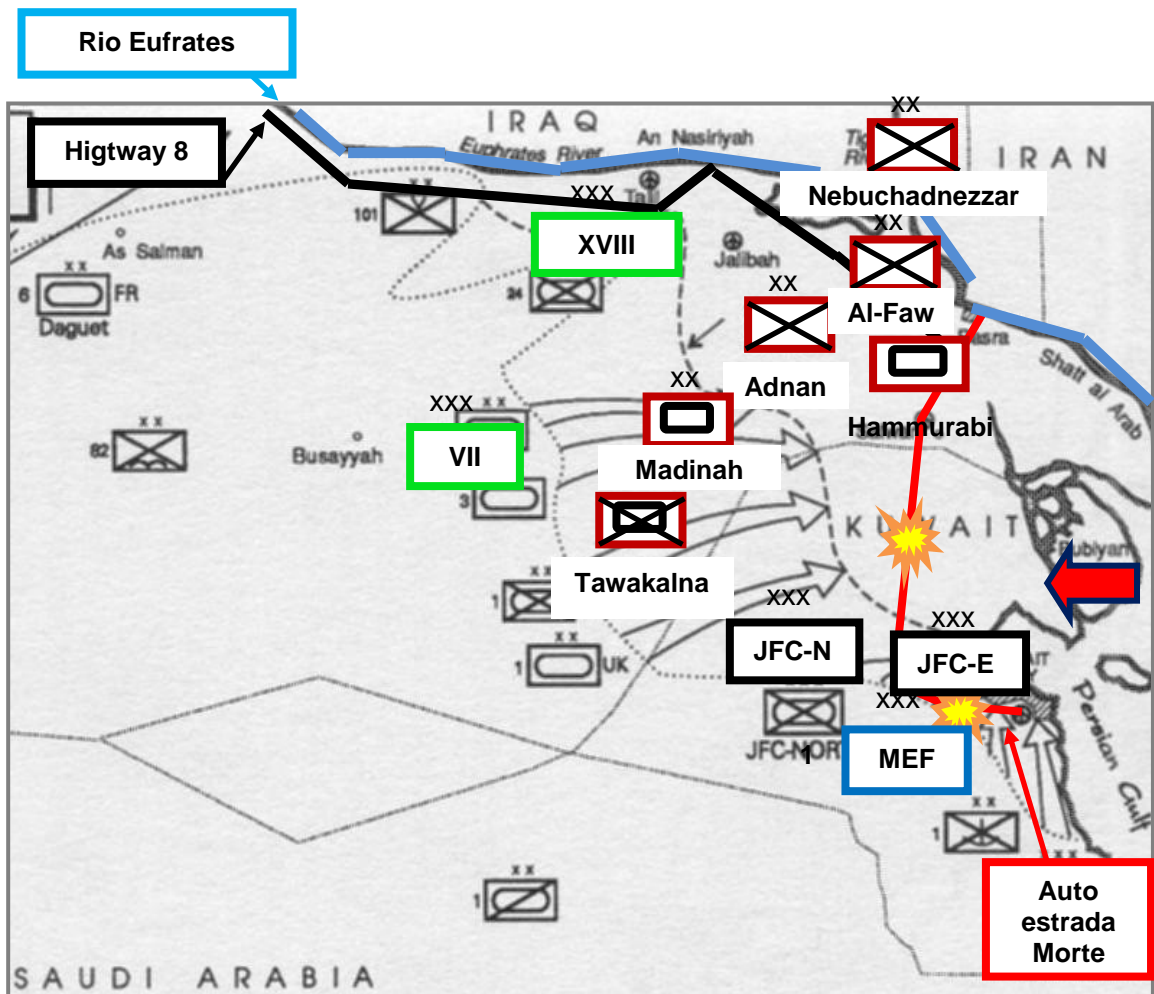


Figura 86: As forças da Coligação cercam a Guarda Republicana e as forças mais a Este entram na Cidade do Kuwait  
 Fonte: Ribeiro, 2000, p, J13.

### Quarto Dia de Operações

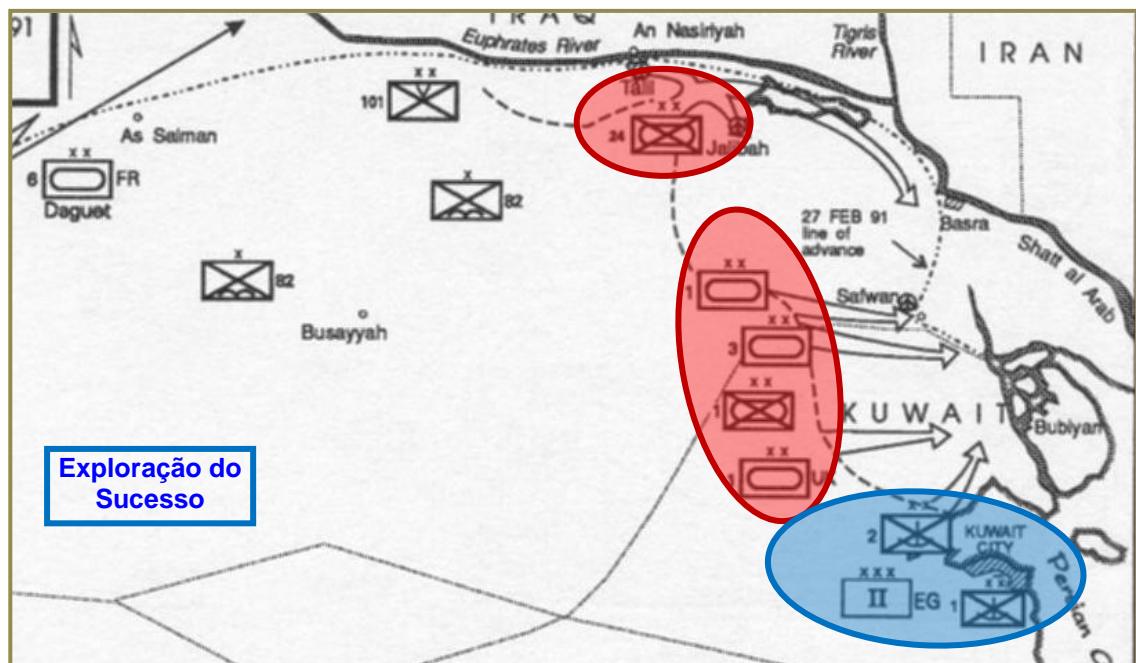
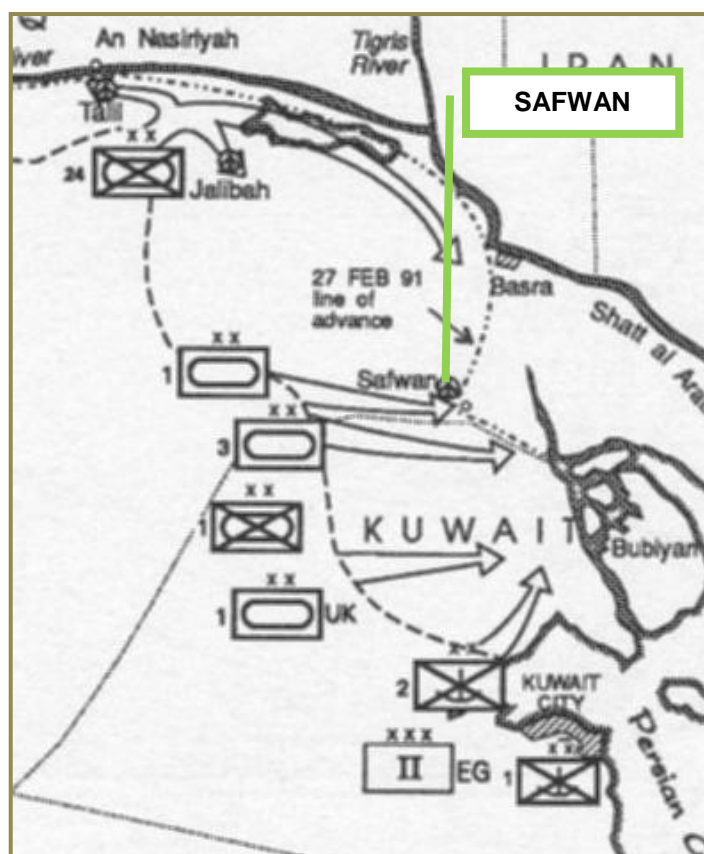


Figura 87: Exploração do sucesso  
 Fonte: Ribeiro, 2000, p. J14.

## Fim das Operações Militares

Na altura da suspensão dos combates, a 24 Divisão de Infantaria Mecanizada e a Divisão Hammurabi da Guarda Republicana estavam a poucos quilómetros uma da outra. A força iraquiana tentava escapar por um caminho que obrigatoriamente passava pelas posições da Divisão Mecanizada da Coligação. O ataque iraquiano fez com que a força americana respondesse apenas com fogos de Artilharia e helicópteros Apache. Milhares de soldados foram feitos PG e apenas alguns conseguiram passar a fronteira (Finlan, 2003). Este foi o último combate entre forças da Coligação e forças iraquianas.



**Figura 88: Local escolhido para conversações de cessar-fogo**

Fonte: Ribeiro, 2000, p. J14.

Na reunião entre as duas partes em Safwan, três assuntos foram debatidos resultando em discordância entre as partes. O primeiro relacionava-se com os milhares de cidadãos Kuwaitianos que foram levados à força para o Iraque. O general iraquiano contrapôs afirmando que todos aqueles que foram para o Iraque tinham ido voluntariamente<sup>112</sup>. O segundo ponto relacionava-se com a demarcação das fronteiras devido à linha temporária no momento do cessar-fogo. Ficou acordado que as fronteiras seriam as mesmas que eram antes da guerra. Por último, a questão da interdição do espaço aéreo, em que o Iraque

<sup>112</sup> Este assunto nunca ficou resolvido, apesar de alguns terem regressado ao país de origem, muitos permaneciam desaparecidos ainda em 2003 (Finlan, 2003).

queria utilizar helicópteros em volta do seu território visto as suas infra-estruturas estarem danificadas. Pedido este que foi aceite pela coligação (Finlan, 2003).

Desde a Guerra do Golfo os americanos e ingleses mantiveram interdições do espaço aéreo nas zonas a Norte e Sul do Iraque para impedir futuras atrocidades para com a população natural do país<sup>113</sup> (Finlan, 2003).

---

<sup>113</sup> Nomeadamente para com os Curdos e Shi'itas.

## ANEXO P PRINCIPAIS BAIXAS

Os valores quantitativos de baixas na Guerra do Golfo são difíceis de precisar, pois variam consoante as fontes. Para tal, vamo-nos apoiar nos valores apresentados por Finlan (2003) e um artigo de Ribeiro, Menezes e Macieira (2005) na revista *Proelium*. Os valores vão ser referentes apenas às baixas das forças terrestres, durante a Operação *Desert Storm*.

Uma das características desta guerra, foi o seu reduzido número de baixas em combate para as Forças Coligação.

Os EUA tiveram como baixas:

- Cerca de 147 mortos em combate;
- Cerca de 450 soldados feridos em combate;
- Cerca de 1.500 americanos mortos resultantes de outras causas (doenças e acidentes);
- Cerca de 152 americanos morreram de fogo não hostil (fratricídio).

Os restantes países das forças da coligação tiveram como baixas:

- Cerca de 99 mortes em combate, dos quais cerca de 29 pertenceram à Arábia Saudita;
- Cerca de 450 soldados feridos em combate;
- Os Britânicos tiveram de retirar cerca de 700 militares do golfo devido a doenças ou acidentes (Finlan, 2003).

Segundo a *Interim Report* os valores apresentados foram os seguintes:

Os EUA tiveram como baixas:

- “148 mortos;
- 458 feridos em combate;
- 138 mortos não devidos ao combate;
- 2978 feridos não devidos ao combate” (Ribeiro, Menezes e Macieira, 2005, p. 110).

Os restantes países das forças da coligação tiveram como baixas:

- “192 mortos;
- 318 feridos em combate” (Ribeiro, Menezes e Macieira, 2005, p. 110).

Mais preocupante foi o número de baixas iraquianas.

Segundo Alastair Finlan (2003):

- Cerca de 10.000 a 20.000 mortos em combate;
- Cerca de 25.000 a 250.000 feridos.

Segundo a revista *Proelium*:

- “mais de 100.000 soldados iraquianos mortos;
- 300.000 feridos;

- 150.000 desertores;
- 60.000 PG” (Ribeiro, Menezes e Macieira, 2005, p. 112).

Relativamente a baixas civis:

- Cerca de 1.000 a 15.000 mortes;
- Aproximadamente 6.000 feridos (Finlan, 2003).

Um dos assuntos mais marcantes nas nações ocidentais que participaram na guerra do golfo, foi o aumento do número de veteranos que, ou morreram ou sofreram, de doenças desde 1991. Este fenómeno tornou-se conhecido por o síndrome da Guerra do Golfo. Uma variedade de factores foram levantados como possíveis causas, por exemplo, o uso de urânio nas munições dos CC. Estas munições libertavam uma grande quantidade de urânio quer no momento do disparo quer no atingir do alvo. Nalgumas comunidades no Iraque ocorreram nascimentos anormais e níveis mais elevados de cancro comparado com os veteranos da coligação. Outra possível causa era o cocktail de drogas dadas aos militares para os proteger da guerra química e biológica. Muitas dessas drogas sofreram anos de experiências, mas algumas dúvidas foram levantadas sobre o efeito a longo prazo destas poderosas vacinas combinadas. Uma possibilidade final, tem a ver com os ataques de mísseis Scud à Arábia Saudita com possível uso de substâncias químicas e biológicas por Saddam (Finlan, 2003).

Estas possibilidades ainda são alvo de investigação.

Em termos de meios e equipamentos, através da análise do quadro 11, podemos concluir que o equipamento iraquiano em CC, peças de Artilharia e VBTP, ficou na sua grande totalidade destruído tendo em conta a sua dotação operacional. As baixas menos significativas foram relativamente aos helicópteros e aviões, possivelmente por muitos deles nem sequer terem saído dos bunkers.

A Coligação pelo contrário, através da dotação operacional podemos verificar que as baixas foram mínimas. O valor mais elevado foi relativamente aos aviões.

Designação	Equipamento Total			
	Iraquiano		Coligação	
	Perdas	Operacional	Perdas	Operacional
<b>CC</b>	4.000	4.230	4	3.360
<b>Peças de Artilharia</b>	2.140	3.110	1	3.633
<b>VBTP</b>	1.856	2.870	9	4.050
<b>Helicópteros</b>	7	160	17	1.959
<b>Aviões</b>	240	800	44	2.600

**Quadro 11: Perdas de equipamentos**

Fonte: Ribeiro, 2000, p. K3.

**APÊNDICES**  
**APÊNDICE Q**  
**GUIÃO PARA ENTREVISTA**

<b>ACADEMIA MILITAR</b> <b>TIA – A Guerra do Golfo de 1991</b> <b>GUIÃO PARA ENTREVISTA</b>	
ASP AI INF Miguel Faro Email: <a href="mailto:miguelfaro338@hotmail.com">miguelfaro338@hotmail.com</a>	tel: 96 2714016
Local:	Grupo Data Hora:
<p>No seguimento da investigação dedicada à questão central: <b>“Quais as lições aprendidas relativamente ao emprego das armas combinadas pelas forças terrestres, na Guerra do Golfo de 1991?”</b>, pretendemos entrevistá-lo acerca das dificuldades e vantagens do emprego operacional e tático das armas combinadas, na Guerra do Golfo de 1991.</p> <p><b>Antecipadamente, agradecemos a atenção solicitada.</b> A resposta às seguintes questões pretende-se: breve e simplificada, de modo a não ocupá-lo por muito tempo.</p>	

NOME COMPLETO:

POSTO:

ARMA/SERVIÇO:

FUNÇÃO ACTUAL:

UNIDADE:

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS:

---

1. A Guerra do Golfo de 1991, pode ser considerada a **primeira guerra** a utilizar o **sistema de armas combinadas**?

SIM  NÃO   
1.1. Porquê?

2. As **Forças militares iraquianas** utilizaram um **sistema de armas combinadas**?

SIM  NÃO

3. As **Forças da Coligação** utilizaram um **sistema de armas combinadas**?

SIM  NÃO

Se sim, quais as **dificuldades** mais sentidas na **aplicação** das **armas combinadas**, por parte das **Forças da Coligação**?

4. Na sua opinião, qual o/os **princípio/s de combate** mais utilizados pelas **forças terrestres**?

5. Na sua opinião, quais os **factores** que tornaram esta **guerra** numa das **mais estudadas** da história militar recente?

6. Qual/quais os **meios ou equipamentos** das **forças terrestres**, que mais se **destacaram**?

7. Na sua opinião, quais as **principais lições** que se podem retirar desta guerra, no que diz respeito ao **emprego das armas combinadas**?

8. Deseja **acrescentar** mais alguma **opinião ou ideia**?

Terminou a Entrevista. Muito obrigado pela colaboração, serão transcritas as informações que forem autorizadas.

## **APÊNDICE R**

### **ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS**

Neste Apêndice tratamos as respostas obtidas com a realização de uma entrevista (Apêndice Q) a três oficiais superiores do quadro permanente. Os Oficiais entrevistados foram: o COR CAV Calçada, o TCOR INF Macieira e o TCOR INF Lousada.

A primeira entrevista foi realizada no dia 22 de Julho de 2008, pelas 15H00, no Instituto de Estudos Superiores Militares, ao COR TIR CAV José Carlos Filipe Antunes Calçada. O COR frequentou o curso de Cavalaria da Academia Militar de 1976 a 1981, e ocupa a função actual de Coordenador da Área de Ensino Específico do Exército no IESM.

A segunda entrevista foi realizada no dia 25 de Julho de 2008, pelas 11H30, no Estado Maior do Exército, ao TCOR INF Carlos Abílio Cavacas Macieira. O TCOR é licenciado com o curso de Infantaria da Academia Militar e ocupa a função de Adjunto Repartição de Recursos, na Divisão de Planeamento de Forças, no Estado Maior do Exército.

O TCOR Macieira realizou um trabalho com o tema “A Guerra do Iraque 2003. A Campanha”, durante a frequência do Curso de Promoção a Oficial Superior. Este trabalho apesar de incidir mais sobre a Guerra do Golfo de 2003 também possui uma análise da Guerra do Golfo de 1991, a fim de ser feita uma comparação entre as duas guerras. Daí que, muitas das suas respostas durante a entrevista são feitas com base nessa comparação.

A terceira entrevista foi realizada no dia 5 de Agosto de 2008, pelas 16H00, no Instituto de Estudos Superiores Militares, ao TCOR INF Abílio Pires Lousada. Para além de Licenciado com o curso de Infantaria da Academia Militar, o TCOR possui ainda uma Pós Graduação em História Militar e um Mestrado em Estratégia. Ocupa a função actual de Professor de História Militar no Instituto de Ensino Superior Militar.

As entrevistas foram especialmente direccionadas para dar respostas às questões colocadas, ou seja, obter opiniões e ideias que venham completar ou acrescentar toda a matéria tratada no trabalho.

De seguida, encontram-se escritas as principais ideias focadas nas respostas dos entrevistados.

#### **Primeira Questão**

Para o nosso COR Calçada, a Guerra do Golfo não foi a primeira guerra a utilizar o sistema de armas combinadas, se entendermos este conceito na simples utilização de CC e Infantaria, uma vez que este sistema já tinha sido utilizado em guerras anteriores como o Vietname, 2ª GM, Guerra da Coreia. Contudo, se entendermos este conceito de armas combinadas integrado numa doutrina de *Air Land Battle*, então, foi a primeira guerra a

empregar este sistema de unidades de Infantaria Mecanizada com CC, apoiados por helicópteros.

Para o nosso TCOR Macieira não se pode falar efectivamente de uma operação combinada, porque, embora se tenham empregue forças combinadas, o facto da campanha ter sido faseada com objectivos e centros de gravidade diferentes e a não existência de um comando único centralizado, fez com que não se verificasse uma total acção conjunta por parte das forças.

Para o nosso TCOR Lousada esta guerra também não foi a primeira a utilizar este sistema, porque este tipo de emprego de forças já tinha sido utilizado na 2ª GM e na Guerra da Coreia. Na sua opinião, foi sim a última guerra de cariz convencional e a primeira do período pós-guerra fria a utilizar um sistema marcado pela componente tecnológica ao nível de armamento, comando, controlo e comunicações.

### **Segunda Questão<sup>114</sup>**

Segundo o COR Calçada, as forças iraquianas utilizaram o sistema de armas combinadas, porque a sua doutrina baseava-se no Pacto de Varsóvia, em que nas operações defensivas os CC eram entregues às companhias de atiradores. Contudo, na perspectiva do *Air Land Battle*, o sistema de armas combinadas não foi utilizado.

Para o TCOR Lousada, apesar de estar previsto a sua utilização pelas forças iraquianas, este acabou por não se materializar. Perante o dispositivo iraquiano, em que unidades de Infantaria defendiam em 1º escalão, conjugadas com unidades de Cavalaria em 2º escalão essencialmente para repor as frentes, e as forças da Guarda Republicana como reserva a fim de contra-atacar, as forças da Coligação inviabilizaram este tipo de acção.

### **Terceira Questão**

Para o COR Calçada as forças da Coligação utilizaram o sistema de armas combinadas, em que as principais e únicas dificuldades foram aquelas causadas pelas condições meteorológicas e do terreno (por exemplo, para os helicópteros as tempestades de areia).

Na opinião do TCOR Macieira, teoricamente o sistema de armas combinadas foi utilizado, mas na prática não, pelos factores referidos na primeira questão.

Para o TCOR Lousada este sistema foi utilizado claramente, através das unidades de Infantaria montada, Divisões Blindadas, peças de Artilharia e helicópteros, que actuaram como um todo reduzindo a capacidade de resposta iraquiana. Por exemplo, a coordenação que existiu entre o XVIII CE Aerotransportado, VII CE Blindado, a Divisão Daguet e as unidades terrestres Árabes e ocidentais. Na sua opinião as dificuldades mais sentidas foram duas: a conjugação da fita de tempo pelas grandes unidades com a rapidez da progressão,

---

<sup>114</sup> O TCOR Macieira não respondeu a esta pergunta, uma vez que não tinha aprofundado o estudo no seu trabalho sobre as forças militares iraquianas.

devido à falta de resistência iraquiana, e evitar situações de fratricídio causado pelos fogos aéreos, de Artilharia, unidades mecanizadas e blindadas à medida que se ocupava o terreno no interior do dispositivo inimigo.

### **Quarta Questão**

Para o COR Calçada os princípios de combate mais utilizados foram: A economia de forças, manobra e surpresa (porque as forças iraquianas deixaram-se surpreender, uma vez que a manobra da Coligação era evidente). Apesar de não ser definido como um princípio, o COR considera que a simplicidade e a rapidez de reacção estiveram presentes. A simplicidade, no sentido de ser uma manobra relativamente simples, em que, se economizou onde se podia para se concentrar onde se devia, ou seja, através da rapidez conseguiu-se chegar à frente o mais depressa possível. A rapidez de reacção, por seu lado, estava relacionada com a diferença de alcances, em que, tem uma nítida vantagem quem possuir a melhor arma, com um maior alcance, permitindo adquirir o alvo e disparar primeiro.

Na opinião do nosso TCOR Macieira os princípios de combate mais utilizados foram o princípio da Massa e da Manobra. O princípio de Massa em termos de efectivos, o princípio da Manobra relativamente ao movimento dos dois CE por Oeste.

Segundo o TCOR Lousada o sucesso foi possível graças aos seguintes princípios das operações terrestres: objectivo devidamente identificado (anular as capacidades de combater das forças da Guarda Republicana – Centro de Gravidade), liderança (concentração do comando das forças num único oficial), informações (sobre meios, dispositivos, localização...das forças iraquianas), manobra e acção agressiva (fogo e movimento), simplicidade (da manobra executada), surpresa (criação de estratégias através de fintas), cooperação (inter-armas e inter-nações), segurança e protecção.

### **Quinta Questão**

Na perspectiva do COR Calçada, a Guerra do Golfo aliada à Guerra dos Seis dias e à Guerra de Yom Kippur foram as únicas guerras convencionais após a Guerra da Coreia. Para os EUA esta foi a principal e única dita convencional e “clássica” depois da Guerra da Coreia. Por outro lado, foi aquela em que se aplicou a doutrina *Air Land Battle*, uma doutrina construída nos anos 80 e aplicada naquele TO. Por último, a boa condução da guerra uma vez que o combate foi resolvido em cerca de 100 horas.

Para o TCOR Macieira, os principais factores foram: os meios envolvidos, o facto de ter sido a última guerra simétrica, a actuação das forças num campo de batalha linear e contíguo, e por último, foi a primeira guerra a pôr em prática elementos no âmbito da tecnologia e informação.

Para o TCOR Lousada os principais factores foram: o facto de ter sido uma guerra travada logo após a queda do muro de Berlim, por outro lado, apesar de ter sido uma guerra convencional mostrou um novo tipo de armas e equipamentos de elevado avanço tecnológico (como o avião F117, armas de precisão cirúrgica, Helis *Apache*, Blindados de nova geração e capacidade de comando, controlo, comunicações e computadores) permitindo maior precisão e letalidade dos fogos e conseqüentemente uma maior eficácia e grau de destruição, aumento do movimento e protecção e reduzido número de baixas. Mas mais importante de todos os factores, foi a forma de emprego de todo o poder letal do sofisticado equipamento e armamento da Coligação, em simultâneo com um conjunto de acções tácticas no âmbito da manobra terrestre (por exemplo: guarda de flanco, operação aeromóvel, operação aerotransportada, operação de junção, envolvimento vertical, fintas, envolvimento de flanco e retaguarda, fixação e ataques frontais). *“Relativamente a este último aspecto, a operacionalização em tempo simultâneo por diversas unidades deste «manancial» de manobras tácticas numa única campanha terrestre que durou meros 4 dias, representa um estudo incontornável e assaz exaltante para qualquer estudioso da História Militar. Na verdade, não vislumbro um exemplo comparativo nas guerras passadas, mesmo se incluirmos a própria 2ª Guerra Mundial”* (TCOR Lousada).

### **Sexta Questão**

Para o COR Calçada, os principais meios foram as três armas que consubstanciaram em termos de equipamento a doutrina do *Air Land Battle*, ou seja, o CC M1, a viatura *Bradley* e o helicóptero *Apache*.

Segundo o TCOR Macieira a superioridade tecnológica assumiu-se principalmente no uso do vector espacial, através do sistema de comunicações por satélite e o GPS.

Para o TCOR Lousada destacaram-se o equipamento e armamento individual do soldado americano, a viatura de Infantaria *Bradley* e o CC MA1 *Abram*.

### **Sétima Questão**

Para o COR Calçada, a primeira lição tem a ver com a interoperabilidade das armas combinadas. O sistema de armas combinadas só funcionou, porque as armas que se combinaram tinham as mesmas características (por exemplo, não faz sentido um CC M1 combater ao lado de uma viatura M113, mas ao lado de uma *Bradley* sim), ou seja, os EUA construíram modelos de unidades para responder à doutrina a pôr em prática. Como segunda lição, a rapidez apoiada pelo fogo foi a chave do sucesso da operação ofensiva porque desequilibrou o adversário. O ritmo e tempo da operação são determinantes na táctica e este material permitiu ritmos maiores, porque quando os iraquianos respondiam a uma acção já estava a acontecer uma segunda acção, ou seja, reagiam tarde de mais. A

organização das unidades em armas combinadas, permitiu actuar mais rapidamente que as forças iraquianas.

Para o TCOR Macieira uma primeira lição foi a forma sequencial, e não simultânea, com que ocorreram as operações (primeiro a utilização do meio aéreo e só depois o uso das forças terrestres). A segunda lição ao nível das operações conjuntas e combinadas, tem a haver com o facto de não ter existido um comando único para todas as forças da Coligação, e durante a Operação *Desert Storm*, as várias componentes não actuarem de forma totalmente coordenada e integrada, tendo cada uma os seus objectivos. Como terceira lição, o ritmo das operações embora tenha sido elevado não permitiu entrar no ciclo de decisão do adversário, ou seja, entrar no ciclo durante o qual o adversário recebe uma acção, analisa essa acção e reage. A quarta lição relaciona-se com o planeamento, em que a campanha foi completamente faseada pelo emprego das várias componentes. Por último, em relação aos níveis de condução da guerra, o GEN Schwarzkopf estava ao nível operacional, tendo planeado e conduzido a campanha mantendo as várias componentes ao nível tático.

Na opinião do TCOR Lousada a utilização de armas combinadas tem de ser de acordo com um planeamento que, detalhe a intervenção das diversas armas com uma devida coordenação de esforços. A grande lição a retirar desta guerra foi o emprego do helicóptero, juntamente com o CC, mostrando ser uma arma dominante no campo de batalha devido aos seus elementos de combate (protecção, movimento, fogo, choque e comando/ligação). O termo Agrupamento passou a fazer parte do vocabulário militar e cada vez mais é essencial o recurso a forças conjuntas e combinadas.

## Oitava Questão

Segundo o COR Calçada, o campo de batalha imaginado para o *Air Land Battle* era um campo de batalha mais ou menos linear, ou seja, à excepção de algumas acções das Operações Especiais e ataques aéreos, as operações aconteciam sucessivamente. Hoje em dia, o campo de batalha já não de acções sucessivas, mas sim simultâneas no tempo e espaço. A doutrina evoluiu. A doutrina do *Air Land Battle* foi construída para um possível recontro entre forças da NATO e do pacto de Varsóvia no centro da Europa. Esta doutrina funcionou para aquela situação em que se pretendia atacar os 1º escalões, deter os 2º escalões no combate em profundidade. Isto é verdade hoje em dia, porque não basta destruir é necessário conquistar e para tal são necessárias as duas funções de combate. Mas nos dias de hoje só isto não basta, é necessário algo mais porque a doutrina evoluiu.

O TCOR Lousada referiu ainda que na operação *Desert Storm* os principais adversários da coligação foram a comunicação social e os soldados iraquianos que se rendiam. Na sua opinião, esta guerra mostrou ainda a importância das forças conjuntas, através da campanha aérea e preparação do campo de batalha, mas que cabe, única e exclusivamente, ao Exército a capacidade de ocupar o terreno.